



Girassol

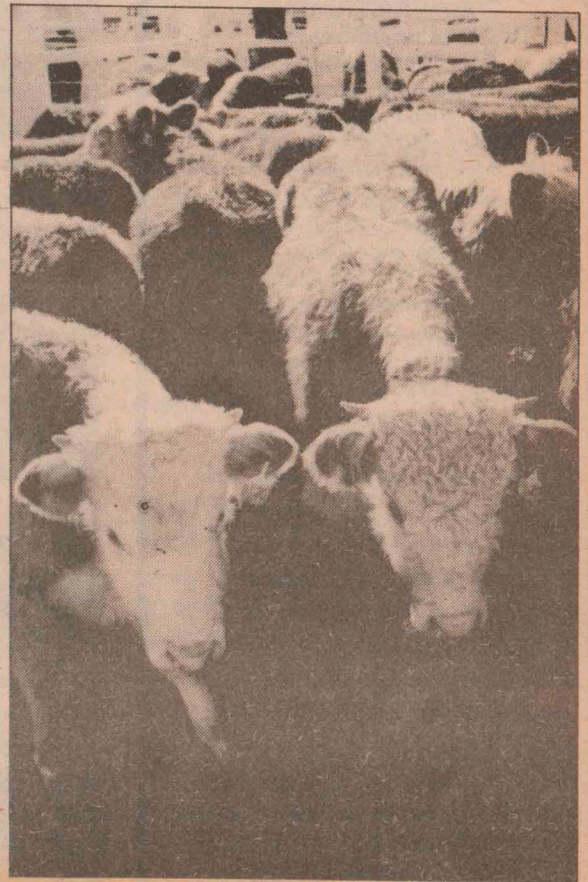
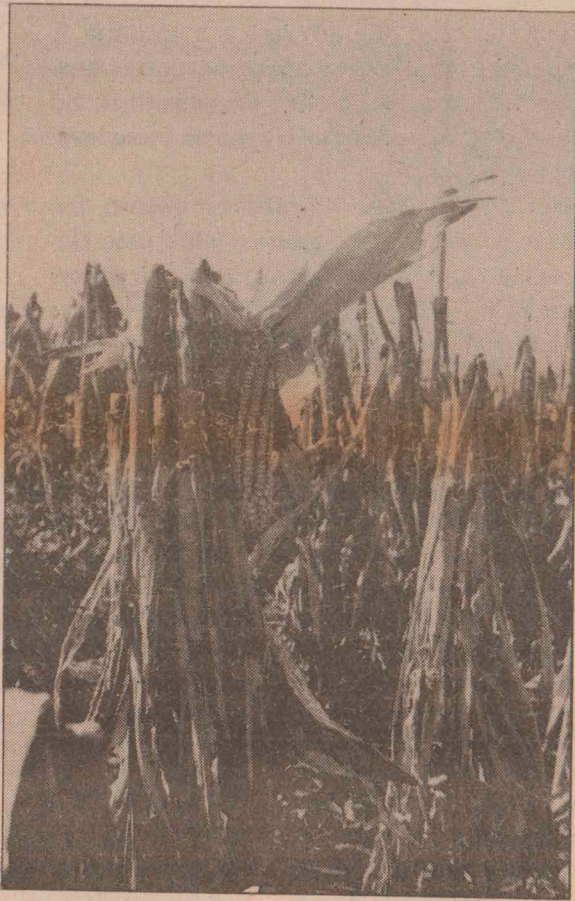
**QUEM SABE,
UMA OPÇÃO
PARA O
MATO GROSSO**

— Página 18 —

Milho

**QUAL A
IMPORTÂNCIA
DA VARIEDADE ?**

— Página 10 —



Pecuária

**PASSADA
A CRISE,
VOLTA A
AFTOSA**

— Página 4 —



Assembléia

**A DECISÃO
ESTÁ NO
DIA A DIA**

— Página 14 —

**Comercializar não
anda fácil**

**COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, esquina
Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-Presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldolmiro Meotti, Werner Ervin Wagner, Eduardo Augusto de Menezes, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Luis Régis do Amaral, Bruno Eisele e Walter Suliman Duarte.

Conselheiros (Efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann, Egon Eickhoff, Telmo Rovero Ross, Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz Kommers, Ido Marx Weiller, João Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Eloy Milton Frantz, Álvaro Darci Contri.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski Lopes, Avelino Righi.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 t
Ajricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto	77.000 t
Tenente Portela	60.800 t
Vila Jóia	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.)	50.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	48.000 t
Maracajú	84.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	84.000 t
Dourados	29.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 17.500 exemplares.

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. de Brum Lucchese

Composto no Jornal da Manhã, Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, Porto Alegre.

Este número do Cotrijornal tem de tudo um pouco.

Contamos uma experiência com girassol (uma oleaginosa) que está sendo feita no Mato Grosso e pode ser mais uma alternativa de cultura para os agricultores da região (veja na página 18).

A pecuária também é destaque nesta edição. Pena que falemos de uma série de problemas que estão sendo enfrentados pelos criadores, tanto de gado de corte como de gado de leite. No primeiro caso, os pecuaristas andam às voltas com um surto de aftosa como há tempos não se via no Estado. Bem quando a pecuária começa a se recuperar de uma violenta crise financeira, aparece nos rebanhos esta doença, que é considerada a pior praga da pecuária. Pior mesmo que um inverno dos mais rigorosos (na página 14). Na pecuária leiteira a situação também não anda nada tranquila. Muito antes pelo contrário: a confusão está grande desde que foi determinada a introdução de um novo tipo de leite no mercado: o especial, com 3,2 por cento de gordura. Veja na página 19. Ainda de pecuária se fala de um programa que estava sendo desenvolvido pela Cotrijornal em Dom Pedrito: repasse de vacas prenhas. Além de auxiliar o pequeno produtor, que dificilmente encontraria melhores condições para adquirir um lote de animais, o programa ainda visava a retenção de matrizes, que foram abatidas indiscriminadamente nos últimos anos, como um reflexo da crise que atravessou a pecuária. E este não foi apenas um reflexo: o abate de ventres quase que compromete o crescimento dos rebanhos. Só que a falta de crédito impediu que o repasse fosse levado adiante. Na página 12.

Outro assunto deste mês é o reflorestamento. Estamos apresentando um projeto desenvolvido pelo Departamento Técnico para o bom aproveitamento do solo através do plantio de árvores, sejam elas essências florestais, para a produção de lenha e madeira, ou espécies frutíferas. Na página 7.

O grande destaque da edição, porém, é a Assembléia que aconteceu no dia 28 de maio. Foram duas assembléias, melhor falando, e não apenas uma. A primeira foi de caráter ordinário, para a discussão de balanço, destinação de sobras e eleição do Conselho Fiscal. A segunda, foi para alterar os Estatutos Sociais da Cotrijornal, adequando-os mais à legislação em vigor e à nova realidade da Cooperativa. Foi uma assembléia feita com pouca gente. Mas para quem vem discutindo há tempos a Estrutura do Poder, não é difícil de entender a razão disto. Não é na Assembléia, afinal, que se tomam as grandes decisões da Cooperativa. Estas são tomadas no trabalho do dia a dia, com a participação direta do agricultor. A matéria da Assembléia começa na página 14.

A comercialização das safras agrícolas está dando uma tremenda dor de cabeça. Ninguém consegue se planejar a tempo de buscar as melhores alternativas de mercado para remunerar bem a produção do agricultor. Se a situação já andava bastante confusa nos últimos meses, só tende a piorar depois da divulgação de mais um pacote econômico, recheado de medidas que buscam conter a alta nos preços a nível de consumidor. Este pacote atinge diretamente a comercialização de arroz e de feijão. Mas a soja não ficou livre de problemas. Voltou a ser tabelado o farelo e foi criado um imposto sobre o óleo de soja, que até então não existia. Na página 3.

Outros assuntos abordados são o trigo, que vai ser muito mais plantado do que se pensava (a redução na área é de apenas 25 por cento em relação à safra passada) e financiamento das safras de verão. O Valor Básico de Custeio, se nada mudar até sua fixação, vai ser mesmo integral, ao contrário do que estava sendo anunciado até há pouco. Na página 25.

Do leitor

ASSISTÊNCIA ÀS COOPERATIVAS

O Centro de Assistência Gerencial do Espírito Santo, CEAG/ES, um dos membros do Sistema CEBRAE, Centro Brasileiro de Apoio Gerencial às Pequenas e Médias Empresas, é uma entidade civil sem fins lucrativos de Pesquisa, treinamento e assistência gerencial às micro, pequenas e médias empresas capixabas. Por outro lado, possuímos em nossa Empresa uma biblioteca responsável pelo tratamento e disseminação de informações técnicas no órgão com o objetivo de subsidiar os trabalhos desenvolvidos.

Considerando que atualmente o CEAG/ES está prestando uma grande assistência às Cooperativas do Estado, estamos empenhados em adquirir material bibliográfico sobre o Cooperativismo e assuntos similares. É por isso, que estamos solicitando uma assinatura do Cotrijornal e também se possível, alguns boletins, relatórios e outras publicações.

Joseze Azerezo Santos
Vitória - Espírito Santo

ÓRGÃO EDUCADOR

Como ex-membro desta equipe através do convênio Cotrijornal-Fidene e sabedor da utilidade do Cotrijornal como órgão educador e transmissor das inovações do sistema cooperativista, solicito o recebimento mensal deste jornal, já que estou trabalhando com a Secretaria de Agricultura e prestando serviço na Cooperativa Mista Agropecuária de Rondônia - Comaron.

Ademar Glicério Bianchi
Porto Velho - Rondônia

ORIENTANDO O AGRICULTOR

Por haver nos estabelecido com escritório de Planejamento Rural em Campo Novo, gostaríamos de receber, sempre que possível o Cotrijornal, o qual traz assuntos interessantes para nós, que necessitamos estar atualizados com tudo que diz respeito à agricultura para melhor orientar nossos agricultores.

Engº Agrº Elói J. de Quadros
Campo Novo - RS

AJUDANDO O COOPERATIVISMO

Na qualidade de professora de disciplina de Cooperativismo, do Curso de Engenharia Agrônômica, gostaria de receber o informativo Cotrijornal, dessa Cooperativa, o qual terá inestimável valor para a ministração da referida disciplina.

Luísa H. Falkenberg Rausch
Pelotas - RS

IMPORTÂNCIA INFORMATIVA

Solicitamos uma assinatura do Cotrijornal, editado por essa Cooperativa. Acreditamos ser o Cotrijornal, material de grande importância informativa para a nossa Gerência de Grãos.

Paulo Cesar Khury Menezes
Interbrás - Rio de Janeiro

ASSINATURA

Estamos solicitando duas assinaturas do Cotrijornal, que será de grande valia para nós, uma vez que estamos organizando nosso Departamento de Comunicação e Educação.

Cooperativa Samborjense de Cereais Ltda
São Borja - RS

CORRETO E IMPARCIAL

Senhor Diretor do Cotrijornal

Pelo presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Senhoria a Proposição do Vereador Celso Maboni da Câmara Municipal de Chiapetta, apresentada em Sessão Ordinária deste Poder Legislativo no dia 28 de abril de 80, no seguinte teor:

Proposição

Senhor Presidente e senhores Vereadores desta Casa Legislativa, proponho que se envie à Direção do Cotrijornal um voto congratulatório e de estímulo pelas divulgações corretas, imparciais e acima de tudo, de alto teor informativo dirigido para as classes a que se destina, e mais especificamente o agricultor.

Quero ainda, parabenizar a equipe de redatores quando divulga fatos de relevante interesse geral e verídico em seu conteúdo, como o foi, por ocasião de sua última edição, em que apontou dados contendo irregularidades, sobre o atendimento hospitalar do HCl., para com os associados do Funrural de Ijuí.

Queiram pois, nesta oportunidade, aceitar o meu apoio e a promessa firme de jamais silenciar a minha voz na Tribuna da Câmara de Vereadores e em qualquer lugar que esteja, em defesa de tão importante meio de Comunicação como é o Cotrijornal.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Chiapetta, em 05 de maio de 1980.

Auri Eickhoff, presidente da Câmara
Romirto Diettrich, Secretário da Câmara.



O MOMENTO É DE ALERTA

Outro dos "pacotes" de medidas que procuram conter a inflação nacional foi anunciado em meados de junho. Ele atinge o arroz e o feijão, que tiveram seus financiamentos suspensos completamente na fase de comercialização. A soja também sofre nesta área: volta o tabelamento do farelo e é criado ainda um Imposto sobre o óleo. O resultado é que a comercialização está completamente parada. Até quando, não se sabe.

Mais um "pacote" de medidas econômicas foi anunciado pelo Governo. E este, agora, é de lascar mesmo. Foram suspensos todos os financiamentos do arroz e do feijão, acabando com novas contratações de EGF (Empréstimo do Governo Federal) e com emissões de NPR (Notas Promissórias Rurais). No mesmo pacote, anunciado no dia 10 de junho, foram proibidas também novas exportações de farelo e de óleo de soja.

A situação da soja mudou dias depois, mas a confusão está grande em todo setor agrícola e a comercialização dos produtos anda praticamente suspensa.

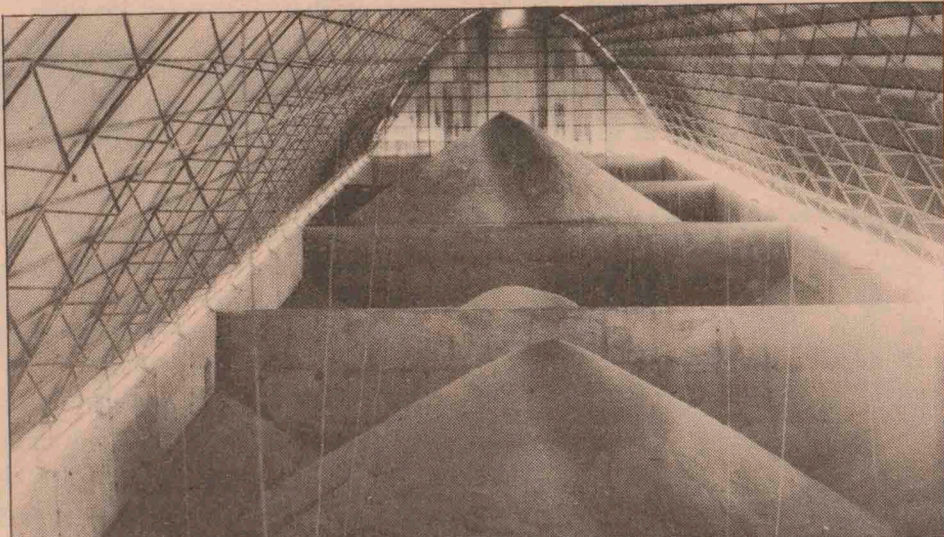
ARROZ

O EGF vinha sendo usado pelos produtores de arroz na tentativa de garantir a boa comercialização de sua safra. E este sempre foi um procedimento normal dos orizicultores: eles faziam o empréstimo junto ao Governo — no valor do preço mínimo para cada saco — e tinham o prazo de 120 dias para liquidar o empréstimo. Se durante este período aparecesse um preço melhor, com uma alta no preço, os produtores liquidavam a safra e devolviam o empréstimo tranqüilamente. O EGF existe também (e continua, pelo menos por enquanto, para os demais produtos amparados pela política de preços mínimos). Mas além de suspender o EGF do arroz e feijão, ainda foi dada a determinação para que todos os bancos liquidassem, no dia exato dos seus vencimentos, todos os créditos concedidos para o custeio das safras agrícolas.

A intenção anunciada pelo Governo para adotar estas medidas foi praticamente a de buscar a comercialização imediata dos produtos. Segundo o Governo os produtores estão segurando a safra, num claro jogo de especulação, o que provoca um aumento nos índices da inflação.

CLIMA DE VELÓRIO

Os orizicultores, é natural, gritaram contra a medida. Durante a realização do 17º Congresso Estadual de Economia Orizícola, que aconteceu em Bagé logo após a divulgação das medidas, os produtores receberam o governador Amaral de Souza num clima de velório. "Suavisita", falou o conselheiro do Irga (Instituto Rio-grandense do Arroz) Raul Di Primo, "é como um conforto à família que perdeu um ente querido". Todos os 700 participantes do



O arroz perdeu todos financiamentos de comercialização.



A soja sofreu outro tabelamento no farelo e um imposto no óleo.

Congresso concordaram com uma resolução proposta: a de que nenhum produtor venderá seu arroz se não forem suspensas as medidas tomadas em relação à comercialização do produto. Além disso, eles se negam a pagar suas dívidas, ameaçam reduzir a área de plantio na próxima safra e ainda se mostram dispostos a colocar suas máquinas nas ruas, a exemplo do que foi feito pelos produtores de soja no caso do confisco.

Até o secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, Balthazar do Bem e Canto, se manifestou contra as medidas oficiais. Segundo ele, nestas condições não há como os produtores colocarem no mercado os 32 milhões de sacos (cerca de 60 por cento da produção) que ainda falta comercializar, pois para isto eles dependem diretamente dos financiamentos governamentais. O secretário ainda garante que os produtores não estavam especulando na comercialização do produto, já que ela estava transcorrendo normalmente, numa cotação de Cr\$. . . 520,00 a Cr\$ 560,00 o saco.

Já para o presidente da Fea

roz (Federação das Cooperativas de Arroz), Homero Pegas Guimarães, a medida oficial é "tendenciosa":

— O Governo quer adquirir o produto a baixo preço para, depois, revender aos supermercados, subsidiando esta transação.

A Fearroz inclusive enviou uma comunicação para todas as suas 39 cooperativas filiadas (entre elas a Cotrijuí), aconselhando a paralisação total da compra, venda e entrega do arroz. O objetivo é prevenir possíveis prejuízos diante da medida restritiva do Governo.

SOJA

No caso da soja, aconteceu desta vez o mesmo que já anda ocorrendo pelo menos desde dezembro: uma instabilidade total na área de comercialização. No mesmo pacote de medidas restritivas à comercialização do arroz, foram também proibidas as exportações de óleo e de farelo. E fechando o mercado externo se provoca um excesso de produto no mercado interno, o que força o preço para baixo. Entre desmentidos e contradições que existiram durante toda semana, já foram liberadas para

exportação todas as cotas previstas para este ano (calculadas a partir do que sobra da produção depois de atendido o mercado interno) o que ficou de certo é um novo tabelamento para o farelo. E este tabelamento, fixado em Cr\$ 7,50 o quilo, como o pessoal pode lembrar, já existia, deixou de existir, voltou a ser imposto, foi suspenso outra vez e agora volta de novo. E isto tudo num período de pouco mais de 2 meses, a contar da queda do confisco.

IMPOSTO NO ÓLEO

Isto tudo sem contar que no final da semana, exatamente na sexta-feira, dia 13, foi anunciada ainda uma cobrança de 8 por cento de ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) sobre o óleo de soja, produto até então sem taxaço. Aí é que a coisa preteou mesmo. Acontece que este imposto sobre o óleo de soja é inconstitucional (não está previsto na Constituição, a Lei Maior do País e, portanto, é ilegal).

Quando se ficou sabendo deste imposto, praticamente ninguém deu uma importância demasiada a ele, pois sendo ilegal, mais dia ou menos dia deveria cair. Ou melhor, nem deveria ser pago. Mais daí as autoridades deram um jeito: legalizaram o imposto.

Feito isto, a situação ficou preta de vez. Por esta razão, na quarta-feira, dia 18 de junho, as cooperativas tiraram o preço da pedra. Inclusive indústrias fizeram a mesma coisa, deixando de comprar e de vender um grão sequer de produto. E não era para menos: estes 8 por cento representaram uma baixa de Cr\$ 26,00 por saco. Como o preço pago na terça-feira, até às 11 horas, era de Cr\$ 525,00 o produtor receberia apenas Cr\$ 449,00 já no dia seguinte. Conta o Cícero Coutinho, coordenador de Comercialização na Cotrijuí:

— Nós só podíamos sair do mercado depois destas medidas, pois seria muito mais prejudicial permanecermos operando com um preço destes. O produtor não iria aceitar. Pensamos que ficando sem preço seria muito melhor do que provocar uma revolta destas no produtor, enquanto a situação não se definir.

E assim estava a situação no dia 18, quando encerramos a edição deste jornal. Só que do jeito que anda toda esta política de comercialização das safras agrícolas, não é de estranhar se tudo já tenha mudado na manhã do dia seguinte.

Febre Aftosa

Um violento surto de aftosa está ameaçando o rebanho gaúcho. O surto começou a ser conhecido pelo público lá pelo mês de março, mas seguramente ele já iniciou no final do ano passado. Alguns animais já morreram, mas o que mais preocupa os criadores são as conseqüências da doença que é a maior praga da pecuária: a perda de peso dos animais, a interdição das propriedades, quando não se pode comercializar nenhuma rês, o elevado número de abortos que sofrem vacas prenhas, a esterilidade dos animais. Por causa deste surto foram suspensas todas as feiras de gado e está até mesmo ameaçada a realização da próxima Exposição Internacional de Animais em Esteio, prevista para o mês de agosto.

Enquanto o Estado calcula os prejuízos que está trazendo este surto, os criadores voltam a reclamar na ineficiência das vacinas contra a doença, que são de aplicação obrigatória em todo gado bovino a cada 4 meses. Efetivamente, muitos dos rebanhos vacinados foram atingidos pela aftosa. Os próprios técnicos reconhecem que ela não é 100 por cento eficiente, mas mesmo assim, é ainda a única forma que se tem à disposição para controlar a doença.

A MAIOR PRAGA DA PECUÁRIA

"Prefiro enfrentar um inverno dos mais rigorosos do que um surto de febre aftosa no meu rebanho", conta o seu Rivadavia Vicente y Silva, criador de 3.000 bovinos e cerca de 4.000 ovinos na localidade de Ponche Verde, em Dom Pedrito. Lá na sua propriedade, o surto de aftosa, que está deixando em polvorosa os criadores de toda fronteira, ainda não chegou:

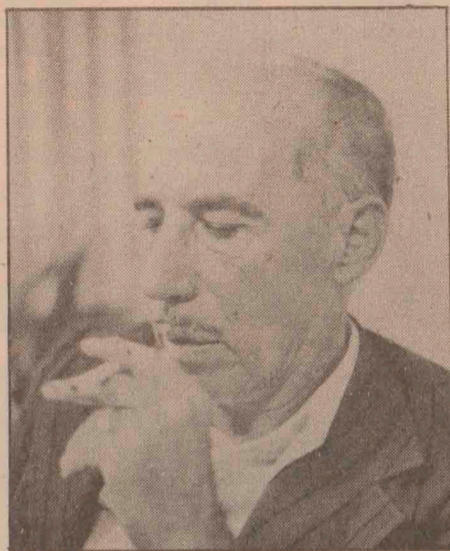
— E se Deus quiser, não chega. Há 16 anos atrás eu tive um problema destes, mas desde lá nunca mais meu rebanho sobreu de aftosa.

Já José Carlos Athayde não teve tanta sorte. Uma novilha de sobre-ano e ainda quatro terneiros morreram. Ele sabe direitinho até o dia em que o problema começou:

— Foi em 22 de abril, depois da enchente do domingo, dia 20, que encontrei uns 50 animais assolados. Foi uma contaminação violenta que em uma semana alcançou 300 reses. No final das contas umas 500 reses, entre vacas e animais de sobre-ano, foram atingidas pela febre.

O prejuízo maior do seu Athayde não foi, porém, a morte dos animais. Como conseqüência da febre, eles acabaram atingidos por miíases — a conhecida "bicheira" — e ficaram muito fracos, perdendo bastante peso. Sorte, se ainda assim dá para chamar, foi que seu Athayde tinha os animais prontos para entregar para o abate numa internada que fica a 24 quilômetros do local onde os animais foram atingidos:

— Este gado gordo, por pre-



Rivadavia: antes o inverno

venção, foi vacinado e por enquanto está resistindo.

A mesma atitude foi tomada por seu Edgar Severo, que providenciou em revacinar todo seu gado (1.400 reses) logo que a febre aftosa apareceu no rebanho de um vizinho, isto no mês de fevereiro. Ele conta:

— Eu já tinha vacinado em janeiro o gado e apareceu o surto no vizinho do lado, em fevereiro. Mesmo assim me morreu uma vaca, mas isto depois de ter sido vacinada, que já tinha o surto no rebanho. Para mim a febre atingiu umas 40 reses que até se reestabeleceram bem. O problema são os prejuízos que eu tive com os abortos que sofreram as vacas e a perda de peso.

Seu Edgar também teve a mesma sorte de seu Athayde, em manter os animais internados em outra propriedade:

— Se eles estivessem ali, onde deu o surto, não ia poder tirar o gado para levar para o abate.

Ele também se impressionou com a violência deste surto:

—A última vez que deu aftosa no meu rebanho faz cinco anos. E nunca o problema foi tão grande como agora. Tenho uma vaca lá que perdeu até os tetos.

Num cálculo por cima do prejuízo financeiro que ele teve com o surto de aftosa, seu Edgar perdeu tranquilo coisa de Cr\$ 70 a Cr\$ 80 mil. Além da vaca, que valia perto de uns Cr\$ 40 mil, a perda foi grande, considerando os abortos que ocorreram e a descaída do gado.

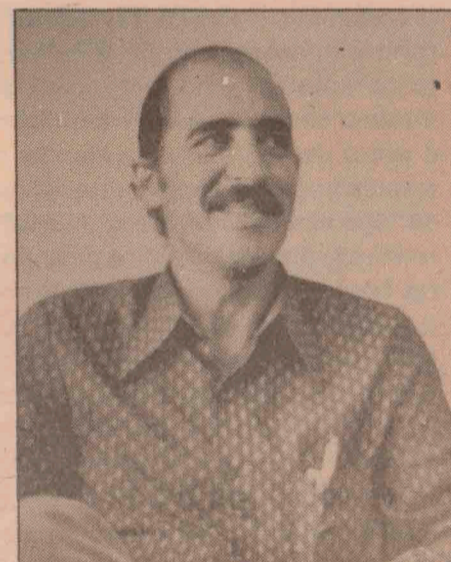
O menor prejuízo na verdade, sempre é a perda do animal. A mortandade no rebanho, por sinal, atinge até menos de 1 por cento dos animais atingidos pela febre aftosa, como conta o veterinário Cajaty da Rosa Freire, da unidade de Dom Pedrito.

— Nas chamadas regiões endêmicas, ou seja, nos lugares onde a doença existe constantemente, como o caso do Brasil, a mortandade é muito pequena. Já nos lugares onde os rebanhos jamais tiveram infecção ela pode até mesmo superar a 10 por cento.

O maior prejuízo são as conseqüências da febre aftosa: aborto nas fêmeas (o que diminui e retarda o crescimento do rebanho); perda de peso; esterilidade temporária ou permanente dos machos, pela degeneração testicular que acontece; esterilidade das fêmeas (pois a doença pode atingir a hipófise, que é uma glândulinha localizada no cérebro e responsável por todo controle hormonal do organismo e, portanto, também, da fertilidade do animal). Isto sem contar os problemas



José: o gado gordo resistiu



Edgar: surto violento

provocados pelo fechamento das propriedades impedindo totalmente o transporte de animais de um lugar para o outro, e a interrupção dos abates nos frigoríficos.

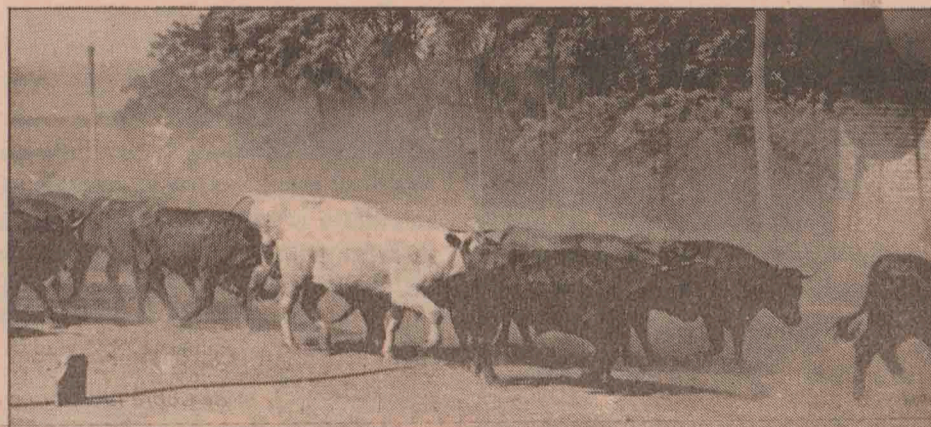
Os prejuízos são tantos que os criadores, como seu Rivadavia dizia, consideram a aftosa a maior praga da pecuária, maior mesmo que o inverno quando o pasto rareia e quem não está bem prevenido com pastagem vê seu gado minguar a cada dia que passa.

Como surge a doença

O Cajaty da Rosa Freire, veterinário na Unidade da Cotrijuí em Dom Pedrito, é quem explica como se transmite o vírus da aftosa: pode ser tanto pelo ar e pela água, como pelo contato direto com animais ou homens que venham de uma propriedade infestada. As moscas e mosquitos também podem levar a doença de um animal para outro e de um rebanho para outro. E a propagação da doença é violentíssima: de uma hora para a outra o animal adocece e daí só resta esperar os prejuízos e tentar evitar que outros animais também sejam atingidos.

Os sintomas da aftosa são bem

característicos: febre, salivação intensa (o animal fica babando), aftas no casco e na boca (ou apenas num destes locais). É por causa das aftas que aparecem que a doença recebeu o nome de aftosa. O animal fica babando, como explica o Cajaty, porque as aftas na boca incomodam bastante e a saliva age como um mecanismo de defesa para a dor. Além disso, as aftas não permitem que o animal se alimente direito. Além de babar por causa disto, dá até para dizer que o animal perde o "apetite", tanto de alimentos como de líquidos, perdendo assim bastante peso.



O índice de mortandade é pequeno. Mas as mortes são o menor prejuízo.

O QUE HÁ COM A VACINA?

O que se falou mal da vacina que combate a febre aftosa nos últimos tempos não foi brincadeira. Alguns criadores e líderes rurais compararam o produto a uma água colorida. Outros, e entre eles o presidente do Sindicato Rural de Uruguiana, Dirceu Lopes, lançaram suas baterias de críticas às multinacionais responsáveis pela fabricação da vacina. Segundo ele, "não é do interesse das multinacionais fabricar as vacinas que venham a erradicar completamente as doenças".

"A máquina publicitária", ele continua, "fez com que esses produtos sejam vendidos, atendendo ao interesse comercial de seus fabricantes, independente dos resultados negativos ou positivos que possam trazer. Se no Brasil são vendidos produtos farmacêuticos proibidos em outros países, colocando em risco vidas humanas, porque irão respeitar os animais?"

O descrédito na vacina é coisa antiga. Tanto que Nilo Xavier, da Inspeção Veterinária em Dom Pedrito, conta ser até que comum encontrar frascos de vacinas jogados nas ruas e beira de estrada. Como é obrigatória a aquisição do produto, os criadores não podem deixar de comprar a vacina. Mas mesmo comprando, alguns não aplicam, preferindo jogá-las fora do que vacinar o rebanho.

Hoje no Brasil, quatro laboratórios fabricam a vacina contra a febre aftosa: Rhodiá, Cooper, Noll e IRFA. Os dois primeiros são de multinacionais, en-

quanto o IRFA (Instituto Rio-Grandense da Febre Aftosa) pertence à Cotrijuí (a maior acionista), à Fecolã (Federação das Cooperativas de Lã) e à Fecocarne (Federação das Cooperativas de Carne).

Pois nós fomos pedir ao diretor técnico do IRFA, Ivo Farenzena, que nos dissesse afinal como é esta vacina e se ela é ou não é eficiente. A primeira coisa que ele conta é que a Febre Aftosa é uma doença provocada por um vírus de pequena dimensão e com grande plasticidade, ou seja, que apresenta diferentes formas. E não é apenas um vírus que provoca a febre: existem 7 tipos diferentes de vírus, sendo que três destes tipos são os incidentes nos rebanhos do Brasil e de toda América Latina. Os três tipos receberam a denominação de "A", "O" e "C".

Dentro dos tipos de vírus existem ainda variantes, que são chamadas de sub-tipos. Só para ter uma idéia, são encontrados 11 sub-tipos diferentes para o vírus tipo "O", 32 sub-tipos para o vírus "A" e 5 sub-tipos diferentes para o vírus "C".

"A partir destes dados", conta o Ivo Farenzena, "podemos concluir o quanto é difícil produzir uma vacina que forneça às espécies suscetíveis ao vírus aftoso um alto e prolongado grau de imunidade. Por este motivo, há repetições de vacinações de 4 em 4 meses".

Ivo também explica como são produzidas as vacinas no Brasil: com o vírus multiplicado em células renais de Hanster Neonato (B.H.K.), estando todos os laboratórios, de um modo geral, seguindo as mesmas tecnologias de produção.

Na indústria o controle do produto é efetuado em todas as fases de produção da vacina, desde a matéria prima a ser utilizada até o produto final. Entre os testes mais importantes estão o teste de inocuidade (se a vacina é inofensiva) e o teste de eficiência.

EFICIÊNCIA DA VACINA

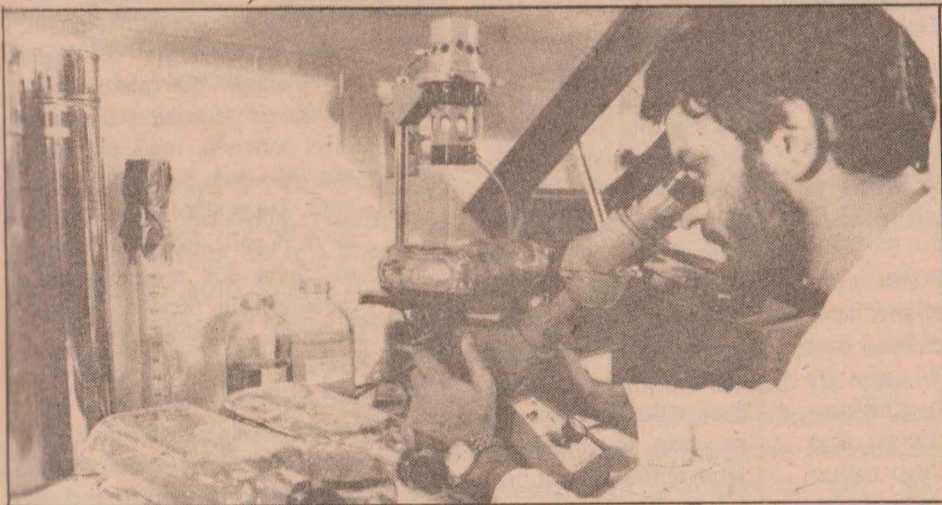
Em relação ao teste de eficiência, todos os laboratórios produtores devem atingir um índice mínimo de proteção. Este teste é efetuado pelo Ministério da Agricultura, que é o órgão oficial de controle. Este teste, segundo Ivo, é reconhecido internacionalmente e utilizado também em outros países, como a França e a Itália:

— Com base no limite mínimo de aprovação, pode-se esperar proteção aos animais vacinados de aproximadamente 75 por cento a nível de campo.

Como ele mesmo diz, a vacina não é 100 por cento eficiente. Mas, seguindo rigorosamente as recomendações periódicas de vacinação, é possível proporcionar uma maior imunidade ao rebanho. Os animais jovens, por exemplo, devem ser vacinados pela primeira vez aos 4 ou 5 meses de idade, recebendo uma revacinação 30 dias após a primeira vacina. Depois disso, como acontece com todo rebanho, as vacinações devem ser repetidas a cada 4 meses, como é estabelecido pelo Ministério da Agricultura.

Para que exista uma completa segurança nas respostas às vacinações como salienta o diretor técnico do IRFA, é necessário considerar fundamentalmente quatro aspectos de extrema importância:

- 1) A suscetibilidade aos vírus da Febre Aftosa de outras espécies animais além dos bovinos, tais como ovinos, suínos e caprinos. Como estes animais também são passíveis de infecção e portadores em potencial do vírus aftoso, a recomendação é que também se vacine periodicamente estas espécies.
- 2) Controle rigoroso do trânsito de animais oriundos de regiões afetadas pela doença (e não só bovinos, mas também os ovinos, suínos e caprinos).
- 3) Interdição das propriedades afetadas
- 4) Revacinação perifocal da área problema, independente da época da vacinação oficial.



É difícil produzir vacina que dê um alto grau de imunidade.

Nem só a vacina é culpada

Um tanto da ineficiência da vacina pode ser atribuída também à forma como ela é aplicada. Com ela é feita a partir do próprio vírus atenuado da doença é preciso também saber lidar com a vacina para que ela não perca seu poder de imunização.

Em primeiro lugar, explica o Cajaty, é preciso controlar a temperatura em que é mantida esta vacina, pois ela não suporta altas temperaturas. Ela deve ser conservada a uma temperatura de 2 a 6°C (o melhor é guardar na geladeira até o momento da vacinação). Durante a aplicação os frascos devem ficar na sombra, permanecendo dentro de caixas com gelo. Deve-se cuidar também bastante o prazo de validade do produto e seguir exatamente os prazos de revacinações, que são de 4 meses para os bovinos e suínos e de 6 meses para os ovinos.

Só se deve vacinar os animais sãos, aplicando a vacina na parte anterior da tábua do pescoço. A vacinação é sub-cutânea, ou seja, embaixo da pele. A forma de aplicar é levantando o couro para injetar a agulha. Se este cuidado não for observado o animal fica machucado e a vacina pode não funcionar perfeitamente.

É importante ainda desinfetar as agulhas utilizadas na vacinação, pelo menos na transferência de cada lote de animais. O ideal mesmo seria desinfetar depois de cada aplicação, pois a doença já pode estar incubada em algum animal e através da agulha ser transmitida para outro que está completamente são. Para desinfetar a agulha pode-se usar Carbonato de Sódio (numa proporção de 5 a 10 por cento).

É preciso vacinar todos os animais que estejam no campo. Não adianta só vacinar os bovinos, pois tanto os suínos, como os ovinos e os caprinos são atingidos pela doença.

Um animal em mau estado de saúde pode não ficar imunizado com a doença. Por isto também é recomendado pelos técnicos que se sigam outras medidas preventivas: medicações a base de antibióticos, vitaminas e soros. Outra coisa importante é sempre manter pedilúvios nas mangueiras. O tamanho ideal deste pedilúvio, segundo o Cajaty, é de 70 centímetros de largura, de 4 a 8 metros de comprimento, e 20 a 30 centímetros de profundidade. Usa-se no pedilúvio os produtos Biocid, ou Sulfato de Cobre (a 4 por cento) ou Formalina (a 10 por cento).

Na aftosa não existe lógica

"A febre aftosa é que nem futebol: não tem lógica".

Quem afirma isto aí é o veterinário Nilo Xavier, da Inspeção Veterinária em Dom Pedrito. E experiência de surtos de aftosa é o que não falta ao veterinário. Afinal, praticamente todo ano existe pelo menos um foco da doença nas propriedades da sua área de atuação. Ele lembra por exemplo que o surto que aconteceu em 71, prolongando-se até 1972, fez muito mais estrago do que o surto atual que preocupa os criadores. Mas este não foi o único surto dos últimos anos:

— Em 1966, um ano depois de lançada a Campanha de Combate e Controle da Febre Aftosa, tivemos um surto na região. E dificilmente se passa um ano sem aftosa por aqui. Houve alguns focos em 74, outros em 75, um surto em 76, um outro em 78 e este de agora.

O primeiro caso deste atual surto em Dom Pedrito não é coisa tão recente: foi comunicado em dezembro do ano passado na Inspeção. A primeira propriedade atingida foi a da senhora Rafaela Freitas Lopes. E de lá para cá, Nilo está quase cansado de anotar a ocorrência de novos surtos e de orientar sobre as revacinações dos rebanhos das áreas próximas às propriedades que já apresentam problema.

E na Febre Aftosa a coisa realmente parece não ter lógica: um rebanho é atingido, mas os animais que estão numa propriedade vizinha podem não sofrer nada, enquanto outros, em propriedades mais distantes podem apresentar a doença. Os animais podem ter sido recentemente vacinados, mas adoecem, enquanto outros onde está quase expirando o prazo da vacinação, não sentem nada.

A única segurança ao alcance do produtor é ainda a vacina. "Mas não será apenas com ela", conta Nilo, "que nós vamos erradicar a febre aftosa do Brasil. A vacinação é uma forma de controle do problema. A forma mais eficiente de acabar de vez com a doença é usar o rifle sanitário, uma medida adotada por países, como os Estados Unidos, que conseguiram erradicar a aftosa".

O grande problema porém, é que o Brasil, segundo o Nilo, não tem condições de sair por aí matando tudo quanto é animal atingido. Começa que não se teria nem dinheiro para indenizar os criadores.

O Nilo explica que o surto atual é provocado pelo vírus do tipo "O". Só que as vacinas que estão à disposição do mercado são vacinas trivalentes, ou seja, servem para imunizar contra os três tipos de vírus que atingem o rebanho brasileiro:

— O Ministério da Agricultura testa a vacina para apenas um vírus, pois não existem condições nem materiais e nem humanas de verificar efetivamente a eficiência para os três tipos de vírus. Então ele testa, por exemplo, para o tipo "A" e aprova o produto, pois ele realmente oferece imunidade a este tipo de vírus. Mas esta mesma vacina pode não oferecer imunidade ao vírus tipo "O".

SE PLANTA MAIS QUE O PREVISTO

Depois de estar quase certa uma redução de praticamente 50 por cento na lavoura de trigo desta safra, a situação mudou consideravelmente. Hoje, só não se plantará mais trigo se não existir semente à disposição do agricultor. Os cálculos do Departamento Técnico da Cotrijuí são de que a área de plantio só apresentará uma redução de cerca de 25 por cento em relação a de 79. Perto de 100 mil hectares da Região Pioneira da Cotrijuí estarão cobertos de trigais durante este inverno.

Os produtores agora já comentam que o Governo se mostrou sensibilizado com as reivindicações de melhoria dos Valores Básicos de Custeio. E assim como o Governo se mostrou disposto a aumentar este VBC, o produtor também entendeu o apelo feito pelas autoridades. Por isto, a grande parte, vai plantar trigo este ano.

Seu José Lori Flores Gonçalves, proprietário de 20 hectares de terra lá na Esquina Nossa Senhora de Fátima, em Santo Augusto, há muito tempo anda às voltas com a lavoura de trigo. Só que nos últimos anos, as coisas estavam tão feias, que seu José tinha decidido não plantar mais.

— Aquele financiamento de antes não dava. Eu já tava decidido a não plantar mais, mas depois veio um financiamento melhor e a gente, como tá mal de dinheiro, vai tentar outra vez.

O que seu José lamenta nisso tudo, é o atraso do plantio em função do financiamento ter saído bastante atrasado. O plantio está saindo meio tarde, sem tempo para melhor preparar a terra. Mas o que vale, diz seu José é que o Governo se deu conta da situação dos produtores e aumentou o custeio.

— Não digo que o Governo não esteja bem intencionado, só que ele está um pouco atrasado no largar os financiamentos. Ele precisa começar os estudos para fixar os valores dos financiamentos, com mais tempo. Por outro lado, seu José tem ainda outra sugestão:

— O melhor seria que o Governo aumentasse os preços dos produtos, para que o agricultor não fique sempre na dependência

dos Bancos. Não é tanto de dinheiro financiado que o agricultor precisa prá melhorar de vida e sim de preços compensadores.

UMA PLANTA CARA DEMAIS

Em verdade, pouco agricultor iria plantar trigo este ano se o Governo não aumentasse o custeio, porque além de outros fatores, o trigo é uma planta cara, como diz seu Veríssimo Fernandes de Vargas, do Timbosal, em Ajuricaba. Seu Veríssimo mesmo diz que ele não tinha condições de plantar trigo, mesmo que fosse somente 10 hectares como ele fez.

— O trigo é uma planta meio ingrata. Prá mim, nunca deu lucro. Todos os anos é frustração em cima de frustração. Agora se não der esse ano, vou fazer cruz. O pior são as dívidas que a gente tem que pagar, por isso, ainda vou tentar mais esse ano.

Apesar do Governo "ter atendido o agricultor, aumentando o valor do custeio", seu Veríssimo deixa claro que são precisos muitas mais mudanças para que o agricultor melhore de vida.

— Se não acontecer em novas mudanças, o nosso tricultor vai à falência. O Governo agora precisa entender que o agricultor precisa de melhores preços. Não adianta uma grande produção, se não temos

bons preços. E na verdade a decepção do agricultor é muito grande, quando se fala em evolução de preços. Dá prá entender um custo de vida lá em cima, que se insustentável, e os preços dos produtos lá em baixo?

Também seu Augusto Andradadas, da Linha 12 Leste, Ijuí, só decidiu plantar trigo, depois que aumentou o custeio. Mesmo assim, de um total de 33 hectares, de propriedade, seu Augusto diz que vai plantar só 4 hectares.

— Não ia plantar trigo, porque não compensava. O financiamento era baixo e o preço do produto também ainda baixo. Plantar prá não ter nada, não compensa.

Seu Augusto diz que a sorte é que o Governo se deu conta da situação do agricultor e resolveu mais uma vez, "dar uma mãozinha". Mas Seu Augusto diz que a agricultura ainda tá precisando de mais mudanças.

— Ainda assim mesmo, nós estamos precisando é de que o Governo melhore os preços para os produtos, e que diminua os juros e os preços dos fertilizantes. É claro que o financiamento está bom. A bem da verdade, não sei o que é pior prá nós: se financiamento alto ou baixo. Quanto mais dinheiro, mais endividamento a gente fica. É essa a situação.

O que fazem a Cooperativa e o Sindicato?



Nem mesmo a chuva e o intenso frio impediram que cerca de 60 agricultores se reunissem no Clube Timbosal, interior de Ajuricaba, para falar sobre momento agrícola e outras coisas de interesse da classe. O Seminário, organizado por agricultores da região, foi coordenado pelo Cotri-Ceca Cotrijuí, e Departamento de Ciências Agrárias da Fidene).

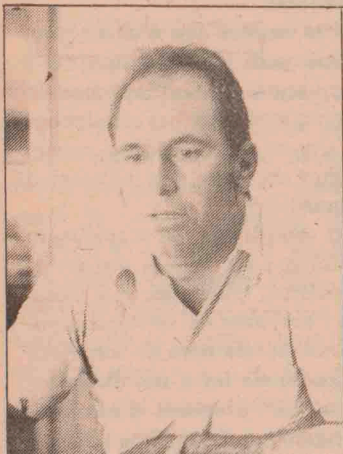
As conversas dos agricultores, inicialmente giraram em torno de falta de preços compensadores, alta de juros, endividamento, altos custos, multinacionais, empobrecimento da classe... Lá pelas tantas, os agricultores se deram conta de que antes de discutirem problemas desse nível (preços, financiamentos e outras coisas mais) eles tinham que ter bem claro na mente, qual a melhor entidade ou órgãos para encaminhar e até mesmo encampar as suas lutas. A quem cabe o quê? Será a Cooperativa a responsável pelo encaminhamento de lutas políticas? E a quem cabe a luta econômica, a prestação de serviços? Os agricultores pararam então, para pensar um pouco mais. Um dos agricultores chegou a dizer que do jeito que andam as coisas, a Cooperativa precisa se cuidar um pouco mais e não mostrar "muito as caras", porque senão ela também se acaba. "Nós temos que ver que a Cooperativa está montada dentro de um sistema e ela tem que se sujeitar a esse sistema se quiser continuar prestando serviços. As pressões estão aí e nós não podemos deixar que a Cooperativa enfraqueça. Ao Sindicato, órgãos de promoção do homem, reivindicatório e de orientação, cabe o encaminhamento das lutas políticas. A Cooperativa jamais deve aparecer como um órgão

política", falou o agricultor Israel da Rocha.

E os agricultores ainda fizeram uma alerta a classe: está na hora de nos organizarmos para saber bem ao certo o que queremos. "A Cooperativa até hoje assumiu algumas questões que cabiam ao Sindicato. E nós sempre estamos cobrando coisas da Cooperativa, quando na verdade se tinha que cobrar do Sindicato, que está correndo o risco de se tornar apenas um órgão assistencial", falou um outro agricultor.

Mas como o tempo andava curto e o pessoal falou e discutiu muitas coisas, se chegou a conclusão que para definir melhor a situação era preciso mais conversa, mais participação. Ali, nada podia ficar decidido. Era preciso ver a opinião de mais agricultores. E para isso, tinha que acontecer mais reuniões, que ficaram ao cargo do Sindicato de Ajuricaba, que vai sair pelo interior para conversar melhor sobre as atribuições da Cooperativa e do Sindicato. Depois que todas essas reuniões forem feitas, acontecerá um Seminário Central, para melhor desencadear o processo de encaminhamento das reivindicações.

O presidente do Sindicato de Ajuricaba, Luiz Otonelli fez um pequeno alerta aos agricultores, dizendo que quem vai dizer as coisas são os próprios agricultores. "Não será o Sindicato ou a Cooperativa que irá falar. É preciso saber que o caminho para as soluções não virá de cima e nem as coisas acontecerão num minuto. E nós só vamos assumir o que os agricultores assumirem. A decisão precisa vir do próprio agricultor. Não é o presidente do Sindicato que vai brigar sozinho e sim toda a classe organizada e consciente do que está fazendo".



José: financiamento atrasado



Veríssimo: planta ingrata



Augusto: mais mudanças

REFLORESTAR PARA BEM USAR O SOLO

O plantio de árvores também pode ser uma boa fonte de renda. Isto sem contar os benefícios ao meio ambiente e o bom aproveitamento dos solos da propriedade.

A gente sempre está ouvindo falar que é preciso ter mais árvores no mundo, não só como uma forma de preservar as condições de vida do homem e dos animais, como também para seu aproveitamento econômico, seja na produção de madeira, seja na produção da energia, através da queima da lenha.

Todos têm em sua propriedade um trequinho de terra que seja que pode perfeitamente ser aproveitado para reflorestamento. É uma beira de sanga, o lado dos açudes, a entrada da propriedade, junto às cercas ou um terreno muito pedregoso e inclinado, no qual nem se arrisca a tentar uma cultura com sucesso.

Pois para cada um destes lugares há um tipo de árvores que pode se prestar muito bem para uma porção de objetivos: aproveitamento racional da área da propriedade, alimentação e sombra para os animais, exploração econômica da madeira e mesmo ornamentação da propriedade.

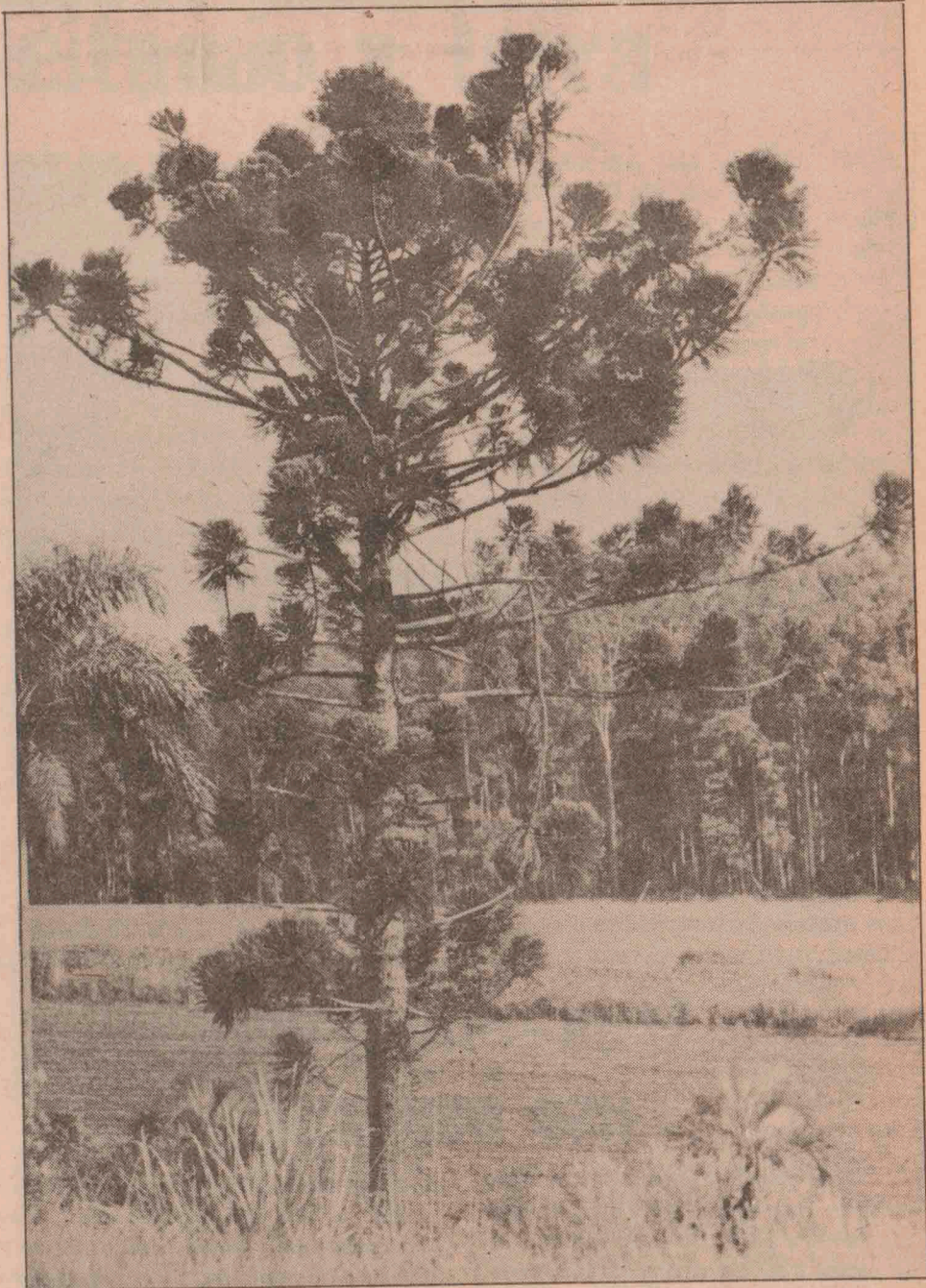
O engenheiro florestal Nilo Rubem Leal da Silva, responsável pela implantação de um programa de reflorestamento na área da Cotrijuí, é quem explica que o produtor deve estar bem atento para a necessidade de adequar cada tipo de árvore a cada tipo de solo. Isto não apenas para conseguir um melhor resultado com o plantio das espécies e seu desenvolvimento, como também para não desperdiçar uma

área que poderia perfeitamente ser aproveitada para outro fim, inclusive a produção agrícola.

SOLOS PROFUNDOS

Um solo profundo e bem drenado, onde não existe acúmulo de água, pode ser destinado apenas à produção de grãos, como soja, trigo, milho, etc. É um desperdício de terra pensar em plantar nestes locais espécies de árvores que iriam se adaptar perfeitamente numa área pedregosa ou de grande inclinação, onde geralmente se evita a implantação de culturas mecanizadas. Mas este mesmo solo profundo pode ainda ser aproveitado com o plantio da erva-mate, uma espécie nativa da região Sul, que exige exatamente este tipo de solo.

Também para solos profundos, bem drenados, com bastante inclinação, pode-se plantar, além da erva-mate, a canafístula, o cedro, o louro, o pinheiro brasileiro, a cangarana ou caroba, todas espécies florestais nativas. Enquanto o aproveitamento da erva-mate tem como finalidade a produção específica de erva (para chás e principalmente chimarrão) e ainda ornamentação da propriedade, estas outras nativas servem para a produção de madeira ou lenha. Elas ainda têm uma atuação muito significativa no que diz respeito à proteção do solo, sem contar que algumas das espécies, como o louro e a canafístula, têm um



grande aproveitamento para a produção de mel.

Todas estas árvores, especialmente a erva-mate, que exigem solos profundos e sem problemas de excesso de água, podem também ser plantadas ao longo de cercas e na estrada de entrada das propriedades. Neste caso, elas têm ainda a função de ornamentar o local, proporcionando também sombra para os animais.

SOLOS PEDREGOSOS

Já no caso de solos pedregosos e de pouca profundidade, geralmente não aproveitados para agricultura, a melhor solução é plantar angico, timbaúva e guajuvira. Estas árvores, como explica o Nilo, têm raízes que conseguem se adaptar bem a este tipo de solo, inclusive em fendas de rochas, desenvolvendo-se satisfatoriamente, mesmo nestas condições. Ele lembra que além de aproveitar uma área de produção agrícola baixíssima, o produtor ainda pode contar com outra fonte de renda na propriedade: a madeira e a lenha que são obtidas destas árvores. Outra coisa importante é que estas espécies ainda são muito propícias para as abelhas produzirem mel. O Nilo continua:

— Nós não recomendamos plantar angico, timbaúva ou guaju-

vira em solos profundos, porque isto seria incentivar o mau uso do solo. Estas espécies adaptam-se perfeitamente em solos pedregosos e com afloramento de rochas. A nossa orientação é exatamente no sentido de aproveitar solos com baixa produção agrícola para reflorestamento.

NA BEIRA DA ÁGUA

Estas espécies também podem ser plantadas ao longo dos cursos de água, onde é importantíssima a presença de espécies vegetais, se a intenção é realmente cuidar e melhorar o solo da propriedade. Como se sabe, as áreas ao longo de cursos de água facilmente sofrem os efeitos da erosão. Existindo, porém, árvores nestes trechos, suas raízes "seguram" a terra, impedindo que ela vá atulhando o leito dos lajeados, riachos e rios.

Também para estes locais ao longo dos cursos de água e ainda ao redor de açudes, a recomendação técnica é para o plantio de todas espécies de nativas frutíferas, como a pitanga, uvaia, ingá, cerejeira, setecapotes, araticum, guabiju e outras, como também espécies nativas florestais, como açoita-cavalo, guajuvira e angico. O Nilo conta:

— Este é o "habitat" natural, ou seja, o tipo de lugar onde estas



O angico é uma espécie que se presta para solos rasos e pedregosos



O ideal é formar um bosque misturado

frutíferas normalmente vivem: terrenos úmidos, ricos em matéria orgânica.

Estas espécies desempenham também um papel muito importante para os animais, tanto os que vivem na água como os terrestres, pois através de seus frutos elas for-

necem alimentos a estes animais. Isto sem contar que são espécies de folhas perenes (que não caem no inverno), o que dá também uma ótima proteção para o gado, através da sombra que proporcionam.

MATO MISTO

O ideal na implantação de um

arvoredo, segundo explica o Nilo, é sempre plantar árvores de diversas espécies numa mesma área, buscando assim formar um bosque bem misturado. Isto quando a intenção é reflorestar buscando a conservação de uma cobertura vegetal permanente. Neste caso é preciso prestar bem atenção ao ambiente natural de cada espécie, procurando sempre escolher as espécies que nascem e se desenvolvem juntas na natureza. Um exemplo típico é erva-mate junto com o pinheiro brasileiro, o louro, o cedro e o camboatá. Outro tipo de consorciação é o caso da pitanga com açoita-cavalo, guajuvira, guabiroba e outras.

Quando o interesse é a produção de lenha em curto espaço de tempo a melhor saída é o plantio de apenas uma espécie que apresente rápido crescimento. O melhor exemplo, neste caso, é o eucalipto. Assim também se preserva as matas nativas, não cortando as árvores de um mato que dá abrigo para os ani-

mais, se conserva o solo, ajudando na infiltração da água para alimentar as vertentes e ainda se consegue sementes para a produção de novas mudas.

O EUCALIPTO

Uma árvore bastante comum na maioria dos projetos de reflorestamento é o eucalipto, uma das poucas espécies que não é nativa da região e recomendada para o plantio. O eucalipto é uma árvore originária da Austrália, que apresenta um crescimento muito rápido, dando o primeiro corte já a partir do quarto ou quinto ano após o plantio. Algumas das espécies desta árvore são usadas para a produção de madeira, mas o uso mais comum, na nossa região, é para lenha. A madeira do eucalipto tem um alto poder calorífico, queimando bem e produzindo muita energia através do calor que proporciona. O eucalipto ainda apresenta vantagens para a produção de mel.

O eucalipto é o tipo de árvo-

Erva-mate, um caso especial

A erva-mate é atualmente um caso especial. Nos dois últimos anos e, especialmente, a partir do ano passado, a erva passou a ser extremamente valorizada. Hoje, um pacote do produto não sai por menos de Cr\$ 80,00 em qualquer mercado, o que torna até mesmo mais barato beber cerveja do que tomar chimarrão. Isto porque os ervais foram sendo destruídos, na medida em que as lavouras de soja avançavam campo a fora, enquanto o consumo de erva foi sempre crescendo mais. Isto sem contar o aumento na procura do produto em todo mercado, inclusive fora do Brasil.

Atualmente, quem tem um erval na propriedade tem garantida uma renda certa a cada período de exploração, pois compradores para o produto não estão faltando. O que falta exatamente é produto, uma situação que vai ficar pior ainda na medida em que as árvores estão desaparecendo e são poucos os produtores que se mostram interessados na implantação de ervais.

CUIDADO COM O SOL

O Nilo Rubem Leal da Silva, engenheiro florestal da Cotrijuí, explica que a erva-mate é bastante exigente em relação ao solo. Além de terrenos profundos e bem drenados — sem excesso de água — a erva-mate ainda precisa que este solo seja fértil, com um alto teor de matéria orgânica. Outro cuidado, e este muito importante, é não deixar a mudinha tomar sol direito, porque assim ela corre o risco de não se desenvolver. O Nilo conta:

— Nós orientamos o produtor para plantar mandioca ou milho entre as linhas da erva-mate, para dar um certo sombreamento às mudas. Assim elas podem se desenvolver bem e ter um enraizamento perfeito.

No caso da árvore ser plantada nas estradas de acesso à propriedade ou ao

longo das cercas — ornamentando o local e ainda aproveitando uma área ociosa — o Nilo recomenda proteger a muda do sol direto, colocando duas tábuas para fazer sombra. A orientação destas tábuas é no sentido de Leste a Oeste, que é exatamente a direção que bate o sol.

A recomendação técnica para o plantio da erva-mate é que se faça uma cova bem larga — cerca de uns 60 centímetros de largura e 60 centímetros de profundidade — colocando uns 20 centímetros de palha podre de soja ou milho no fundo da cova. Esta palha vai ajudar a conservar a umidade, beneficiando o enraizamento da muda. A terra retirada não se aproveita mais, usando no seu lugar terra de mato, que é rica em matéria orgânica e nutrientes. Se mistura também a esta terra 10 a 15 quilos de esterco curtido de qualquer criação:

— A erva-mate necessita primeiro criar bastante raízes para depois crescer na parte aérea.

ESPAÇAMENTO

O espaçamento, explica o Nilo, pode ser variável, indo de 2,5 x 3 metros até 2,5 x 6 metros. A distância de 2,5 metros é entre árvores e de 3 a 6 metros entre as linhas. A vantagem do espaçamento maior é que ele vai permitir inclusive que se passe com máquinas agrícolas entre as fileiras de árvores, não impedindo assim que, na mesma área, se cultive até mesmo soja ou trigo:

— Se orienta esta distância em terrenos planos, onde a mecanização é fácil. Já nos terrenos inclinados, onde não se deve trabalhar com trator ou colheitadeira, o espaçamento utilizado é de 3 a 4 metros. Aí se planta normalmente o milho ou a mandioca, além da erva-mate.

É até mesmo um desperdício manter um espaçamento de 5 a 6 metros nestas áreas inclinadas, onde todo o trabalho

da lavoura é mais manual. O Nilo lembra ainda que o benefício que tanto o milho como a mandioca proporcionam em áreas onde se implanta ervais chega a ser duplo:

— A exploração da área se faz tanto com a erva como com o milho e a mandioca e ainda estas culturas enriquecem o solo para a erva, principalmente o milho com a sua palha.

A PRODUÇÃO

O principal cuidado com a erva-mate, além de sempre atentar para o sombreamento, é realizar uma poda de formação no quarto ano depois do plantio. Esta poda é feita com um corte no tronco da árvore a uma distância de 80 centímetros do chão, deixando criar de 3 a 4 ramos bem distribuídos para formar a copa. A parte retirada, que já tem galhos finos e folhas, pode ser aproveitada para fazer a erva.

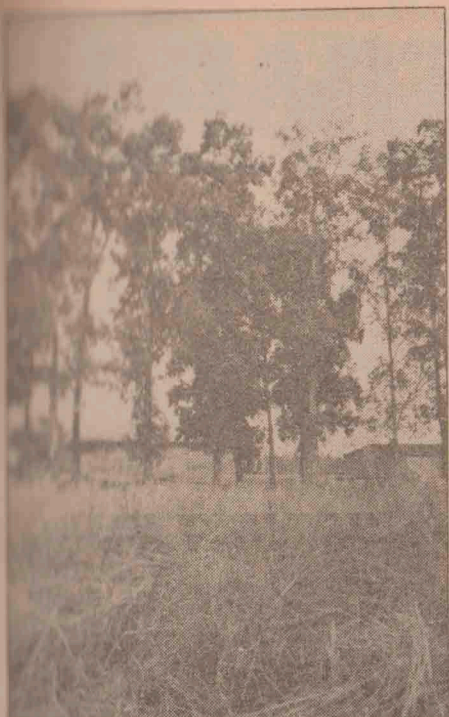
Mas é apenas a partir do sétimo ano após o plantio que se inicia realmente a exploração da erva-mate, quando já se alcança um maior rendimento de folhas e ramos finos. Este corte pode produzir até 2 arrobas (30 quilos) de erva, que alcança hoje o preço médio de Cr\$ 250,00 por arroba.

Depois disto, a cada três anos é feito um corte, que sempre vai proporcionando uma maior produção. No décimo ano, por exemplo, que seria o segundo corte produtivo, se alcança até 3 arrobas (45 quilos). A cada corte a produção vai aumentando, se mantendo depois num limite de aproximadamente 8 arrobas quando a árvore estiver adulta. Uma árvore mais isolada, que teve bastante espaço para se desenvolver, produz até mais: cerca de 12 arrobas.



O plantio de erva-mate está sendo bastante incentivado

Aproveitando a terra



Para cada local, uma espécie de eucalipto.

re que se adapta bem em qualquer solo, pois existem mais de 500 espécies deste mesmo gênero. Há plantas para banhados, para solos pedregosos, para solos secos e pobres e até mesmo para solos férteis, o que, obviamente, não é recomendado. Solo fértil deve ser usado para a produção de alimentos. O Nilo conta:

— É preciso ver direitinho qual espécie de eucalipto plantar em cada área, para adequar bem ao tipo de solo desta área escolhida. Por isso é importante conversar com um técnico antes de resolver este plantio.

O eucalipto, ao contrário de outras árvores, não se presta muito para ser consorciado com outras espécies. A recomendação é que se faça um mato só de eucalipto, pois esta é uma árvore que, por seu rápido crescimento, toma conta da área em pouco tempo. Desta forma, não sobra espaço para outras espécies se desenvolverem satisfatoriamente. Somente depois de cortadas algumas árvores, como explica o Nilo, quando então aumenta o espaço entre as árvores já existentes, outras espécies nativas podem ali crescer:

— Estas espécies nativas são precursoras, ou seja, são espécies que surgem antes de outras árvores de madeira mais nobre, (como o cedro, o louro, o pinheiro brasileiro), que vão preparando o terreno, dando-lhe uma melhor estrutura física com a formação de matéria orgânica. O camboatá, a erva-mate são árvores assim, além de todas as frutíferas nativas.

Estas árvores, conta o Nilo, não é nem preciso plantar, pois o vento e mesmo os pássaros carregam as sementes e deixam cair no meio do mato de eucalipto, por exemplo. Existe então o plantio natural, que permite uma germinação muito fácil destas sementes, formando um mato com muitas espécies.

No ano passado, depois de dar uma olhada em volta e ver com tristeza que já não existia mais matos nas redondezas, o seu Sílvia Ceolin, de Santo Augusto, começou a reflorestar. Desse tempo prá cá, ele já plantou cerca de 9 mil mudas de eucalipto, canafístula, louro, cedro, guajuvira, pitangueira, araticum, erva-mate, entre tantas outras espécies. Mas quem está bem entusiasmado com as árvores plantadas é Davi Alexandre Ceolin, o filho do seu Sílvia. Ele fala com satisfação do reflorestamento.

— A gente decidiu reflorestar certas áreas que não eram aproveitadas para a agricultura e estavam sem nada em cima. Também levamos em conta que os matos aqui pela região e também por todo esse Rio Grande a fora estão acabando e ninguém toma providência alguma. Se continuarem derrubando os matos do jeito que estão, sem plantar mais nada no lugar, daqui a um tempo não vai existir mais lenha. E o equilíbrio do ambiente, como é que fica? Será que as pessoas não pensam nisso, quando estão derrubando um mato ou mesmo uma árvore?

Davi conta que ele e seu pai estão fazendo reflorestamento em lugares onde não dá para fazer lavoura e principalmente nas beiradas das sangas.

— Antes de plantar as mudas, a gente observa e estuda o lugar mais adequado. Nós temos um capão de eucalipto, por exemplo, perto de um açude que não podia estar ali. Mas o que ocorreu é que quando fizemos o açude, já tínhamos plantado o eucalipto. A gente cuida bastante, mas por enquanto não houve nenhum prejuízo, porque o açude não é tão perto. Se nota que a água continua sempre vertendo muito bem.

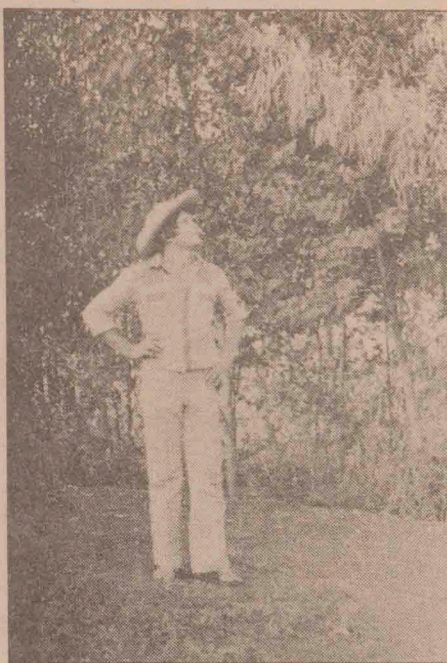
Davi conta que lá pelos seus lados, mesmo dentro da propriedade de seu pai, num total de 15 hectares, as sangas já estão secas. Até as vertentes de uns tempos prá cá, só têm água durante o inverno.

No verão, elas permanecem seca. E isso tudo, em consequência do desmatamento desordenado.

Quando tem um tempinho, que a lavoura dá uma folga, seu Sílvia ou mesmo Davi, saem pelos raros capões das redondezas à procura de mudas de árvores nativas. E Davi diz que já andou muito à procura de uma muda de guajuvira, mas até agora não conseguiu encontrar uma sequer.

— A gente sabe que não é fácil encontrar mudas de guajuvira, ainda mais que os nossos matos estão bem desfalcados de árvores nativas. Só existem mesmo, as mais comuns. O resto já foi tudo derrubado.

Davi fala com gosto das



Davi: cada lugar é estudado



Eduardo: precisa conscientizar

árvores que foram plantadas. Comenta que dá um pouco de trabalho no primeiro ano, mas depois elas crescem sozinhas. O maior perigo para as mudas são as formigas.

— Se deixam, elas comem tudo.

A família Ceolin agora está roçando uma área toda coberta com taquaral, para plantar um pouco de eucalipto, de canafístula, de timbaúva, de ipê e algumas mudas de erva-mate. Essas espécies são as que mais se desenvolvem, segundo Davi.

— Aquele taquaral está com um aspecto muito feio e além disso, não dá nada. Então é melhor substituí-lo por outras árvores nativas. Desde que eu me conheço como gente aquele taquaral tá ali do mesmo jeito.

No próximo mês os Ceolin vão plantar mais 500 mudas, sendo que 100 são de erva-mate. Associado ao fator ecológico, também está o fator econômico.

— Do jeito que anda o preço da erva, então é melhor a gente produzir em casa mesmo. Nós até já temos alguns pés e pretendemos ampliar bastante a área, mas aos poucos. Nunca se deve fazer tudo de uma vez só, prá gente sentir se há alguma coisa errada, então se procura melhorar.

Há aproximadamente, 5 anos

seu Eduardo da Rocha Neto, agricultor lá de Coronel Bicaco e também presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, vem reflorestando a sua propriedade. E não fica só aí. Seu Eduardo tem promovido reuniões com agricultores da região e, entre outros assuntos, tem procurado despertá-los para o desmatamento que está acontecendo na região. E sempre diz a mesma coisa: tá na hora de cada um começar a reflorestar um cantinho de sua propriedade enquanto ainda é tempo.

— Aos poucos, a gente vai se dando conta que não existe mais mato na região. Tudo foi devastado. As sangas, arroios, estão cheios de terra que as chuvas trazem das lavouras porque não existem mais árvores na beirada das sangas. E depois, tem a madeira, a lenha que está desaparecendo. Parece mentira, mas daqui algum tempo, a gente vai ter que buscar fora do Estado.

Nas suas reuniões seu Eduardo tem procurado conscientizar os agricultores da importância do ar puro, hoje totalmente poluído. E para isso, é preciso muita árvore, muito mato.

Seu Eduardo reflorestou até agora com mudas de eucalipto e pinheiro brasileiro.

— Tenho plantado o eucalipto porque nasce e se desenvolve mais rápido. Depois a gente planta só uma vez e o resto nasce sozinho. E o interessante é que no meio dos eucaliptos começam a nascer espécies nativas, que os próprios passarinhos trazem as sementes. As nativas a gente tem que comprar mudas ou então ir procurar nos matos e o eucalipto tem um desenvolvimento bem mais rápido. Em pouco tempo a gente derruba a árvore e dali a 4 anos já se tem outra no lugar. Além do mais não depende de muitos cuidados, a não ser a formiga.

Seu Eduardo está plantando eucalipto em ladeiras e cantos onde não dá prá fazer lavoura, visando o lado econômico e a preservação do ambiente. Mas diz que nas suas reuniões, tem incentivado o plantio de frutíferas, nativas, erva-mate e do próprio pinhão (pinheiro brasileiro). Embora não esteja reflorestando com erva-mate, seu Eduardo diz que muitos agricultores estão com intenção de começar e até já encomendaram cerca de 5 mil mudas. Plantar erva-mate na região, seria uma maneira de compensar o que a dupla trigo/soja fez nos últimos anos, além de recuperar o lado econômico, já que a erva está com preço relativamente alto.

Seu Eduardo está plantando pinhão, não para si, mas para seus filhos. "Como pai de família penso que devo deixar alguma coisa para os meus filhos".

NÃO CONTA SÓ A VARIEDADE



Uma porção de fatores devem ser observados quando se fala em bons resultados para a lavoura de milho. A escolha da variedade é apenas um deles, e tão importante como os demais. Por esta razão, não se deve atribuir à variedade — como normalmente acontece — toda responsabilidade pelo desempenho da produção.

Além da pergunta "qual variedade escolher?" que é feita frequentemente pelos produtores, existem muitas outras que devem estar na cabeça de quem se mostrar interessado em obter bons rendimentos no milho. Na medida em que formos respondendo a estas questões, também estaremos decidindo pela forma mais racional de formar a lavoura. Estaremos decidindo pela utilização ou não de herbicidas, pela quantidade de adubo de manutenção e cobertura, pela rotação de culturas, pelas práticas de manejo e conservação, pela densidade de plantio, etc.

Se uma etapa é esquecida, ou seguida apenas em parte, ela será o fator limitante na obtenção desta alta produtividade. Altas quantidades de adubo, por exemplo, não darão resultados se não colocarmos um número de plantas suficientes para aproveitar este adubo, ou se não controlarmos os inços, ou mesmo se faltar chuva.

O primeiro passo é a escolha da área de plantio, quando se deve levar em consideração o que foi plantado anteriormente no local, em todos os anos passados, o quanto produziu, se existiu problemas de erosão, quais os inços dominantes, se a área é alagadiça, se a colheita vai ser manual ou mecânica. Caso

a colheita venha a ser feita com máquinas, precisamos utilizar uma semeadeira que plante um número de linhas igual ao que colhe a plataforma da automotriz. Se não existir este cuidado, as perdas serão grandes.

ADUBAÇÃO

Existindo um resultado de análise de solo, se tem também uma série de informações importantíssimas para que se consiga melhores resultados econômicos com a produção. A análise de solos vai dizer se ele tem condições de oferecer à planta os nutrientes que ela precisa para se desenvolver satisfatoriamente. Mesmo que a terra tenha estes nutrientes, é preciso adubar o solo, para que no ano seguinte ela continue em condições de produzir, pois altas produções retiram também altas quantidades de nutrientes.

A função do adubo é exatamente suprir a retirada destes nutrientes pela planta. Quando se tem uma análise de solo fica mais fácil determinar as quantidades de adubo que são exigidas. Quando não existe esta análise podemos fazer a adubação considerando o solo como tendo uma fertilidade média, utilizando 200 quilos de adubo de fórmulas semelhantes às empregadas para o trigo.

O rendimento da lavoura pode ainda melhorar bastante se além do adubo do plantio for aplicado uréia ou sulfato de amônia, na base de 40 a 100 quilos por hectare. Esta aplicação deve ocorrer quando o milho tiver de 30 a 50 centímetros de altura ou, no máximo, até o início do pendoamento. Caso não se tenha condições de enterrar a uréia, o que melhoraria seu efeito, ela po-

de simplesmente ser colocada ao lado da planta, calculando a posição das pontas das raízes.

A aplicação da adubação em cobertura teve seus resultados testados em vários experimentos. Um deles, realizado com o cultivar Ag-28, foi feita em Guaíba em 1974. O rendimento obtido apenas com a adubação de plantio foi de 2.388 quilos por hectare. Já aplicando 70 quilos de Nitrogênio em cobertura, se chegou a 4.558 quilos por hectare. Com a aplicação de 155 quilos de uréia por hectare o aumento no rendimento chegou a 2.170 quilos. Pelos preços atuais da uréia, o custo do produto chega a Cr\$ 2.495,00 por hectare, mais alguma coisa de mão de obra, para aplicá-la. Mas colhendo 36 sacos a mais por hectare, que representam Cr\$ 12.607,00, se obtém um lucro adicional de Cr\$. . . 10.112,00 por hectare, já que o preparo do solo, plantio e capinas foram os mesmos, com ou sem cobertura.

PREPARAÇÃO DO SOLO

O preparo do solo deve ser feito para: destruir os inços, pois o milho é uma planta que não suporta a concorrência de inços; facilitar a penetração de água das chuvas e evitar o escoamento desta água; facilitar a germinação da semente.

Quando houver infestação de inços é possível utilizar herbicidas para o seu controle. Estes herbicidas são específicos para o milho. É claro que não se recomenda despesas com herbicidas quando se dispuser de mão-de-obra familiar suficiente, pois a capina é muito mais barata e produtiva do que a aplicação de herbicidas.

Um cuidado todo especial é ja-

mais queimar os restos de cultura para não facilitar a erosão.

Sabe-se que quando o solo for fértil, sempre que se aumentar a densidade de plantio também se obterá maior produtividade. Desta forma, o número de plantas recomendado pela pesquisa deve ser ajustado à fertilidade do solo, adubação aplicada e possibilidade de ocorrência de chuvas.

A IMPORTÂNCIA DA ÁGUA

A questão da chuva é das mais importantes. Mas também, é exatamente aquela sobre a qual o agricultor não tem absolutamente nenhuma influência. A questão de adubação, preparo do solo, controle de ervas daninhas dependem basicamente do seu trabalho. Mas a chuva é algo que ele não pode controlar. E sem existir água no solo em momentos certos do desenvolvimento da planta, o rendimento do milho fica bastante comprometido. É preciso existir água à vontade para a planta exatamente uma a duas semanas antes do pendoamento e também duas semanas depois. Desta forma é a falta de água nesta fase do desenvolvimento que pode determinar um maior ou menor rendimento.

Depois de verificados todos estes aspectos é que entra a decisão sobre a época de plantio e a variedade, que são dois fatores que precisam ser bem ajustados. Jamais, por exemplo, se deverá cultivar uma variedade precoce no tarde. É que a temperatura tem uma grande influência no desenvolvimento da planta e, plantando mais tarde uma variedade de ciclo precoce ela normalmente produziria pouco por ter acelerado demais seu ciclo.

TODÓ HÍBRIDO PODE PRODUZIR BEM

Experimentos em todo o Rio Grande do Sul testam anualmente um grande número de híbridos de milho, dos quais apenas um pequeno número é comercializado, devido ao grande trabalho que envolve o lançamento de uma variedade.

Estes mesmos experimentos têm demonstrado que os milhos híbridos produzem em torno de 30 por cento a mais do que os milhos comuns que enfrentam as mesmas condições de clima e solo. Infelizmente, o milho tem comportamento diferente da soja e perde grande parte do "vigor híbrido" (sua capacidade de produção) se continuarmos plantando a mesma semente. Por esta razão o produtor se vê obrigado a adquirir sementes híbridas todos os anos.

No ano passado, tentando conhecer melhor as características de algumas variedades comercializadas e também de outras que ainda não foram lançadas, o Departamento Técnico da Cotrijuf em Tenente Portela também realizou um experimento de milho, em conjunto com a Secretaria da Agricultura. Foram testadas 32 variedades, sendo 20 de milhos precoces e 12 de tardios. O experimento foi realizado em parte de uma gleba de terra próxima à Cooperativa que foi cedida por um agricultor. Desta forma ficou mais fácil o acesso dos associados interessados em observar o desenvolvimento das diferentes variedades de milho.

A TÉCNICA

Foram utilizadas densidades de 50 mil plantas por hectare (4 sementes por metro linear e distância de 0,8m nas linhas) para os precoces e 40 mil plantas por hectare (4 sementes por metro linear com distância de 10 metros entre fileiras para os tardios). O plantio foi realizado em covas em 15 de setembro de 1979 e a colheita aconteceu em 28 de fevereiro deste ano para os precoces e em 14 de março para os tardios.

A adubação de manutenção empregada foi de 200 quilos por hectare da fórmula 8-30-18. Foram também feitas duas coberturas de uréia, empregando 20 quilos por hectare aos 40 dias e 100 quilos por hectare aos 60 dias.

Como pode ser observado na tabela abaixo, todas as variedades têm alto potencial para rendimento de grãos. Não é só pela variedade, portanto, que o agricultor vai obter sucesso. Submetidas às mesmas

condições de solo e chuva, elas produziram quantidades de grãos suficientes para se conseguir bons lucros.

Na época do pendoamento, como o pessoal do Departamento Técnico observou, era fácil identificar as variedades de milho mais vistosas, com menos problemas de ferrugem ou de doenças. Porém, na medida em que o milho foi amadurecendo ficou difícil de identificar grandes diferenças e realmente todas acabaram produzindo boa quantidade de grãos.

O QUE INFLUIU

Não influiu no rendimento a altura das plantas, a espessura do sabugo e o ciclo, embora aparentemente e na lavoura o agricultor dê muita importância para estas características. O que influiu foi o índice de espigas e resistência a doenças. O índice de espigas mede o número de espigas que uma planta produ-



Experimentos com milho híbrido em Tenente Portela

ziu, correspondendo o índice 1 a apenas uma espiga por planta. Quando o índice não alcançou o valor 1, isto significa que houve alguma planta que não produziu espiga.

O número de dias para florescer determinou o ciclo da variedade, pois a partir do pendoamento todas as variedades completam a maturação num mesmo espaço de tempo. O milho, que é uma planta que necessita de calor para se desenvolver tem o ciclo diminuído na medida em que aumenta a temperatura, devido às característi-

cas de clima de cada região ou pelo retardamento no plantio.

Quando a soma das temperaturas atinge o valor exigido para cada variedade é que inicia o pendoamento, pouco influenciando af o número de dias que já tenha sido plantada.

A conclusão do Departamento Técnico de Portela é que todos os híbridos têm bom potencial de rendimento. O que conta mais são as condições da terra, a densidade de plantio, a chuva, o adubo de manutenção e de cobertura.

MILHOS PRECOSES

VARIETADES	Infloresc (dias)		Altura (m)		Índice espig.	Peso espigas 40 plantas (KG)	Diâmetro do sabugo (cm)	Temperatura p/ florescimento (°C)	Rendimento kg/ha (13%)
	Masc.	Fem.	planta	espiga					
Agroceres 64	89	90	2,4	1,1	1,12	7,9	2,5	848	7.901
Agroceres 64A	89	90	2,2	1,0	1,10	7,0	2,6	848	6.967
Cargill 501	83	89	2,2	0,9	1,03	7,1	2,6	835	7.089
Cargill 503	88	93	2,3	1,0	0,93	6,1	2,5	884	6.273
Cargill 511	90	93	2,4	1,1	0,98	7,4	2,4	884	7.272
Dekalb 002	77	78	2,1	0,8	1,00	6,3	2,6	710	6.364
Pioneer x 305	86	88	2,2	0,9	1,00	7,4	2,8	822	7.674
Pioneer x 307	86	91	2,3	1,0	0,96	7,5	2,8	862	7.210
Pioneer x 309-B	83	89	2,0	0,7	0,98	5,2	2,2	835	5.334
Pioneer x 313	87	95	2,3	1,0	1,03	6,7	2,8	894	6.531
Pioneer x 515	85	89	2,3	0,9	0,99	6,3	2,6	835	6.239
Pioneer x 6836	90	96	2,3	1,0	1,01	7,5	2,7	902	6.830
Pioneer x 6874	88	93	2,2	0,9	0,96	7,0	3,0	884	6.521
Pioneer x 6874-A	88	92	2,3	0,9	0,99	7,4	2,8	875	7.040
Pioneer x 6875	85	87	2,3	0,9	0,98	8,0	3,0	811	7.734
Pioneer x 6877	88	91	2,4	0,9	0,95	7,4	3,0	862	6.784
Cont. Ex. 002	91	95	2,0	1,0	1,01	6,0	2,6	894	5.748
Cont. 004	78	92	2,0	0,7	1,04	5,7	2,5	750	5.846
SAVE 342	91	95	2,5	1,1	1,05	6,8	2,5	894	* 6.776
SAVE 345	80	83	2,1	0,9	0,98	7,3	2,9	761	7.123

MILHOS TARDIOS

Agroceres 28	95	99	2,6	1,3	1,10	10,0	2,6	940	7.645
Agroceres 32	91	99	2,4	1,2	1,13	9,5	2,3	940	7.514
Agroceres 792	93	103	2,7	1,2	1,06	8,3	2,5	990	6.239
Agroceres 793	94	101	2,3	1,1	1,07	8,2	2,5	967	6.231
Cargill 111	98	101	2,6	1,3	1,32	8,5	2,4	967	6.195
Cargill 408	97	103	2,6	1,2	1,09	8,5	2,5	990	6.438
Cargill 482	98	101	2,6	1,2	1,08	8,4	2,4	967	6.496
Dekalb 670	97	105	2,6	1,2	1,21	9,4	2,9	1.012	6.758
SAVE 231	95	103	2,6	1,3	1,06	7,8	2,4	990	6.144
SAVE 332	99	103	2,5	1,2	1,08	8,4	2,6	990	6.394
SAVE 363	92	102	2,6	1,2	1,14	8,6	2,5	979	6.815
SAVE 364	93	102	2,5	1,1	1,06	8,1	2,6	979	6.373

UMA TENTATIVA DE RETER AS MATRIZES

No ano passado a Unidade da Cotrijuf em Dom Pedrito lançou um programa de repasses de vacas prenhas aos seus associados, em caráter de emergência, com a finalidade apenas de reter o ventre. Esse ano, a Cooperativa procurou corrigir os erros do primeiro ano e aperfeiçoar o programa. Além de reter o ventre, ela partiu para um programa mais à nível de pequeno produtor (em Dom Pedrito, região de pecuária de corte, são considerados pequenos, aqueles produtores que possuem até 200 hectares). E por que um programa, envolvendo vacas prenhas? Onde a Cooperativa pretendia chegar?

Respostas para questões como estas são simples, explica o veterinário Cajaty da Rosa Freire, da Unidade de Dom Pedrito. É que diariamente chegavam para o abate grande número de vacas prenhas, que por já terem produzido de 4 a 5 crias e terem uma idade superior a 8 anos, não interessavam mais ao produtor. Então era preferível abatê-las enquanto estivessem prenhas, porque assim apresentariam um peso bem maior. Essa eliminação de matrizes começou a preocupar a Cooperativa que então se viu na obrigação de partir para um programa de repasse dessas vacas. Só que a Cooperativa decidiu que beneficiaria somente pequenos produtores. Além disso, o programa permitiria uma maior aproximação do pequeno produtor com os técnicos, "e que levaria até a um trabalho de extensão bem mais profundo".

Comentando o programa, que

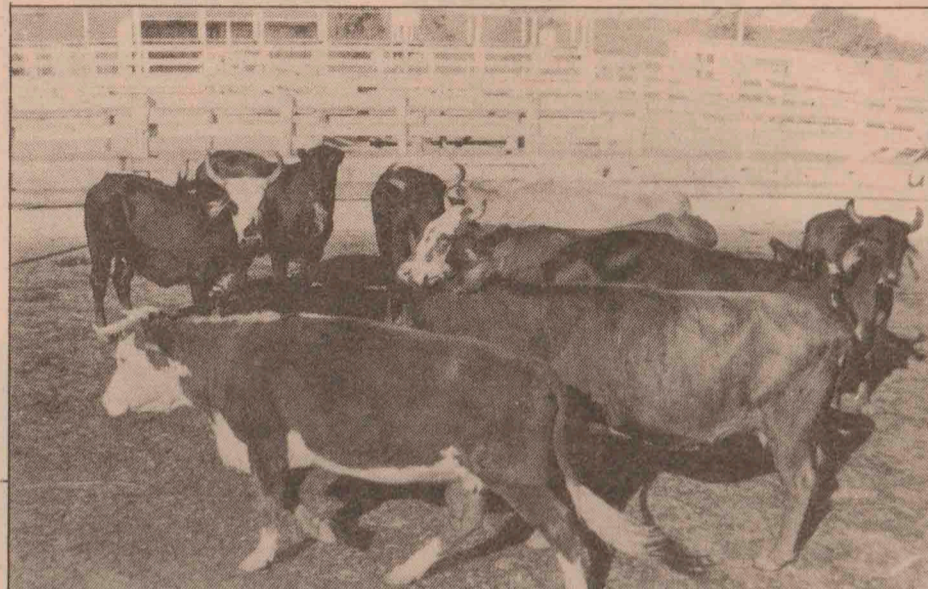
se encontra paralisado, Cajaty diz que ele só trouxe benefícios aos produtores:

— A grande vantagem nisso tudo é que o produtor levou a vaca prenha, tem um ano para pagar e ainda fica com o terneiro.

Esse pagamento pode ser feito com qualquer tipo de produto, seja, lã, soja, arroz, sorgo, pelego, etc. Só que no período de um ano e meio, o produtor fica na obrigação de devolver a vaca repassada ou então um outro animal vacum "desde que ele ache que aquela vaca repassada, tenha condições de produzir por mais um ano".

Entre a série de vantagens, que o repasse trouxe a esses produtores, Cajaty aponta ainda a elevação do padrão zootécnico do plantel. É que normalmente esse gado vem de outros produtores com raça definida e que em circunstâncias normais, o pequeno não teria condições de adquirir por falta de recursos. Dessa maneira, a partir do momento em que o produtor fica com esse terneiro, estará introduzindo em seu plantel um lastro de melhor qualidade. Outra vantagem citada por Cajaty é que o produtor poderá aproveitar a pastagem também para a produção de sementes (possuir uma pequena área de pastagem era requisito importante para a inscrição no programa). Mas Cajaty vê mais vantagens ainda:

— Se o terneiro for fêmea, o produtor terá a chance de iniciar o seu próprio rebanho, com um nível melhor. No caso de terneiro macho, se ele não desejar ou não tiver con-



O pagamento poderá ser feito com qualquer produto.

dições de levar até a terminação, poderá vender em Feiras.

Além de ter beneficiado um total de 30 produtores (8 no primeiro ano e 22 no segundo) com esse programa de repasse, a Cooperativa fez um trabalho de retenção de matrizes à nível de população bovina. Os ventres atualmente estão em escassez, ocasionado pelo abate desordenado das matrizes. Recém agora é que a nossa pecuária está saindo da crise violenta que vinha enfrentando nos últimos anos em decorrência da falta de uma política bem orientada para o setor. Nesse tempo de crise foram abatidas, indiscriminadamente, grande quantidade de matrizes. E os dados mostram isso. Em 1975, por exemplo, o abate de vacas em relação ao ano anterior sofreu um acréscimo de 54,1 por cento; 180,7 por cento em 76 e 251,1 por cento em 77. Só neste último ano, de 77, foram abatidos mais de

7 milhões de cabeças de gado, das quais, exatamente 2 milhões 291 mil e 506 eram vacas. Esse abate de matrizes correspondeu a 32,1 por cento do total.

QUEM SE BENEFICIOU

Só participou do programa de repasse, aquele produtor que realmente demonstrou interesse e que sua área de terra (cultivada ou não) não ultrapassasse os 200 hectares. "Foi uma das maneiras que encontramos de beneficiar os pequenos, que em casos normais, por falta de crédito para a pecuária, não teriam condições de melhorar o seu rebanho". Mas não foram só esses os requisitos. Também foi verificada e estudada a lotação de gado da propriedade de cada inscrito, a capacidade de alimentação e a organização administrativa da propriedade. Só então, de acordo com as condições de cada um, é que foram distribuídos os lotes.

As intenções eram boas. Mas não deu certo

Apesar das boas intenções nem tudo saiu como se esperava. Depois de ter repassado 503 animais (157 no primeiro ano de programa e 346 no segundo) a Cooperativa não conseguiu financiamento junto aos Bancos, porque não existe crédito para gado de corte. Sendo assim, a Cooperativa foi obrigada a suspender o programa e se ver na situação de ter que subsidiar o repasse ao produtor, com custos financeiros de 38 por cento ao ano. Jorge Perez, Coordenador do Departamento Técnico da Unidade em Dom Pedrito, criticando a atual política de crédito, explica as razões pelas quais a Cooperativa foi

obrigada a suspender o programa de repasse de vacas prenhas.

— Lamentavelmente tivemos que suspender o programa por alguns problemas, como aftosa, que já se alastra por quase todo o sul do Estado (veja matéria nas páginas 4 e 5) e principalmente pela falta de crédito. Não existe crédito para essa faixa de gado. A Cooperativa, por sua vez, não tem condições de arcar com uma despesa tão elevada.

O programa de repasse de vacas prenhas, embora esteja paralisado, é considerado por Jorge como uma experiência muito válida, servindo como base para um trabalho maior e

mais consciente à nível de pequeno produtor.

— Serviu como experiência e como trabalho com pequenos produtores. Nesses dois anos, procuramos aperfeiçoar o programa, adaptando-o aos interesses dos pequenos e também já estamos estudando uma forma de adaptar esse mesmo programa, só que com outros tipos de animais, como repasse de terneiros

Por enquanto, isso tudo são estudos, porque um programa nesses moldes exige muito dinheiro e a Cooperativa, como já explicou Jorge, não tem condições de arcar com despesas muito grandes. Só esse ano, quando a Cooperativa repassou um total de 346 animais, com um custo, em média de Cr\$ 13.500,00 cada vaca, o valor total chegou a Cr\$ 4.670.000,00.

— É um valor bastante elevado

para a Cooperativa, ainda mais que o retorno é a médio e longo prazo. Claro que se sabe que o produtor está pagando, mas infelizmente, não há condições, pelo menos de momento, do programa ter continuidade.

BUROCRACIA BANCÁRIA

A Cooperativa começou o programa, sabendo que não existia crédito, mas era um motivo real, para se exigir um financiamento por parte dos bancos, envolvendo o pequeno produtor, grande prejudicado por não possuir recursos próprios ou mesmo garantias. Na época em que a Unidade em Dom Pedrito iniciou o programa de repasse de vacas prenhas, uma das intenções era a de procurar enquadrar o pequeno produtor no sistema de financiamentos bancários.

— Na realidade a burocracia bancária é tão grande, que se torna

O produtor, é claro, gostou

O produtor Custódio Barbieri, apesar de inscrito no programa de repasse, não recebeu nenhuma vaca, já que a sua área de terra ultrapassava os 200 hectares. Mesmo assim, Barbieri dá a sua opinião a respeito do programa implantado pela Cotrijuf de Dom Pedrito.

— Eu até acredito que um programa nesses moldes seja inédito. Não sei de outra Cooperativa que tenha feito a mesma coisa. Um programa nesse estilo é como uma loteria para o produtor pequeno, já que ele não precisa de dispor de capital nenhum para comprar as vacas.

Quanto as condições de pagamento, com despesas financeiras em torno de 38 por cento, Barbieri diz que não há o que reclamar, porque a forma de pagamento faz com que o programa fique dentro dos objetivos propostos.

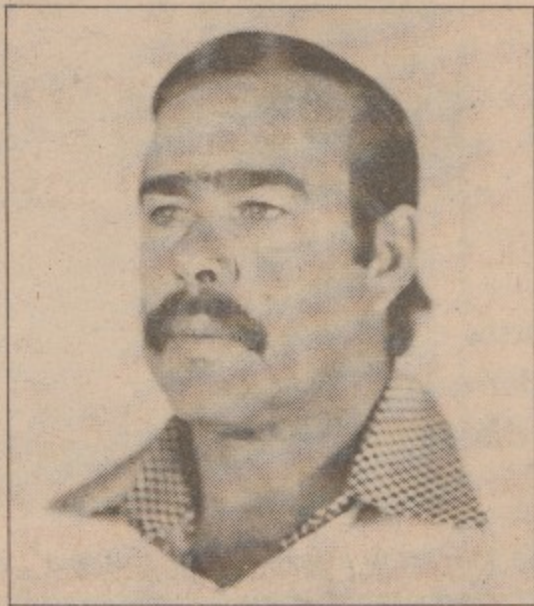
UMA CHANCE JUSTA

Outro produtor, Seu Florício Barreto, que também é presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dom Pedrito, recebeu pelo repasse 12 vacas. Seu Florício que mora lá no Bolicho da Pedra, fala que esse programa veio beneficiar os pequenos, que geralmente não têm condições de adquirir uma vaca sequer, porque não há financiamentos para isto:

— Esse programa é uma chance, muito justa, para o pequeno produtor. E depois tem uma: o pequeno produtor também vai retribuir o benefício que a Cooperativa lhe deu, a partir do momento que começar a devolver as vacas repassadas ou então começar a pagar com soja, sorgo, outro animal, peles . . . enfim, com o que ele tiver.

Seu Florício comenta ainda o andamento do programa, com discussões entre produtores sobre normas de procedimento.

— O positivo de tudo isso, não é só o repasse, mas as reuniões que a cooperativa fez com os produ-



Custódio: programa inédito

res inscritos para discutir todo o andamento do programa. Ela não decidiu nada sozinha. Primeiro procurou o produtor interessado, para que ele mesmo discutisse as normas do programa. Tudo é mais válido e viável, quando as coisas antes de serem decididas, passam pelas bases.

UM ESTÍMULO

Não é só Seu Florício quem acha que o programa de repasse veio atender aos interesses dos pequenos. Também o produtor José Fontoura, de Santa Maria Chico, diz que foi um grande estímulo para os pequenos produtores.

— Isso tudo é uma colher de chá que a Cooperativa está nos dando. Até depois desse programa, quero ver se trago mais produtores, para se associarem na cooperativa.

O PEQUENO DESCAPITALIZADO

Seu José que recebeu 24 vacas pelo repasse, volta ainda a comentar a importância do programa para os pequenos, salientando que infelizmente o Governo não se preocupa muito em ajudar o produtor com poucas condições.

— O pequeno produtor está totalmente descapitalizado, porque no momento nós não temos a ajuda do Governo para o desenvolvimento da pecuária. Os Bancos estão paralisados e não nos dão ne-



Florício: chance para o pequeno

crédito. Esse programa da Cooperativa não pode ter chegado em hora tão certa. Prô pequeno produtor é um negócio excelente.

TRABALHANDO COM GADO DESDE PEQUENO

Bem animado e até faceiro, o produtor Mário Epifânio Chocho, de Vacaiquá, olhando o seu lote de 8 vacas todo orgulhoso, vai logo dizendo:

— Trabalho com gado desde os 12 anos, mas foiso agora, através desse programa com a Cooperativa, que estou tendo condições de ampliar um pouco mais o meu rebanho.

Mário lamenta que não exista crédito para pequeno, "só para os grandes". E é por essa razão, que na sua opinião, o pequeno produtor não consegue ir prá frente.

— A situação do pequeno produtor não é nada boa. Ele não tem condições de conseguir um bom financiamento e quando consegue, o juro é alto demais. Quando chega a hora do abate não tem lucro. É dinheiro por dinheiro. E não dá prá viver só pensando no que tem que pagar.

Meio triste, Mário explica que o grande está acabando com o pequeno, na medida que retira todo o crédito que o Banco libera. Para



Mário: ampliando o rebanho

que essa situação melhore, explica que é preciso que aconteça uma mudança na política de crédito e que esta venha beneficiar também o pequeno produtor.

— Do jeito que tá, o rico tá cada vez ficando mais rico e o pobre, cada vez mais pobre. E os bancos só nos dizem que não têm dinheiro.

Dando uma olhada de soslaio para o lote de vacas prenas que está na mangueira, Mário conta que não sabia do tal de programa de repasse, até que um dia foi a Cooperativa (Unidade de Dom Pedrito), pegou as condições, voltou para casa e estudou, pensou e repensou, até que decidiu fazer a sua inscrição.

— Eu pensei e pesei muito bem as condições de pagamento. Afinal, a gente que tem poucas posses, tem que ver se o negócio realmente tem futuro. Mas eu gostei das condições do programa e depois que vi o lote, acho que realmente fiz um bom negócio porque as vacas estão em bom estado.

Do lote de 8 vacas, Mário diz que depois de um ano e meio, pretende ainda ficar por mais uns tempos com uma duas ou três. Mas o que ele lamenta é que por motivos que não sabe explicar, a Cooperativa tenha acabado com o programa de repasses.

impraticável crédito para pequenos. Tudo o que se ouve por aí, não passam de "estórias da carochinha".

Por outro lado, Jorge reconhece que para os Bancos é muito mais fácil e mais garantido financiar para o grande, que tem crédito, pode oferecer garantias e tem toda uma estrutura montada, do que financiar para os pequenos, que além de não terem nenhuma garantia a oferecer, apresentam uma série de problemas. É por isso que Jorge critica a divulgação de programas especiais, que se dizem voltados para os pequenos, mas que na realidade, são absorvidos pelos grandes produtores.

— Esses programas especiais que dizem ser para pequenos produtores só existem na teoria. Na prática, não se vê nada. Até acredito que tantos entraves aos pequenos, com burocracia e tudo o mais, seja proposital, pa-

ra que ele desista de pedir financiamento, e simplifique mais as coisas à nível de crédito.

Embora reconheça que o incentivo para aumentar o rebanho de gado de corte, para pequenos produtores não seja a melhor solução, a paralisação do programa por falta de crédito está fazendo com que a Cooperativa seja impedida de, pelo menos, tentar amenizar o problema. Sem recursos, a Cooperativa fica também sem uma forma de tentar impedir o abate indiscriminado de vacas prenas à nível regional.

— Realmente nós acreditamos que o gado de corte, para o pequeno, não seja a melhor solução. Teria que se fazer um estudo bem mais profundo para ver a validade econômica do programa. O certo é que somos de opinião que o pior seria deixar os campos vazios.

Neste sentido, a Unidade de Dom Pedrito está estudando uma forma, ou mesmo um novo programa, que dê uma resposta mais rápida em termos econômicos para o pequeno. Esse programa seria voltado para

uma produção mais intensiva, como a de gado de leite. "Mas antes que se parta para qualquer tipo de programa, é preciso que exista crédito. Sem dinheiro, não se faz nada", conclui Jorge Perez.



Cajaty: um programa vantajoso . . .



Jorge: . . . que foi interrompido por falta de crédito.

MAIS UM TESTE PARA A ESTRUTURA DO PODER

Da Assembléia praticamente só participaram os representantes eleitos. A experiência da Estrutura do Poder parece que está começando a dar certo. As grandes decisões da Cooperativa são efetivamente tomadas no dia a dia do trabalho.



Quem apenas tivesse a intenção de assistir às assembléias realizadas na Cotrijuí no dia 28 de maio, sairia de lá com a certeza que pouca coisa estas assembléias estavam representando. Na primeira, realizada no início da tarde, os assuntos mais importantes que entraram em discussão foram o balanço do exercício encerrado em 29 de fevereiro, a destinação das sobras do exercício e a eleição do Conselho Fiscal. A segunda, de caráter extraordinário, tinha o objetivo de alterar os estatutos sociais da Cotrijuí, adequando-os à realidade hoje vivida pela instituição.

Por que a impressão de que pouca coisa representavam as assembléias? Principalmente porque foi reduzidíssima a presença de associados, exatamente no encontro mais importante da vida de uma Cooperativa segundo os moldes tradicionais. De fato, dos 18.562 associados hoje vinculados à Cotrijuí, apenas 169 assinaram a lista de entrada no salão do CTG Laureano Medeiros, em Ijuí, na tarde da realização das Assembléias.

Mas não era bem isto o que se está perseguindo desde que iniciaram as discussões sobre a Estrutura do Poder, a participação do quadro social nas decisões de sua Cooperativa? Há anos os associados vinham lembrando a dificuldade de participar de assembléias, não só pela distância entre cada uma das unidades da Cotrijuí e a sede — onde são realizadas as assembléias — como também pelo curto espaço de tempo — uma tarde ou um dia, no máximo — para decidir questões vitais da vida da Cooperativa. “Não é na assembléia que se decide as coisas. O trabalho é feito durante todo ano e quem não fez nada

durante o ano não tem nada a fazer na assembléia”, lembrava Euclides Marino Gabbi, representante eleito da Unidade de Ijuí, antes de se iniciar a reunião.

O balanço, por exemplo, foi discutido nos núcleos antes da aprovação necessária pela Assembléia. Durante pelo menos 15 dias, à tarde e à noite, foram realizadas reuniões nas localidades de todo interior, onde os associados levantaram dúvidas em relação as contas e números apresentados. Isto explicaria, então, o porquê de muitos associados de Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba, as localidades mais próximas e de onde sempre vêm o maior número de participantes, não se deslocaram até o CTG na tarde do dia 28. Suas principais dúvidas foram esclarecidas durante as reuniões preliminares de discussão do balanço.

Na verdade, bem como dizia o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, ao abrir os trabalhos da Assembléia, o número de participantes é uma coisa por analisar. Além da questão do balanço, é preciso lembrar ainda que a Assembléia coincidiu com o pique do plantio do trigo.

A maioria dos representantes eleitos, porém, participou da Assembléia. Veio o pessoal do Mato Grosso, de Dom Pedrito, de Portela. Se fez, de fato, uma Assembléia de representantes, uma forma discutida bastante nos anos anteriores e colocada em prática a partir do ano passado. Só que isto ainda não é uma forma de direito e legal de fazer as Assembléias da Cotrijuí. É apenas uma experiência que, ao que parece, está começando a dar certo.

O assunto que mais discussões provocou durante toda a Assembléia foi a destinação das sobras do exercício, que atingiram o valor de Cr\$. . 2.682.239,98. Quando este tema entrou para apreciação, logo após a aprovação do balanço, o pequeno grupo de associados que representava a unidade de Tenente Portela, lançou a proposição de distribuir esta quantia entre os associados. Mário Hendges, representante eleito por Portela, disse:

— A gente sabe que é pouca coisa que vai tocar para cada associado. Mas acontece que muitos às vezes não sentem que a Cooperativa é diferente de uma empresa, porque eles não enxergam retorno em dinheiro. Muitos não compreendem que o retorno é o serviço. Por isto era bom distribuir desta vez este capital.

Outra proposta, apresentada pelo representante José Henrique Adams, de Maracaju, foi de capitalizar, destinando este valor das sobras de acordo com a conta-capital de cada associado. Já a sugestão de Olmiro Stefanello, representante de Sidrolândia, foi aproveitar este dinheiro para investir na área de saúde, uma das maiores preocupações do quadro social da Cotrijuí. Segundo ele, os benefícios prestados pela Cooperativa, através dos serviços que oferece ao seu quadro social (assistência técnica, setor de consumo, repasse, etc) devem ser considerados como lucro. Além disto, lembrava Stefanello, o trabalho burocrático para distribuir as sobras entre os associados seria imenso.

E OS FUNDOS?

Surgiram também sugestões para que as sobras fossem encaminhadas para o FATES (Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social) ou para o Fundo de Reserva. Só que muita gente não sabia ao certo qual a diferença entre estes dois fundos. Isto foi explicado por Oswaldo Olmiro Meotti, diretor administrativo da Cooperativa:

— O Fundo de Reserva tem como finalidade cobrir eventuais prejuízos sofridos pela Cooperativa. Já o FATES, bem como diz o nome, é para ser aplicado em assistência técnica,



Nas duas assembléias a participação, se reduzida em número, foi grande em colocações.



Os esclarecimentos foram prestados pela mesa

educacional ou social.

O FATES, como lembrou Meotti, depois de uma pergunta do plenário, é formado da seguinte maneira: 10 por cento sobre a sobra do exercício, acrescido os resultados positivos de operações com terceiros (caso das exportações realizadas por outras cooperativas e entidades através do terminal de Rio Grande) e ainda as vendas de bens do ativo fixo (no caso dos caminhões que a Cooperativa vendeu durante o ano passado).

CARTÃO DE APTIDÃO

Nem assim, porém, cessaram as discussões. Ido Max Weiller, do Conselho de Administração, sugeria que este dinheiro das sobras à disposição da Assembléia fosse distribuído de forma igual entre todos os associados que tivessem cartão de aptidão:

— Isto pode ajudar os associados que estão em má situação, mesmo que estes Cr\$ 2 milhões e pouco reflitam apenas uma parcela minúscula se este valor for distribuído de forma igual entre todos.

A idéia de Weiller, apesar de muito aplaudida, não poderia ser colocada em prática, como foi esclarecido por Arthur Nardon, da Auditoria Externa. Legalmente isto não é possível, mesmo que possa parecer o mais justo. A única forma de distribuição legalmente admitida, seria a devolução de acordo com o volume comercializado por cada associado na Cooperativa. E isto, segundo cálculos apresentados por Meotti, o di-

retor administrativo, daria um valor bastante pequeno para cada associado. É que pegando o valor do volume comercializado no exercício (cerca de Cr\$ 5 bilhões), se chegaria a Cr\$ 0,04 para cada Cr\$ 1 mil comercializado por associado. Quem tivesse comercializado então, Cr\$ 10 mil, receberia apenas Cr\$ 4,00.

NA VOTAÇÃO DEU FATES

A melhor forma de resolver o impasse criado pelo assunto foi partir para a votação. Faz anos que se pede para não se votar na base do senta-levanta e esta foi a oportunidade de também se votar secretamente. Junto com a cédula para a eleição do Conselho Fiscal (que concorria em chapa única) os associados escreveram também qual a destinação que desejavam para as sobras. Apurados os votos, 58 dos presentes optaram pelo FATES, 33 pela distribuição, 28 pelo Fundo de Reserva, 8 votaram em branco e 6 anularam seu voto. Desta forma, os Cr\$ 2.682.239,98, foram destinados ao Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social.

CONSELHO FISCAL

Na eleição do Conselho Fiscal, foram aceitos os nomes dos associados Dair Fischer, de Ajuricada; Álvaro Darci Contri, de Augusto Pestana e Eloy Milton Frantz, de Dom Pedrito, como membros titulares do Conselho. Os suplentes são Antoninho Boiarski Lopes, de Chiapetta; Alevino Righi, de Tenente Portela e Dari Bandeira, de Ajuricaba.



Mário: pela distribuição



Adams: pela capitalização

De um hotel, surge uma casa de saúde

Depois de resolvido o que fazer com as sobras do exercício e eleitos os novos conselheiros, se entrou na discussão de assuntos gerais. Aí foi a ocasião de se entrar num tema já bastante discutido pelos associados da Cooperativa, especialmente os residentes em Ijuí: o problema saúde.

Como muitos podem recordar (saiu no Cotrijornal de abril e maio) os agricultores de Ijuí protestaram contra o atendimento que vinham recebendo por parte do Funrural no Hospital de Caridade de Ijuí. No mês de abril, o Hospital decidiu não renovar seu convênio para atender os trabalhadores rurais. Com isto, se voltou a falar da construção de um hospital pela Cotrijuí, assunto já levantado lá pelos anos de 1968, quando inclusive foi feita a planta de construção de um hospital.

Pois durante a Assembléia o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva anunciou a compra do Motel Rian, que fica junto à antena da Rádio Repórter, onde se pretende instalar uma casa de saúde. O prédio, que deverá sofrer reformas para abrigar um estabelecimento para este fim, foi adquirido por Cr\$ 21,5 milhões que deverão ser pagos até outubro de 1984. Além do terreno e do prédio, estão incluídos neste valor todos os móveis e utensílios ali existentes. A partir de julho, quando o prédio será liberado, deverão iniciar as reformas necessárias para a instalação da casa de saúde, que deve iniciar seu funcionamento no mês de setembro.

ANTIGA REIVINDICAÇÃO

Um hospital é uma antiga reivindicação dos agricultores associados da Cooperativa, especialmente os residentes em Ijuí. Em 1976, por exemplo, num encontro de líderes onde foram identificados os maiores problemas dos agricultores, o assunto saúde era colocado lado a lado com a falta de terra e a falta de união entre os agricultores. Desde lá vem se falando seguido da construção de um hospital por parte da Cooperativa em Ijuí. Neste meio tempo, surgiram propostas também de implantar um programa de saúde comunitária, que tinha como objetivo mais prevenir as doenças do que curar as doenças depois de elas existirem. Contratempos

diversos, porém, impediram que o programa fosse colocado em execução na Região Pioneira. A experiência, por enquanto, está sendo desenvolvida em duas comunidades de Dom Pedrito (Ponche Verde e Três Vendas).

Experiência nesta área já existe na Cotrijuí, que desde 1975 administra um hospital em Santo Augusto. Este Hospital, até recentemente denominado Santa Teresinha (agora é Bom Pastor), deverá sofrer uma série de reformas nos próximos meses (veja na página 24).

CENTRAL DE CARNE

Um outro assunto levantado foi a autorização que se faz necessária para a Cotrijuí efetivamente participar da Cooperativa Central Gaúcha de Carnes. A CCGC está formada e inclusive já teve sua primeira diretoria eleita (Cláudio Martins da Silva, da Cotricruz é o presidente, e Jandir Schau de Araújo, da Cotrisa, é o vice-presidente). A autorização foi concedida pela Assembléia depois da explicação dos objetivos da Central, assunto, por sinal, já sabido por muitos associados.

O grande objetivo, como foi salientado pelo presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, é montar uma cozinha industrial para aproveitar carnes que não se destinam ao consumo em sua forma natural. Com estes equipamentos é possível enlatar a carne, fazendo salsicha, presunto, etc. Outro objetivo é justamente atender o recebimento de suínos por parte da Cooperativa, que já atua, em Dom Pedrito, no abate de bovinos e ovinos. Para outras cooperativas, o interesse maior é na bovinocultura, como é o caso, por exemplo, dos associados de Jaguari. É ainda intenção da CCGC viabilizar as instalações frigoríficas que já existem no Estado e que estão operando com grande capacidade ociosa.

Cada cooperativa participante da Central, contribui com Cr\$ 150 mil para a formação do capital da Cooperativa e ainda Cr\$ 100 mil nos dois primeiros meses para permitir a manutenção do início da Central. Participam da CCGC as Cooperativas de Santo Ângelo, Cruz Alta, São Sepé, Santa Bárbara, Jaguari, Santiago e a Cotrijuí.

MUDANÇAS NO ESTATUTO

A segunda assembléia realizada na Cotrijuí dia 28 teve o objetivo de alterar os estatutos sociais que estão em vigor na Cotrijuí. Não que desta vez se tenha conseguido introduzir as alterações pretendidas com a Estrutura do Poder, legalizando uma situação que de fato já ocorre na Cotrijuí depois das eleições dos representantes no ano passado. É que este assunto ainda está sendo discutido nas bases, se tentando definir perfeitamente qual a função real destes representantes.

As alterações feitas agora, buscavam apenas pôr o Estatuto em dia com as alterações que aconteceram nas leis e ainda adequá-lo à nova realidade da Cotrijuí.

ÁREA DE AÇÃO

A principal mudança que aparece agora no Estatuto é a área de ação da Cotrijuí. Ela passa a incluir além dos municípios de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana, Auricá, Braga, Campo Novo, Catuípe, Chiapetta, Coronel Bicaco, Crissiumal, Humaitá, Miraguaí, Pejuçara, Redentora, Santo Augusto, São Martinho, Tenente Portela, Tupanciretã, Três Passos e Rio Grande, como constava no antigo estatuto, ainda os municípios de Arroio Grande, Camaquã, Encruzilhada do Sul, Jaguarão, Pedro Osório, Pelotas, Piratini, Santa Vitória do Palmar, São Lourenço do Sul, Dom Pedrito, Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Herval do Sul, Cacequi, Livramento, Lavras do Sul, Pinheiro Ma-

chado, Quaraí, Rosário do Sul e São Gabriel. Todos estes municípios são no Rio Grande do Sul. No Mato Grosso do Sul a área abrange os municípios de Campo Grande, Amambai, Angélica, Antonio João, Aquidauana, Aral Moreira, Bela Vista, Bonito, Caarapó, Caracol, Deadópolis, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados, Guia Lopes da Laguna, Itaporã, Itaum, Ivinhema, Jardim, Maracaju, Miranda, Nioaque, Nova Andradina, Ponta Porã, Porto Murtinho, Rio Brilhante e Sidrolândia.

EXERCÍCIO

Outra alteração importante é a mudança na data de encerramento do exercício, que passa de 28 de fevereiro para 31 de dezembro. A data que prevalecia até então — e foi obedecida ainda este ano — fora escolhida mais em função do trigo, o principal produto comercializado pela Cooperativa na sua fundação. Como esta safra encerra pelo final do ano, era preciso mais algum tempo até fazer todos os registros contábeis. Só que hoje a Cooperativa trabalha com uma enormidade de produtos — soja, arroz, milho, carne, lã, hortigranjeiros, etc — e fica mais adequado, pelo período das safras, encerrar o exercício em 31 de dezembro. Este exercício de 80, portanto, terá apenas 10 meses.

CAPITALIZAÇÃO

Uma alteração que visa adequar o



As alterações do estatuto foram aprovadas em Assembléia Extraordinária.

estatuto da Cooperativa à legislação em vigor foi a troca dos valores da referência sobre os quais era calculada cada cota-parte da subscrição de capital feita pelo associado. Agora este cálculo é baseado em ORTNs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional) e não mais em salário mínimo. Assim, se a definição no antigo estatuto era de que cada cota-parte representava 1/3 do salário mínimo regional (ou Cr\$ 1.383,20) agora cada cota será de duas ORTNs (ou Cr\$ 586,13).

Em relação à subscrição e integralização do capital o estatuto também sofreu alterações. No lugar de subscrever no mínimo uma cota por hectare cultivado, agora consta a expressão por hectare explorado. É que pelo antigo estatuto, não se considerava a exploração da propriedade com pecuária e sim só com agricultura. Pelo texto anterior do estatuto existia também o prazo máximo de 10 anos para a integralização do capital. Este prazo agora foi eliminado, sendo alterado ainda o valor estabelecido para a retenção de capi-

tal. Antes se definia que a retenção era de 3 por cento do valor dos produtos comercializados na Cooperativa. Agora consta que estes percentuais serão estabelecidos pelo Conselho de Administração, de acordo com os produtos, até o máximo de 3 por cento (é que na soja, na região Pioneira, por exemplo, são descontados apenas 2 por cento como capital).

Foi incluído ainda neste estatuto a devolução do capital aos herdeiros, no caso da morte do associado, que em exercícios passados normalmente era transferido para o nome de outra pessoa da família que passasse a associado da Cooperativa. Hoje o valor capitalizado pelo associado que venha a falecer é transferido, em dinheiro, para seus herdeiros, desde que apresentado o atestado de óbito e alvará judicial autorizando o levantamento deste valor. Este capital também deverá receber correção. Se alguém da família vier a se associar, subscreve novamente o capital e passa a integralizá-lo com a entrega de produto.

O Relatório do Conselho: como foi 79

79 foi um ano de frustrações. Aqui uma síntese do Conselho de Administração, relatando o que aconteceu no exercício encerrado em 28 de fevereiro.

De acordo com as disposições estatutárias vigentes, estamos reunidos para prestarmos conta de nossas atividades correspondentes ao exercício encerrado em 29 de fevereiro de 1980. Mais uma vez nos defrontamos com uma frustração de safras a se acumular nos remanescentes das safras frustradas de 1977 e 1978. Novamente as culturas de soja e trigo tiveram reduzida produtividade, devido as más condições do clima. Deve-se ressaltar que o fenômeno não atingiu em iguais proporções a região de Mato Grosso do Sul, onde a Cooperativa recebeu respectivamente 37 e 33 % do volume total dos produtos citados, o que veio em parte minimizar a precária situação, principalmente no que concerne a soja, cuja safra daquele Estado nos proporcionou suprir, em parte, a nossa capacidade industrial, com o que conseguimos atender à nossos tradicionais clientes de farelo no mercado externo e do óleo Mucama no mercado interno.

A par dos quadros estatísticos que compõem o presente relatório, vamos proceder uma análise sintética dos principais setores e atividades da cooperativa no

exercício recém findo.

SAFRA DE SOJA

Atestando a extensão da frustração da safra de soja no Rio Grande do Sul, salienta-se termos recebido no ano de 1979 apenas 284.946 tons. do produto, contra 323.700 toneladas no ano anterior de uma safra também anormal. Ressalte-se ainda, que do volume recebido no exercício em relato, 107.000 tons. foram produzidos pelos associados de Mato Grosso do Sul. Mais uma vez fomos obrigados a realizar importações de parte da matéria prima necessária a suprir a capacidade de nossas indústrias. Apesar de todos os contratempos a comercialização se processou com certa normalidade, e o preço médio pago ao produtor foi dentro das expectativas.

SAFRA DE TRIGO

O maior percentual de quebra do exercício em estudo ocorreu justamente nas culturas de trigo, cuja safra além do baixo rendimento físico, apresentou o de pior qualidade até hoje colhido. Novamente deve-se ressaltar que, na região do Mato Grosso do Sul, apesar das condições

climáticas não terem sido as mais favoráveis, a produção atingiu 45.000 tons, com produto de boa qualidade. Na região pioneira a produção atingiu somente 93.000 tons.

SAFRA DE ARROZ

Tratando-se de outra cultura de verão o arroz também sofreu prejuízos idênticos da soja no que respeita ao seu rendimento, causados pela prolongada estiagem que se abateu sobre o Estado. Mesmo assim, face a maior participação de nossos associados determinando a criação, em Dom Pedrito do Conselho de Produtores de Arroz, o recebimento atingiu 16.066 tons. o que nos proporcionou a manutenção de nossa atividade industrial e atendimento do mercado com a nossa marca LEVIESTI.

SAFRA DE MILHO

Embora as lavouras tenham sido atingidas, também, pela incidência da estiagem, a produção atingiu nível levemente superior ao exercício anterior. Neste exercício recebemos 6.016 tons. o que contudo não foi suficiente para o abastecimento de nossa indústria de rações e atendimento da demanda do nosso corpo social. A complementação necessária se fez através da aquisição de, aproximadamente, 5.000 tons. do produto, adquirido de outros Estados da Federação.

SAFRA DE LÃ

Mantendo a política de recebimento e comercialização exclusivamente na

modalidade de preço médio, alcançando liquidações satisfatórias aos nossos associados produtores de lã, registramos no período um incremento de 23% no volume recebido em relação a safra anterior. Registramos ainda a industrialização de 80.865 tons. destinados a produção de tops junto a nossa co-irmã Cooperativa de Lãs do Vale do Uruguai Ltda., da qual somos associados.

PECUÁRIA DE CORTE

Neste setor a cooperativa continua estimulando a criação do terneiro precoce com a realização, inclusive, no decorrer do período, do 3º Concurso de Novilho Precoce em Dom Pedrito, com participação cada vez mais crescente de produtores associados. A maior integração do quadro social, permitiu um abate no exercício de 33.417 cabeças de bovinos e ovinos, enquanto no exercício anterior havíamos atingido 21.225 cabeças. O melhor conhecimento da atividade aliada ao maior abate, oportunizou um resultado positivo no nosso Frigorífico de Dom Pedrito. Continuam junto a outras Cooperativas as gestões com o objetivo da fundação de uma Cooperativa Central de Carnes, permitindo assim nosso ingresso no abate de suínos e de forma especial o grande objetivo da verticalização industrial do setor.

PRODUÇÃO DE LEITE

Dentro do programa de diversificação da produção que vem sendo desenvol-

vido e incentivado pela cooperativa, o setor em que se observa o maior crescimento é o da pecuária leiteira. De um total de 2.293 produtores do exercício anterior, passamos no presente exercício a contar com 2.982, os quais entregaram 1.421.512 litros/mês contra uma produção anterior de 1.055.000 litros/mês. Estes números crescem de significado por tratar-se em sua maioria absoluta de pequenos e mini-produtores, que se valem desta receita para atendimento de suas necessidades imediatas de subsistência, exatamente num período em que as atividades agrícolas não tem sido promissoras.

PRODUÇÃO DE HORTIGRANJEIROS

Outro setor do programa de diversificação da produção que vem experimentando considerável expansão é o hortigranjeiro, que vem carreando sensíveis recursos para os pequenos e mini-produtores da nossa área de ação. Ovos, tomates, cenouras, repolhos, cítricos e alho vem obtendo boa comercialização, destacando-se entre todos a produção de alho já que se busca neste setor a autosuficiência nacional. Para reforçar ainda mais a produção e visando um substitutivo para o combustível líquido, a cooperativa distribuiu 300.000 mudas de árvores florestais e frutíferas.

SEMENTES FORRAGEIRAS

Em que pese as adversidades climáticas, continuamos a desenvolver a produção de sementes forrageiras, para distribuição entre o quadro social para posterior formação de pastagens destinadas a melhoria do rebanho do gado leiteiro e de corte. No período foram recebidas e comercializadas 1.495 tons. de sementes.

INDÚSTRIAS DE ÓLEO

Como conseqüência da frustração da safra de soja, fomos obrigados a importar 43.000 tons. de soja do exterior, com o que suprimos tão somente parte da capacidade ociosa da indústria de Rio Grande. Com esta medida continuamos ativos no mercado interno de óleo e farelo e mantivemos o fornecimento de farelo à cooperativas de Mercado Comum Europeu. Convém ressaltar que, além da importação citada, transferimos soja da área de Mato Grosso do Sul e locamos parte da capacidade ociosa da indústria de Rio Grande à outras empresas do gênero. Apesar de todas as medidas adotadas e face a ocorrência da maior frustração de safra já ocorrida, não nos foi possível os índices de produção do ano anterior, quando chegamos a 56.205 tons. de óleo contra 45.903 tons. no exercício em foco e, 158.775 tons. de farelo enquanto que no ano anterior havíamos produzido 231.549 tons.

INDÚSTRIA DE RAÇÕES

Com as medidas adotadas em relação as principais matérias primas que compõem as rações, embora com uma pequena quebra com relação ao ano anterior, foi possível manter um ritmo normal em nossa produção. No período foram produzidas e distribuídas 9.424 tons. do produto contra 10.470 tons. do exercício anterior.

CAPITAL SOCIAL

Como resultado das consultas permanentes feitas através de reuniões com nossos associados, em seus núcleos, o que vem caracterizando a política de participação do corpo associativo em todas as decisões de vulto tomadas pela cooperativa, culminou com a realização de seminários, nos quais se discutiu a necessidade da reinstalação da quota de capital sobre a soja na região pioneira. Esta decisão proporcionou à cooperativa um ingresso de capital integralizado, no período, de Cr\$ 64.102.546,46 correspondente a um acréscimo de 73% com relação ao saldo do ano anterior, passando o mon-

tante deste capital para Cr\$. 151.459.479,17, o qual, ainda de acordo com decisão dos referidos seminários sofrerá a partir do próximo exercício uma correção monetária com base em índices oficiais.

DEPARTAMENTO DE CRÉDITO

Sempre contando com o apoio das instituições de crédito, principalmente o Banco do Brasil S.A., e Banco Nacional de Crédito Cooperativo S.A., tiveram ritmo normal as operações de repasse, contemplando atividades agrícola e pecuária, tendo no encerramento do exercício registrado uma aplicação de Cr\$. 1.318.684.000,00 que, somente na parte de cultivo agrícola beneficiou uma área de 373.221 has. com a elaboração de 19.286 contratos.

QUADRO SOCIAL

Em que pese a sua quase consolidação na região pioneira, a cooperativa assim mesmo experimentou neste exercício um crescimento de 1.382 associados, passando de um quadro de 17.180 cooperados no início do exercício para 18.562 ao final do mesmo. Este acréscimo deve-se quase que exclusivamente ao ingresso de associados de Mato Grosso do Sul e Dom Pedrito.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

Voltada ao atendimento das justas reivindicações do seu quadro social, vem sendo uma constante preocupação da cooperativa, a saúde e o bem estar social de seus sócios e funcionários. No exercício encerrado além da manutenção do Convênio mantido com a UNIMED onde participam entre inscritos e dependentes 15.214 pessoas, foi procedida uma reestruturação no Hospital Santa Teresinha, com a abertura de sua farmácia ao público em geral e abertura de uma nova unidade farmacêutica no município de Chiapetta. Também nesse exercício cresceu a participação dos associados, através das Comissões de Saúde, em que os produtores juntamente com seus Sindicatos aprofundaram o questionamento em relação aos serviços prestados pelo Estado, na área da Previdência Social. Muitas foram as manifestações reivindicatórias de um melhor atendimento, como também ocorreram iniciativas pioneiras, em termos de Saúde Comunitária, com dois núcleos instalados em Dom Pedrito. Certamente é uma área vital ao bem estar das comunidades e em que o sistema cooperativista deverá ingressar com maior ímpeto.

QUADRO FUNCIONAL

Face a expansão das atividades da cooperativa, principalmente na área do Mato Grosso do Sul, e a necessidade de proporcionar um melhor e mais amplo atendimento ao quadro social, procedeu-se neste exercício uma reforma administrativa com a criação de diretorias regionais, para a área Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul, e a divisão da Diretoria Administrativa e Financeira, que vinha sendo acumulada por um Diretor, em duas Diretorias. O desenvolvimento das atividades nas novas áreas de ação, a diversificação de culturas principalmente na região Pioneira e a própria reestruturação Administrativa fez com que o quadro funcional sofresse um acréscimo de 556 funcionários, alcançando um total de 2.891.

ATIVO FIXO

Não obstante as dificuldades financeiras advindas das sucessivas frustrações de safras, certos investimentos tornaram-se indispensáveis à continuidade de nossa prestação de serviços ao quadro social. Desta forma, no exercício foram concluídas as obras para a instalação de lojas e supermercados em Derrubadas (Tenente Portela), Dom Pedrito, armazéns para insumos em Santo Augusto e Ijuí, aquisição do prédio para loja e supermercado



Os números provam as frustrações da soja



O setor de hortigranjeiros apresentou considerável expansão

de Augusto Pestana, aquisição das instalações da Cooperativa Tritosoja de Dourados, conclusão da refinaria de óleo em Rio Grande. Ainda, na região de Mato Grosso do Sul, onde a expansão das culturas atinge níveis expressivos, necessitando por conseguinte de ampla infraestrutura para armazenar sua produção, foram iniciadas e concluídas as obras de um armazém em Sidrolândia, e iniciadas as obras de mais 12 armazéns distribuídos em toda a área de influência da nossa cooperativa. Com excesso das obras dos supermercados de Augusto Pestana e Derrubadas, bem como o armazém de insumos de Ijuí, todos os demais investimentos tiveram o respaldo de financiamento bancário, destacando-se, inclusive, que as obras dos 12 armazéns em Mato Grosso do Sul, tiveram a cobertura do Programa Nacional de Armazenagem - PRONAZEM - com juros subsidiados à nível de lavoura.

ABASTECIMENTO E CONSUMO

Alcançou expressivo resultado sócio-econômico o trabalho desenvolvido pelas 26 lojas e supermercados que compõem nossa rede de distribuição de bens de consumo e insumos para lavoura. Como principal ponto de apoio para distribuição de bens produzidos pelo quadro social (carnes laticínios, hortigranjeiros, arroz, óleo, farelo, feijão, etc.) não descuidou-se também, o setor, da distribuição de insumos para lavoura, conseguindo fazê-lo a preços compensadores, minimizando, em grandes escala os custos finais de produção e subsistência.

ESTRUTURA DO PODER

Cabe destacar a atuação dos Representantes eleitos, em maio de 1979 que vem com muita dedicação cumprindo sua maior atribuição, que consiste no aprofundamento da discussão da "Estrutura do Poder", ou seja encontrar o caminho mais adequado que assegure a efetiva participação do quadro social nas decisões da nossa Cooperativa. Inúmeras reuniões foram realizadas, e neste novo exercício certamente chegaremos após amplas discussões com todo quadro social, a propo-

sições que provavelmente redundarão na institucionalização da Estrutura do Poder através da Reforma dos Estatutos Sociais. Ainda podemos destacar que crescem significativamente a participação dos associados na condução das atividades da COTRIJUI, muitos foram os Conselhos criados, cobrindo as áreas de consumo, arroz, carne, leite a exemplo do que já vinha ocorrendo na produção de sementes.

Passados mais de 23 anos desde a fundação de nossa Cooperativa, nesse período, paulatinamente montamos uma infra-estrutura que tem se mantido dinâmica e procurando atender as novas necessidades do quadro social. Assim foram construídos os primeiros armazéns graneleiros, foi descentralizada a recepção da produção do quadro social, adaptados vagões para o transporte a granel, construído Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto, criado a COTRIEXPORT, expandida e diversificada a área de ação pela incorporação da Pedritense e da Maracaju e hoje de forma especial se busca os caminhos da diversificação através da POLICULTURA. Temos felizmente conseguido ao longo dos anos como demonstra nosso passado a agilidade de adaptação necessária para mantermos uma organização comprometida com os destinos do seu quadro social. Temos consciência que alcançamos esse objetivo pela maciça e crescente participação dos associados no encaminhamento e decisões da nossa Cooperativa. Sentimos que neste momento se faz necessário um grande esforço na consecução do objetivo primeiro da atividade agrícola que é o acesso à terra, instrumento básico de trabalho. Talvez deveríamos nós associados da COTRIJUI admitir inclusive a desmobilização de parte do nosso patrimônio, com a finalidade de oportunizar a companheiros nossos esse objetivo. Desejamos ainda neste relatório, externar os nossos agradecimentos às autoridades federais, estaduais e municipais, aos agentes financeiros oficiais e privados, aos companheiros do Conselho Fiscal, aos associados e funcionários pelo apoio recebido.

NA LAVOURA, A VEZ DO GIRASSOL

Reportagem de Lorena Ely Fischer



Em Rio Brillhante, uma lavoura de 250 hectares

A luta pela diversificação de culturas no Mato Grosso do Sul, começou no momento em que se descobriu que o desenvolvimento econômico não poderia acontecer somente em cima do boi. O Estado tem cerca de 10 milhões de hectares de terras agricultáveis, de onde se pode tirar muitos produtos.

Há algum tempo atrás, Arnaldo Oscar Drews, vice-presidente da Cotrijuí, declarou em Rio Brillhante, que a soja seria o carro-chefe da agricultura sul-matogrossense, mas era necessário diversificar a atividade rural. O algodão, a mamona, o girassol, os frutos tropicais, etc, eram opções imediatas. E é exatamente em Rio Brillhante que a paisagem das fazendas. Boa Esperança e Segredo, neste início de inverno, coloriu-se com 250 hectares de girassóis floridos.

O trigo tem frustrado os produtores, como cultura de escala para o inverno, em todas as regiões. Então Luiz Mário Buck, engenheiro agrônomo e administrador das fazendas Boa Esperança e Segredo, depois de devidamente informado, arriscou o primeiro plantio de girassol no Mato Grosso do Sul. O girassol é uma cultura intermediária (mais de outono que de inverno) pode ser uma boa opção para o lugar do trigo. A lavoura foi desenvolvida com recursos próprios, mas o custo de produção não pode ser avaliado até agora, pois deverão surgir outras despesas até a colheita e a comercialização.

O próprio colorido, verde e amarelo, da lavoura de girassóis em Rio Brillhante, está enchendo de esperanças o produtor local. Muitos já procuraram informações, e se tem

conhecimento de que deverá aumentar bastante a área plantada na próxima safra.

A PRIMEIRA LAVOURA

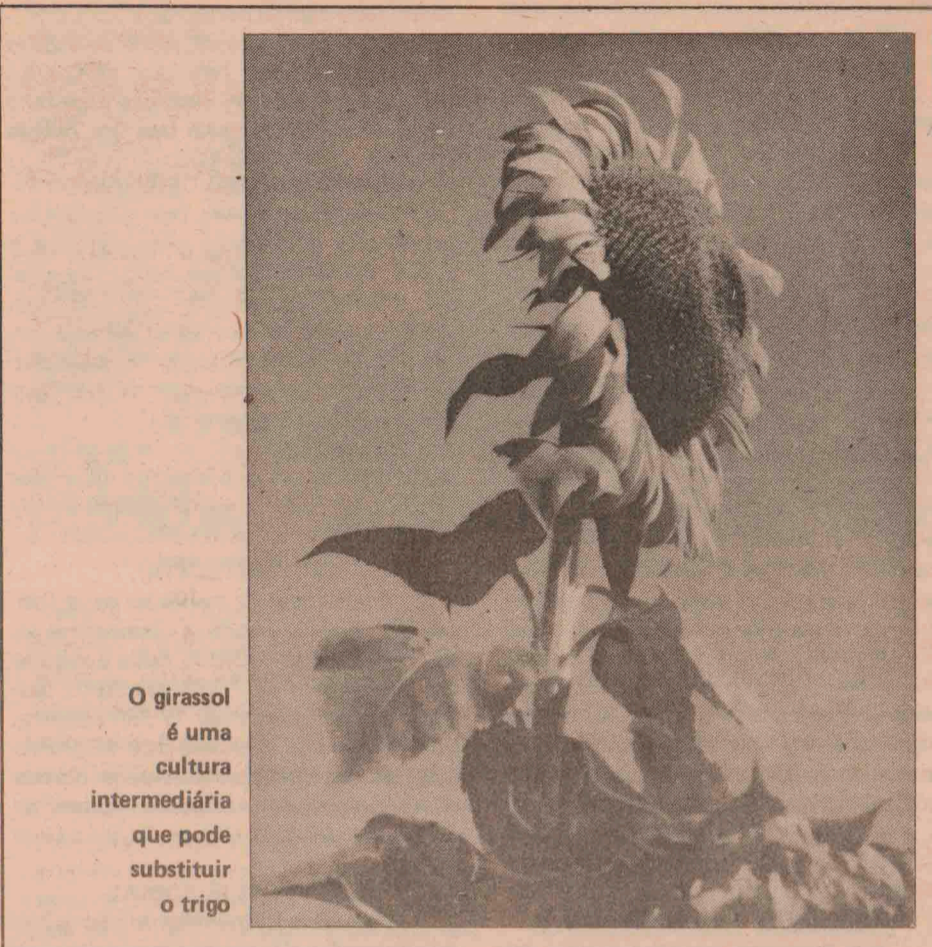
Luiz Mário Buck, que está acompanhando a primeira grande lavoura de girassol que, pelo que se sabe, está sendo experimentada no Mato Grosso do Sul, conta que a idéia de plantar esta oleaginosa, partiu depois de um encontro com um agrônomo da Gessy Lever, responsável pelo fomento do plantio. Muito fácil não foi introduzir a cultura, pois pouca coisa se sabe, inclusive agora, sobre o comportamento da planta na região.

O plantio foi iniciado em meados de março, sendo encerrado exatamente no dia 7 de abril. A época recomendada é janeiro, fevereiro e março. Além da área de cultura, mais extensa onde se empregou apenas uma variedade (Conti-sol híbrida) foram também plantados canteiros de outras variedades (Isanca, Peredovique e IOS-47). O plantio não exige máquina diferente da normalmente usada. A plantadeira é a convencional, regulada para um espaçamento de 80 centímetros e usando o disco de milho 9 furos. Na quantidade de semente não foi possível seguir à risca a recomendação técnica, que é de 4 a 5 quilos por hectare. Conta Luiz Mário:

— Devido à falta de prática e à má regulagem dos discos, caiu um pouco mais de semente, em torno de 7 quilos por hectare. A adubação que fizemos com 175 quilos da fórmula 4-28-9 por hectare.

PROBLEMAS TAMBÉM TEM

Alguns problemas já começaram a aparecer na lavoura: apareceu uma doença que ninguém sa-



O girassol é uma cultura intermediária que pode substituir o trigo

bia que tipo de doença poderia ser. Luiz Mário conversou inclusive com amigos que conheciam a cultura, com os técnicos da Embrapa, e ainda da Gessy Lever e da Contibrasil, que forneceram a semente. Mas não houve um diagnóstico final. Apareceram manchas marrons e as bordas das flores ficaram secas, imperfeitas e pequenas:

— Toda lavoura tem manchas, embora pouco importantes. O mais afetado foi 10 por cento da área. Outro problema que tivemos foi o ataque de percevejos, que conseguimos resolver com a aplicação de inseticidas. Nós plantamos em duas fazendas e numa delas não deu problema nenhum. Foi usado o mesmo sistema e semente. Só o que diferenciou foi a época de plantio.

A diferença que o Luiz Mário pode observar é que o desenvolvimento do girassol na terra de campo não está muito bom:

— Mas a gente não tem certeza, porque não se conhece a cultura. O que se nota é que na fazenda de terra de mato o desenvolvimento está melhor do que na de campo.

A colheita está prevista para o início de julho, devendo se estender até o final do mês. O rendimento esperado deve ficar em torno de 1 mil a 1.200 quilos por hectare. O girassol é uma cultura amparada pela política de preços mínimos, que estabeleceu para esta safra em andamento o valor de Cr\$ 3,66 o quilo do tipo 1; Cr\$ 3,58 o tipo 2 e Cr\$ 3,43 o quilo do tipo 3. Existindo preço mínimo, há também financiamentos oficiais e cobertura de Proagro.

SEM MAIORES INVESTIMENTOS EM MÁQUINAS

A colheita, como explica o Luiz Mário, é toda mecanizada e utiliza a mesma colheitadeira empregada para a soja e o trigo. Só o que precisa é fazer uma adaptação, como acontece na colheita do milho, com um alongamento da plata-

forma e modificação do molinete:

— Nós inclusive já encomendamos de uma empresa em Ribeirão Preto, em São Paulo, esta adaptação que é relativamente simples.

E não é apenas no plantio e na colheita que se utiliza os mesmos equipamentos existentes para as culturas de soja e trigo. Tanto na armazenagem, secagem e transporte do produto, dá para aproveitar as mesmas instalações e sistemas existentes para os demais produtos.

AS EXIGÊNCIAS

O girassol, como já foi demonstrado em experimentos realizados em outras regiões, é relativamente exigente em relação ao solo. Ele prefere o tipo de terra roxa ou vermelha-escura, como existe em partes do Mato Grosso do Sul e também em terras gaúchas. O ciclo da cultura varia entre os 120 e os 150 dias, dependendo da variedade cultivada. Durante este período, a temperatura média deve ficar em torno dos 21,5 aos 22 °C. A noite ela pode descer até os 15 °C. Só o que não pode é ocorrer geadas fortes em época de florada, o que compromete toda produção. Geadas leves o girassol consegue suportar, como bem observou o Luiz Mário.

— Embora seja uma cultura de verão, o girassol suporta geadas leves melhor que o trigo. Na nossa região, portanto, deve adaptar-se nesta época.

O girassol é uma cultura que sucede a soja e pode ser cultivada dentro de um sistema de rotação, substituindo o trigo. Conta o Luiz Mário:

— Como é uma cultura intermediária, de uma época em que o solo está ocioso, destinamos para ela o melhor solo. Mas na área de mato, de terra melhor, a lavoura está mais bonita e viçosa. Até a colheita nós estaremos anotando tudo sobre custo, comportamento, solos, etc. E teremos também semente para a região.

AS CONFUSÕES DO ESPECIAL

Produtores, indústria e consumidores não gostaram da decisão do Governo de estabelecer um novo tipo de leite, o especial, e muito menos gostaram do aumento do leite tipo "C". Mas na verdade o que mais transtornos trouxe, foi a portaria, estabelecendo normas de produção e beneficiamento de leite. De acordo com a portaria, suas normas visam aumentar a produtividade e melhorar as condições de obtenção de leite, "à nível de propriedades rurais, procurando melhorar a qualidade do leite em termos higiênico-sanitário, a fim de atingir um único padrão de leite para o consumidor". Na verdade, essa portaria veio para acompanhar o leite especial e para confundir o pequeno produtor, que não tem condições, a curto prazo, de preencher todos os requisitos para produzir o leite especial e receber um pouco mais pelo produto.

Comentando a portaria, ora em suspenso, o veterinário Otaliz de Vargas Montardo, do Departamento Técnico da Cotrijuí, diz que os maiores entraves estão na prova de redutase e no uso de tarros coletivos. Quanto à exigência relacionada com as instalações para ordenha, Otaliz diz que não há nada de mais.

— Ordenhar em área coberta com telha, piso impermeável, um

pequeno declive para escoamento de água e resíduos orgânicos, limpeza de utensílios, água instalada no recinto, sempre foram recomendações do Departamento Técnico aos produtores de leite.

Otaliz concorda que se realmente a portaria entrasse em vigor, assim de uma hora para a outra, as coisas realmente não ficariam muito boas para os lados dos produtores de leite da região. Só o ítem 3 da portaria, quando se refere a proibição de medição ou transferência de um tarro para outro, durante o caminho da propriedade rural até a usina, viria anular totalmente a possibilidade da coleta coletiva. O tarro deveria sair da propriedade fechado para ser aberto somente na indústria.

— Se isso viesse a ser cumprido, o leite especial estaria totalmente fora do alcance de um grande número de produtores.

Outro problema constatado é quanto à identificação do vasilhame. A portaria diz que os latões de transporte de leite, devem ser identificados "com uma faixa de cor branca, pintada à altura das alças". E ainda diz que a cor branca será usada exclusivamente para identificar o leite a ser destinado ao consumo direto".

— Essa exigência, comenta Otaliz, viria trazer um sério problema para os nossos produtores que ainda usam tarros coletivos.

COMO SE FAZ A PROVA DE REDUTASE

O índice de contaminação do leite pode ser medido de duas maneiras, ou seja, direta e indiretamente. Através da prova direta, se conta o número de bactérias existente em determinada quantidade de leite, através de um microscópio (aparelho com lentes que servem para aumentar o tamanho do objeto que se está olhando). Uma maneira de se medir o índice de contaminação do leite indiretamente, é através da prova de redutase, que passa a ser considerada na formação do preço do leite. Essa prova, se faz colocando-se 10 centímetros de leite dentro de um tubo de vidro e imediatamente também uma determinada quantidade de azul de metileno. O tubo é fechado e colocado em banho-maria, sem deixar que entre oxigênio (ar). Com o passar do tempo, as bactérias, que necessitam de oxigênio para viver, não encontram mais o oxigênio no tubo. Então passam a buscá-lo na estrutura do azul de metileno.

Quanto menos tempo as bacté-

rias levam para fazer isto e deixar novamente o leite branco, maior é o índice de contaminação desse leite. Quando acontece o contrário, ou seja, o leite leva bastante tempo para ficar novamente branco, é porque o leite possui pouca contaminação.

De acordo com essa portaria, o tempo da prova de redutase não deveria ser inferior a 2 horas e 30 minutos. Como se pode notar, essa prova seria bastante rigorosa e atualmente, só estaria ao alcance de um pequeno número de produtores de leite. A partir dessa constatação, a CCGL conseguiu que esse tempo estabelecido para a prova de redutase fosse reduzido para 1 hora e 30 minutos. Dentro desse tempo, o leite que não alcançar 1 hora e 30 minutos na prova, sofrerá descontos. O Otaliz é quem fala.

— Isso é para melhorar a qualidade do leite. Por exemplo, a Cooperativa Central de Laticínios do Paraná, a dos produtos Batavos, usa um sistema diferente de pagamento. Ela leva em conta a qualidade, a prova de redutase, a higiene, os antibióticos no leite, cloro ou outros desinfetantes. Para cada ponto descontado, o produtor perde Cr\$ 0,05. Então, ele é obrigado a caprichar.

Preço e gordura, os maiores problemas

A portaria trouxe uma série de confusões, com relação ao preço e ao teor de gordura do leite. O leite especial, com 3,2 por cento de gordura não está sendo bem aceito pelo consumidor, que reclama não comprando o produto que está sendo vendido a Cr\$ 19,00. A indústria, por sua vez, diz que está tendo prejuízo, na medida em que o consumidor não aceita o leite especial. A CCGL, porém, ainda não está vendendo o leite especial. E já está aparecendo até venda de leite casado. Ou seja, o consumidor só pode levar um litro

de leite comum, se levar um litro de leite especial.

Mas como foi que aconteceu toda essa confusão na área do leite, colocando produtores, indústrias e consumidores, todos no mesmo barco? Tudo começou em maio do ano passado, quando Delfim Netto era ainda Ministro da Agricultura. Nesta época, foi estabelecido que o leite "C", com 3 por cento de gordura, passaria a ter apenas 2 por cento, para compensar a falta de gordura no período da entressafra, segundo as explicações da época.

O leite "C" voltaria a ter 3 por cento de gordura, quando chegasse a safra. O tempo passou e o leite "C", continuou com seus 2 por cento de gordura. Nesse tempo todo, cerca de seis meses, os técnicos do governo, juntamente com industriais e produtores estiveram reunidos estudando uma nova política para o leite. Se as coisas já não iam muito bem, elas começaram a piorar. Os produtores pediam Cr\$ 11,00 pelo litro de leite, a indústria dizia que o leite deveria ter 2,5 por cento de gordura e custar ao consumidor Cr\$ 16,00, pagando ao produtor os Cr\$ 11,00. Depois de tantos estudos, as autoridades ligadas à política de abastecimento se decidiram por um novo tipo de leite, que apresentasse 3,2 por cento de gordura. É claro que não foi uma decisão bem aceita. Os produtores para produzirem o tal de leite especial, teriam que preencher uma série de requisitos apresentados pela tal de portaria. Além disso, receberiam Cr\$ 13,00 pelo leite. A indústria coloca o leite ao varejista a Cr\$ 18,40, este passa ao consumidor a Cr\$ 19,00 e alega que a margem de lucro, de Cr\$ 0,60 é muito pequena. A confusão está sendo muito grande. Os produtores estão descontentes e dizem que os Cr\$ 11,00 reivindicados, apareceram numa composição do preço do leite "C" a Cr\$ 8,75 com o especial, de Cr\$ 13,00, que seria o preço considerado justo. A indústria diz que está tendo

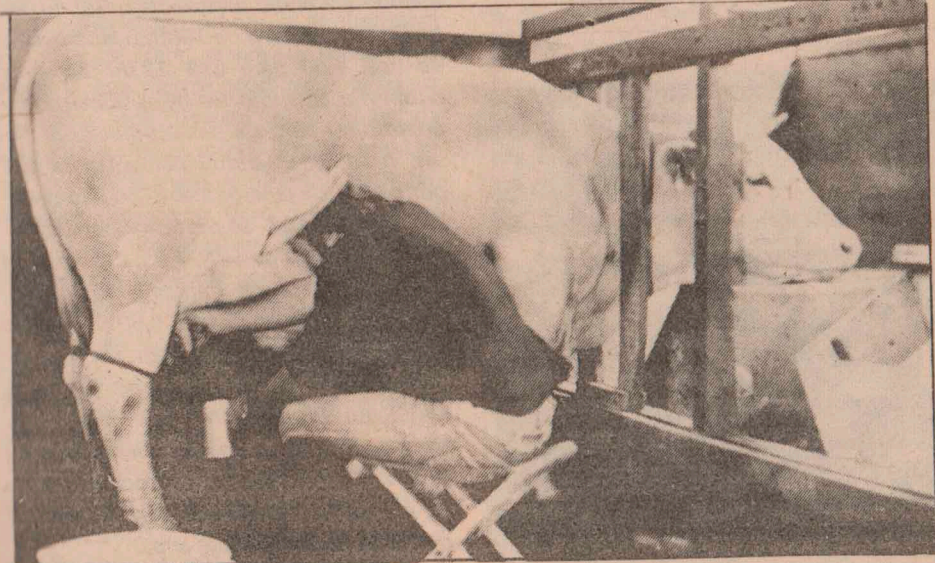
prejuízos e nega a venda de leite casado.

CCGL: UM PREÇO DE Cr\$ 10,95

A idéia do Governo de ficar com dois tipos de leite, o "C" com 2 por cento de gordura, ao preço de Cr\$ 8,75 pago ao produtor e sendo vendido ao consumidor ao preço de Cr\$ 12,00 e mais o especial, gerou essa série de confusões. A CCGL, para evitar tanta confusão decidiu pôr um preço único, ou seja Cr\$ 10,95, tanto para aquele que produz o leite especial como para quem produz o leite tipo "C". Esse preço surgiu da média de Cr\$ 8,75 com Cr\$ 13,00. Otaliz é quem explica como é distribuído o leite e o caso do preço.

— Na realidade, 80 por cento do leite recebido no caso da CCGL é utilizado na indústria (fabricação de queijo, manteiga) e apenas 20 por cento é para o leite fluído. É esse preço de Cr\$ 19,00 pelo leite especial que vai permitir que a CCGL pague Cr\$ 10,95 ao produtor, e não apenas Cr\$ 8,75. Por outro lado, cobre a defasagem do leite vendido a Cr\$ 12,00 para o consumidor.

Como foi visto, a CCGL não irá pagar preço especial para seus produtores, como uma forma de evitar que uma maioria ganhe apenas Cr\$ 8,75, (já que são pequenos produtores e não tem condições de preencher os requisitos da portaria) e que uma minoria receba um preço de Cr\$ 13,00.



O produtor tem que se tornar um especialista

— Outro aspecto que deve ser lembrado, é de que Cr\$ 10,95 vai ser o preço único para o leite que tiver 3,1 por cento de gordura. Para cada décimo de gordura será pago Cr\$ 0,43. Por exemplo, o leite com 3,2 de gordura valerá Cr\$ 11,00. Assim, nós entendemos que em função da gordura, a maioria dos produtores vá receber Cr\$ 11,00 por litro.

Otaliz lembra também, que o mesmo vai acontecer quando diminuir a gordura do leite. Os descontos serão na mesma proporção e valor.

UMA POLÍTICA DE CIMA PARA BAIXO

O vice-presidente da Cooperativa Central Gaúcha de Leite — CCGL — Ruben Wolf, comentando toda essa política de leite, de preços, diz que é intenção da Cooperativa, primeiro se fixar num preço e num tipo único de leite. Só bem mais tarde é que a Cooperativa pretende partir para a produção de um tipo de leite especial.

— Não adianta nós sairmos produzindo um leite que o consumidor não está aceitando. Todo o mundo sabe, que até agora a venda de leite especial ainda não passou dos 10 por cento. O consumidor estava acostumado a comprar leite com 3 por cento de gordura, mas a um preço mais acessível. Agora com o leite especial, mesmo com esse teor de gordura, é claro que ele vai preferir comprar um leite mais magro, com dois por cento de gordura e pagar menos.

Um tipo de leite único também com um preço único, seria o ideal na opinião de Ruben Wolf, só que antes de qualquer coisa, o consumidor, principal atingido, teria que aceitar o produto.

— O consumidor deve ir-se adaptando aos poucos a idéia de ter que comprar um leite especial. Em termos de política do leite, não é aconselhável se aumentar assim de uma hora para outra o preço do leite. É claro que ele vai relutar antes de comprar, ou então procurar substituir o produto.

A atual política leiteira é uma preocupação do vice-presidente da CCGL. Classifica-a de uma política feita de cima para baixo, com mudanças bruscas demais, como no caso da introdução do leite especial.

— Não é uma política que satisfaça nem ao produtor, indústria ou consumidor. O produtor quer um preço compensador, a indústria diz que está tendo prejuízos e o consumidor não está aceitando

o produto. Tudo isso está muito confuso e ninguém tem condições de entender direito.

Do jeito que as coisas estão Wolf diz que dificilmente uma indústria tem condições de sobreviver, na medida em que paga Cr\$ 13,00 pelo litro de leite ao produtor e vende apenas 10 por cento do produto no mercado. A chave de toda essa confusão está na falta de uma política real para dar segurança ao produtor e permitir uma maior produtividade.

— Para o produtor ter maior segurança ele precisa de uma maior produtividade e é aí que entra uma política real, pelo menos a médio prazo e não assim de repente. E é somente depois que se tem um custo exato da produção de leite, que se pode estabelecer um preço compensador.

BAIXA PRODUTIVIDADE

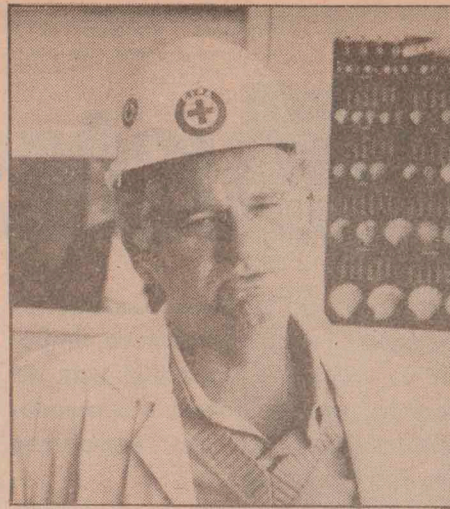
A baixa produtividade de leite no Estado é uma das grandes preocupações das entidades ligadas ao setor de leite. Enquanto que a produtividade normal de uma vaca anda por volta dos 4 mil litros de leite por ano, dificilmente uma vaca dos produtores da região produz mais que 1.500 litros de leite.

— O nosso país é carente de leite e só para citar um exemplo, a quantidade de leite em pó que vamos importar esse ano, é o equivalente ao que a Usina de Ijuí recebe durante 12 anos (a usina de Ijuí recebe 120 mil litros de leite por dia). Isso, sem falar na manteiga e no queijo.

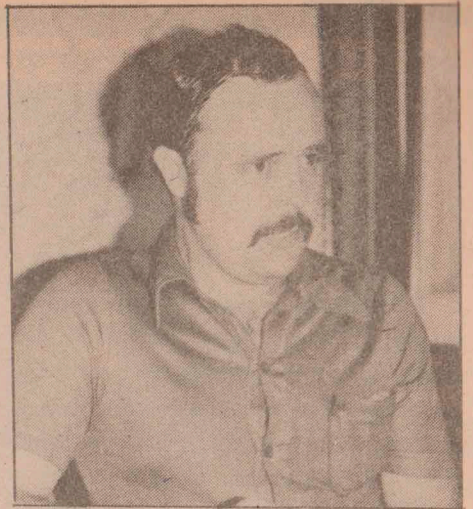
O PRODUTOR TEM QUE SER UM ESPECIALISTA

O problema maior na baixa produtividade do leite está na deficiência da alimentação do gado leiteiro, principalmente no inverno. Nos meses de verão, a produção média de leite na Usina de Ijuí é de 120 mil litros, já no inverno, desce para 70 mil litros.

— Depende do produtor um fornecimento uniforme de leite para que tenha também um preço compensador e um mercado uniforme. Outra coisa, é que o produtor também tem que se tornar um "produtor real", que vê o leite como mais uma fonte de renda. Na medida em que se especializar, ele vai receber o que na realidade ele vai fornecer. A introdução do leite especial, com suas exigências visava fazer com que o produtor tomasse uma decisão definitiva, só que não deu certo



Ruben: preocupação com a política do leite



Otaliz: linhas mal distribuídas

porque foi uma medida brusca. As coisas têm que acontecerem a médio prazo.

Wolf critica a atual política do leite, suas mudanças bruscas, dizendo que não é em gabinetes que se decide quando o produtor está apto para produzir leite especial.

— Somente os técnicos, que estão todos os dias juntos com produtores, que conhecem seus problemas de perto é que têm condições de saber e de dizer em quanto tempo um produtor pode se adaptar à novas mudanças. Nada pode se exigir de uma hora para outra.

POR QUE UM PREÇO ÚNICO?

Na verdade a CCGL unificou o preço do leite pago ao seus associados por conta própria e ainda não sabe se vai conseguir vencer mais essa etapa.

— Nós achamos que o produtor deve receber o preço que merece. Acreditamos que esse preço médio de Cr\$ 10,95 é o melhor. Estamos lutando por um preço justo tanto ao produtor como ao consumidor, eliminando as discriminações de se adotar preços diferentes. O nosso leite já é de melhor qualidade, graças ao trabalho de orientação dos técnicos. Nosso leite é dos mais consumidos, por isso o produtor deve ter uma remuneração digna, sem deixar de lado o consumidor.

COMO ANDA A COLETA

Mas os problemas do leite não páram por aí. Além dos preços, considerado ainda baixo pelos produtores, o frete está encarecendo cada vez mais o produto. As linhas de frete, como define o próprio Otaliz, atualmente estão mal distribuídas, mal orientadas, deficitárias. E por que tudo isso com as linhas de coleta? Otaliz é

quem fala tudo sobre as linhas de coleta.

— O problema é que até agora as linhas de leite foram adaptadas de acordo com o crescimento do número de produtores. Nunca houve um planejamento rígido. Só que agora está na hora de mudar um pouco as coisas, porque as linhas estão encarecendo por demais o frete do leite e não podemos ficar reajustando o preço do frete toda vez que sobe o óleo diesel.

Esses reajustes nos fretes, a curto prazo, estão começando a se tornar inviáveis, e o transporte está encarecendo bastante o produto. Otaliz mostra, na ponta do lápis, quanto foi gasto, só na área de ação da Cooperativa, no pagamento de transporte de leite: nada mais, nada menos que Cr\$ 13.208.336,98.

— Precisamos urgentemente reduzir as despesas com o transporte de leite. Essas linhas de coletas de leite, muito longas, precisam se transformar em trechos mais curtos com menos despesas e maior rapidez.

Otaliz diz que não vê outra alternativa em termos de transporte de leite, senão a criação de plataformas. Em vez dos caminhões passarem nas casas dos produtores, eles é quem levariam até a um determinado ponto, chamado plataforma, para então daí, ser transportado para a usina. Esse caminho, da sublinha até a plataforma seria feito pelo produtor, tanto de carroça como de carro mesmo.

— Essas linhas longas demais com muitas paradas tem contribuído para o alto índice de acidez do leite. O ideal seria que no máximo em 2 horas e 30 minutos o leite estivesse na usina.

Como anda a produção

A Usina Central da Cooperativa Central Gaúcha de Leite — CCGL —, recebeu da Cotrijuí, no período de março de 79 a fevereiro de 80, nada mais, nada menos que 15.377.774 litros de leite, correspondendo a 64,4 por cento do total da produção entregue pelas demais Cooperativas da região. Dessa produção entregue pela Cotrijuí, somente Ijuí é responsável por 7.589.334 litros, ou seja 44,8 por cento, seguido por Augusto Pestana, com 23,3 por cento e Ajuricaba com 11,9 por cento. O grande problema enfrentado pela Cotrijuí durante o ano passado, foi o alto índice de acidez no leite. Só no ano passado foram entregues 945.782 litros de leite ácido. Com isso, o produtor deixou de ganhar mais de Cr\$. . 4.911.700,00. Teve alguns meses que a média de acidez no leite andou por volta dos 10 a 12 por cento.

Outro fato constatado, é que durante o ano passado, 36,9 por cento dos

produtores não entregaram nem 10 litros de leite diariamente; 42 por cento entregaram de 11 a 25 litros; 12,5 por cento entregaram de 26 a 40 litros; 7,2 por cento de 41 a 100 litros diários e apenas 1 por cento entregou mais de 100 litros.

Um outro problema é a quebra de produção no inverno em função da própria alimentação do gado. Em março, por exemplo, a produção leiteira era de 600 mil litros, já no mês de junho essa produção caiu para menos de 400 mil litros.



A CCGL recebeu em 79 mais de 15 milhões de litros de leite

Por outro lado, é interessante lembrar a evolução dos preços do leite nos últimos anos. Num período de seis anos, o leite sofreu um acréscimo de 1.100 por cento. De março de 1974, quando era então presidente o Gal. Ernesto Geisel, até abril de 1980, o leite passou de Cr\$ 1,00 para Cr\$ 12,00. Somente durante o Governo Geisel, o aumento foi de 440 por cento e nos últimos doze meses, o aumento andou por volta de 122 por cento. De janeiro a abril do ano passado, o preço pago ao produtor por cada litro de leite era de Cr\$ 4,05. Em maio de 79, sofreu um acréscimo de 11 por cento, passando então para Cr\$ 4,50. Em julho aconteceu um novo aumento. O produtor passou a receber Cr\$ 5,30 pelo litro de leite, com um acréscimo de 17 por cento. No fim do mês de agosto o leite foi para Cr\$ 7,00, percebendo um acréscimo de 32 por cento. Esse preço permaneceu até o mês de fevereiro desse ano.



No preço, a grande queixa

Embora ainda estejam pouco informados a respeito da nova política do leite, os produtores, ainda meio receosos, já começam a opinar sobre os preços. Seu Nerci Otonelli, de Santo Antônio, em Santo Augusto, embora ache que o preço do leite poderia ser um pouco melhor, concorda com a atitude da CCGL, pagando apenas um preço único.

— Dessa forma, tanto aquele produtor que não tem condições de produzir leite especial, como o que irá produzir, estarão enquadrados na mesma faixa de preço.

Seu Nerci entrega diariamente uma média de 100 litros de leite e o que anda deixando meio chateado é o preço de Cr\$ 10,95.

— Acho que as intenções da CCGL foram boas, mas esse preço não tá dos melhores. É claro que a gente não pode dizer que ele é ruim, mas acontece que o frete tá nos encarecendo demais o produto e ainda tem os descontos.

Dona Elsa, que acompanha o marido em todas as lidas, é quem sabe quanto se gasta todo o mês de frete.

— Nós aqui em casa, gastamos todos os meses mais de Cr\$ 2.000,00 só de frete e pelo o que o consumidor tá pagando pelo leite vendido no mercado, ele bem que podia valer uns Cr\$ 2,00 a mais.

Seu Nerci, por sua vez, diz que não acredita no tal de leite especial.

— Acho que esse leite vai sobrar. Quem é que vai pagar Cr\$ 19,00 pelo litro? A pobreza não é. Só o rico mesmo. E o pobre, que mais precisa de leite, vai ter que deixar de tomar, porque o preço não dá.

Mesmo concordando que uma mudança nas linhas de frete podem sacrificar alguns produtores, seu Nerci acha que já está na hora de se fazer uma modificação.

— Seria muito bom se diminuíssem as linhas de frete, embora a gente saiba desde já que muitos produtores serão sacrificados por ficarem mais longe da plataforma. Agora sou de acordo, que por ora, é o único meio de diminuir as despesas com transporte. Com o combustível sempre subindo de preço, o freteiro também precisa de ganhar para viver.

O PREÇO PRECISA MELHORAR

Lá em Coronel Bicaco, seu Venildo dos Santos, com uma produção diária de 70 litros de leite, não está nada satisfeito com o preço do leite.

— Se a gente for considerar o capital investido (vacas de raças no valor de Cr\$ 40.000,00), o risco que se corre, a mão-de-obra, o trabalho, a alimentação dos animais, esse preço de Cr\$ 10,95 não é suficiente. Ele bem que poderia ser

um pouco melhor.

Só que seu Venildo não acha que a política do leite esteja tão ruim ou confusa, assim como andam dizendo por aí.

— De um lado até é bom que venha essa política porque classifica melhor o produtor. Só fica sendo produtor de leite aquele que realmente tem interesse. O ruim dela é que o pequeno sai prejudicado, porque ele não vai ter condições de competir com o grande.

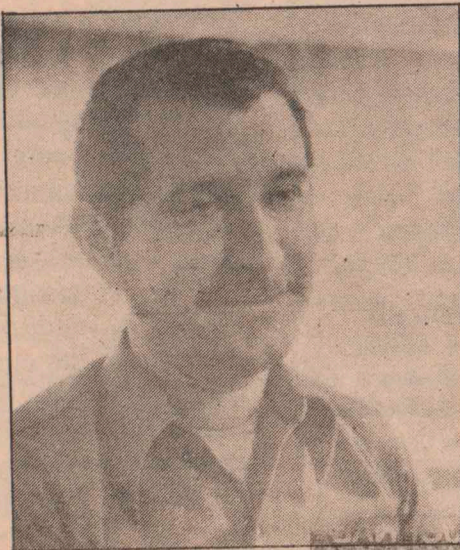
Como em Coronel Bicaco a produção de leite iniciou praticamente o ano passado, os problemas com coleta de leite não são tão acentuados. Existe na região apenas uma linha de leite com poucos produtores. Mas mesmo assim, os produtores acham que o frete é um dos responsáveis pelo encarecimento do produto.

— Tudo acontece em função de quantidade e o nosso problema realmente é a pouca quantidade de leite produzido na região. Todos os produtores são pequenos e entregam pouco leite, então o frete ainda se torna mais oneroso. Se houvesse um aumento na produção, pode ser que o frete até não fosse tão alto.

Já o seu Celso Bolívar Sperotto, um dos proprietários da Granja São Francisco de Assis Ltda, em Santo Augusto, não tem problemas com frete, porque ele mesmo, juntamente com os demais proprietários, faz a entrega direta do leite até o posto. A produção diária de leite da Granja São Francisco está por volta dos 600 litros de leite. E o preço? Seu Celso está achando que Cr\$ 10,95 é um preço razoável.

— Não é uma maravilha, mas melhorou bastante. Apesar de tudo andar tão caro, medicamentos veterinários, ração, pastagem . . . já deu prá levantar um pouco o ânimo dos produtores.

Na verdade, tem uma coisa que anda deixando seu Celso meio confuso: é essa tal de política do leite. Considera uma



Venildo: o problema é quantidade



Celso: política confusa

política meio complexa demais, meio fora de jeito e que o produtor, mesmo não entendendo nada, se vê obrigado a entrar no jogo.

— Prá mim uma política bem feita, deveria em primeiro lugar, dar garantias ao produtor. Assim do jeito que está, decidem as coisas ao "belo prazer", sem saber se o produtor está ou não satisfeito.

E o preço único estabelecido pela CCGL também não está muito nos acordos de seu Celso, embora acredite que ele tenha melhorado.



Nerci: chateado com o preço

— O que me preocupa é a modalidade de "preço único". É claro que ele tem o seu lado bom porque engloba ao mesmo tempo grandes e pequenos. Agora eu não sei se ele é válido, a partir do momento em que outras firmas estejam pagando preços diferentes. Então se outros estão fazendo esse tipo de negócio, eu acredito que a Cooperativa também tinha que entrar no jogo. É preciso ver que o nosso investimento na pecuária leiteira é muito grande e precisamos ser melhor remunerados. O problema é a concorrência.

Frete: novo aumento

Os Conselheiros de leite de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana e Vila Jói estiveram reunidos no final do mês com os representantes da Associação dos Transportadores de Leite. O assunto, discutido durante boa parte da tarde, foi um novo aumento para o frete de leite. O Conselho relutou muito antes de tomar uma decisão, alegando dois motivos: primeiro porque havia sido pego de surpresa, sem tempo de consultar as bases e em segundo lugar, porque havia um documento assinado entre leiteiros e freiteiros (esse documento foi assinado em setembro do ano passado) estabelecendo que o preço do frete aumentaria automaticamente, na medida e na proporção que subisse o preço do óleo diesel. A alta do óleo diesel, foi considerado na época (setembro), como o grande problema dos transportadores. O documento ainda estabelecia que leiteiros e freiteiros só voltariam a se reunir para discutir preço de leite depois do dia 30 de agosto. O que na realidade não aconteceu. Os Conselheiros reclamaram da falta de cumprimento do documento assinado por parte dos freiteiros, que se defenderam dizendo que a situação dos transportadores do leite é insustentável. Outro argumento apresentado pelos freiteiros para pedirem aumento antes da época proposta, é de que ficou constatado, que na verdade não é o óleo diesel que pesa mais, e sim os preços de peças, pneus, manutenção, desgaste dos caminhões. E os freiteiros trouxeram tudo anotadinho. O caso dos pneus, por exemplo, no período de maio de 1979 a maio desse ano sofreu um reajuste em torno de 95 por cento. Só de dezembro até maio desse ano, o reajuste foi de 45,44 por cento, isso, como foi dito, sem contar o reajuste de 16 por cento, sofrido em primeiro de junho. E os freiteiros disseram mais: um jogo de correntes, que em agosto do ano passado custava por volta de

Cr\$ 700,00, hoje não se compra por menos de Cr\$ 2.000,00. Isso sem contar as prestações do carro, o desgaste do motor, "que resiste apenas um ano e meio". (segundo explicaram aos produtores de leite, o custo de reforma de um motor não baixa de Cr\$ 70.000,00).

Depois de muita conversa e explicação, alegando que o leite subiu em 56 por cento, passando de Cr\$ 7;10 para Cr\$ 10,95, os freiteiros pediram um aumento de 50 por cento, ou seja o litro de leite passaria de Cr\$ 1,10 para Cr\$ 1,72. É claro que os Conselheiros, embora entendam o problema dos transportadores não gostaram dessa proposta. "Nós também não estamos ganhando demais. Não sobra dinheiro". Estamos levando o negócio prá frente só de teimosos", explicaram. Por fim definiu-se por um preço de Cr\$ 1,65 até o dia 31 de dezembro. O leite ácido passou de Cr\$ 0,60 para Cr\$ 0,65. Esse novo preço para os freiteiros, passou a vigorar a partir de 1º de junho.

Depois do preço acertado, um novo documento foi assinado entre as duas partes. Nesse documento ficou decidido, e os freiteiros prometeram cumprir ("não estamos aqui querendo enganar ninguém"), de que esse preço terá que vigorar até o dia 31 de dezembro. Os Conselheiros, por sua vez, deixaram bem claro que não comparecerão mais a reuniões convocada em cima da hora. "Nós precisamos ouvir as bases primeiro para depois decidir se devemos aumentar ou não os preços do frete. Esta foi a última vez que aprovo um aumento sem ouvir produtores de minha Linha. A proposta de aumento deve chegar até nós, no mínimo uns 60 dias antes, para que se possa analisar, discutir, debater e apresentar uma contraproposta", deixou claro o produtor Jaime Wender, de Parador.

COMO SE PRODUZ LEITE NA AUSTRÁLIA

* Renato Borges de Medeiros

Num país do tamanho não muito menor que o Brasil se produz quase a metade de total de leite produzido por toda América do Sul. Lá, a pecuária leiteira é a quarta atividade em importância econômica, superada apenas pela carne bovina, trigo e lã.

Os dados estatísticos sobre a produção mundial de leite mostram que somente nos países europeus houve crescimento nos últimos anos. Em países tradicionais exportadores como Canadá e Nova Zelândia, a produção caiu em 1 por cento no ano passado. Na América do Sul o volume de produção se manteve e representou, em 1979, apenas 4,7% do total da produção mundial, sendo que somente a Argentina figurou dentre os países exportadores.

Na Austrália o leite está entre os quatro produtos de maior importância econômica, que, pela ordem são: carne bovina, trigo, lã e leite, os quais participam com 72 por cento na renda bruta do setor primário. A Austrália produz aproximadamente 2 por cento do total de leite produzido no mundo, ou seja, produz quase a metade do total produzido pela América do Sul.

A atividade leiteira na Austrália é muito bem organizada, sendo em muitas regiões, a mais estável e lucrativa do setor agropecuário. A coleta e o beneficiamento são basicamente controlados por cooperativas, aliás, as mais bem estruturadas do meio rural.

Na exportação as empresas particulares têm uma participação expressiva. Como não poderia ser diferente, a Nestlé está presente com toda a sua diversidade de produtos, embora seja muito bem controlada pelas cooperativas.

A tabela 1 mostra alguns dados sobre a produção de leite na Austrália. Como se observa, para um país quase do tamanho do Brasil, o número de estabelecimentos leiteiros é muito pequeno. Isto fica mais claro se compararmos com o número de associados que estão entregando leite nos postos de recebimento da Cotrijuí, que hoje somam quase 2.900. A produção de leite por vaca é relativamente alta, bem co-

mo a produção média por dia por produtor, conforme se observa na mesma tabela.

A qualidade do leite na Austrália é controlada pelos Departamentos de Agricultura de cada Estado. Ao lado de cada cooperativa existe um prédio oficial que atua em todas as áreas ligadas à produção de leite, tais como: controle da qualidade do leite na plataforma de recebimento; durante o processamento e na saída de produtos para o mercado; realiza reuniões com os produtores; auxilia no controle de doenças; assessora os programas de melhoramento; dá assistência na formação de pastagens. Enfim, é mais um órgão de apoio do que de fiscalização.



A Austrália é um País um pouco menor que o Brasil. Ele está localizado na Oceânia, ao sul da Ásia.

Com relação a comercialização existe a Comissão de Mercado, na qual todas as cooperativas e empresas particulares estão vinculadas. Em cada Estado há uma entidade semelhante. Esta comissão, junto com o órgão oficial, determina as regras do jogo, isto é, disciplina a comercialização do leite e define preços; dá licença e supervisiona distribuidores e comerciantes de leite e derivados. Esta comissão estabelece o zoneamento da comercialização do leite ao natural. Assim, cada cooperativa tem sua própria área de ação ou cota de entrega quando ocorre mais de uma na mesma área. Se olharmos o mapa vamos verificar que existem três bacias leiteiras em Queensland. Entretanto, não existe disputa no mercado de leite ao natural entre estas áreas de produção ou entre as cooperativas. Esta medida visa evitar o passageiro do leite e a conseqüente irracional perda de dinheiro. Ao mesmo tempo significa tranquilidade para as cooperativas e produtores.

COOPERATIVAS DE LEITE

As cooperativas de leite na Austrália são "fechadas", ou em outras palavras, o número de associados é limitado. Em conseqüência, tornar-se produtor de leite é um jogo de

loteria. Só existe uma maneira de entrar na atividade de produzir leite: através da compra de uma propriedade leiteira. Nem mesmo o filho do produtor de leite pode se tornar leiteiro, a menos que ele se associe com o pai. Neste caso, a expansão da produção dependerá das decisões futuras da cooperativa que, por sua vez, dependerão do mercado. Se a política não for de crescimento, a sociedade formada pelo pai e filho continuará com as mesmas receitas, sendo o lucro dividido. Os casos de herança são tratados de maneira especial, ficando os filhos naturalmente responsáveis pelo estabelecimento. Entretanto, a expansão do estabelecimento fica na dependência da política de crescimento da cooperativa.

As cooperativas são dirigidas exclusivamente por produtores de leite, os quais põem em prática todas as decisões tomadas pelo quadro de associados. Toda a política expansionista depende das perspectivas do mercado do leite e está vinculada ao desejo dos associados em aumentarem os seus rebanhos leiteiros. Face a esta política, a atividade leiteira na Austrália tem sido estável, com lucros variáveis mas reais. O preço do leite comercializado ao natural é

Dados reunidos sobre a produção de leite na Austrália — 1978

ESTADOS	Nº de estabelecimentos leiteiros	Nº de vacas	Produção vaca/ano	Produção dia/estab.
Vitória	12.674		2.696 L	663 L
Nova Gales do Sul	4.245	384.000	2.193 L	543 L
Queensland	3.750	317.000	2.541 L	588 L
Tasmania	1.799	120.000	2.709 L	495 L
Austrália do Sul	2.200	117.000	3.154 L	459 L
Austrália do Oeste	730	79.000	2.151 L	637 L
TOTAL	25.398	2.156.000	—	—

Fonte: Bureau Of Agricultural Economics, Camberra—Austrália, 1979



Pastagem de azevém anual na propriedade de Clary e Erno Stone

estabelecido pelo órgão oficial e pela comissão de comercialização, sendo igual para todos os Estados. O preço do leite que é destinado para a indústria é tarefa exclusiva das cooperativas.

O LEITE NO NORDESTE DE QUEENSLAND

Conforme mostra o mapa da Austrália, no Estado de Queensland existem três bacias leiteiras. A superior é a do nordeste de Queensland, que está localizada numa região denominada Atherton Tableland e sobre a qual vamos nos ocupar de agora em diante. Toda a produção de leite desta região é recebida por uma cooperativa — Cooperativa dos Produtores de Leite de Malanda. A cooperativa é formada por 286 associados que entregam um volume médio de 160.000 litros por dia de leite no inverno e 220.000 litros por dia no verão. Estes dados mostram que a produção no período de inverno cai em quase 30%. No verão a produção diária por estabelecimento anda ao redor de 750 litros por dia e no inverno cerca de 550 litros por dia. Para o leite produzido no verão existem dois preços: a metade do leite é comercializado em saquinhos e o produtor recebe Cr\$ 11,25 por litro; o restante é industrializado e o produtor recebe de acordo com o peso em gordura que hoje anda ao redor de Cr\$ 100,00 por quilo. Pelo leite produzido no último inverno o produtor recebeu ao redor de Cr\$. . . 11,25 por litro, já que o leite foi destinado somente para o consumo ao natural. De acordo com dados obtidos na cooperativa, o valor médio do litro de leite no verão passado andou ao redor de Cr\$. . . 9,10. Como se constata, o produtor recebeu Cr\$. . . 2,15 a mais por cada litro de leite que foi produzido no inverno.

Esta política de preço, segundo os diretores da cooperativa, é a única que atende aos interesses dos produtores. Em primeiro lugar, segundo eles, obedece à lei da oferta e procura, pois no inverno o leite se torna escasso e,

conseqüentemente, deve ser melhor remunerado. Um outro aspecto positivo da valorização do leite produzido no inverno é que estimula os produtores a investirem em pastagens de inverno, feno e silagem. O prêmio dado ao leite produzido no inverno está plenamente de acordo com as leis do mercado e com o comportamento das pastagens. Aqui poderia se fazer uma pergunta: — Por que a produção de leite é maior no verão, não só no RS, mas em todas as regiões de clima semelhante? A resposta é simples, ou seja, as pastagens de verão são mais produtivas. Mas, por que as pastagens de verão são mais produtivas? Também a resposta é simples: nesta estação do ano existe mais luz e mais calor. Assim sendo, a natureza é que é a grande responsável pela diminuição da produção de leite no inverno e não o produtor ou a cooperativa. Por este motivo, quando se pensa em exigir maior produção durante o período de inverno, muitos fatores devem ser considerados e o clima e o interesse dos produtores devem estar incluídos.

O QUE PENSA E FAZ UM PRODUTOR DE LEITE NA AUSTRÁLIA

Os produtores Clary e Erne Stone são proprietários de 152 hectare e se dedicam à produção de leite e cria de ventres para venda. Eles são associados da Cooperativa dos Leiteiros de Malanda. O rebanho é formado por 286 animais da raça holandesa, sendo que em ordenha são mantidos, em média, 110. Na tabela 2 são apresentados alguns dados que foram fornecidos pelos proprietários. Os dados nos mostram que a produção média diária por vaca é muito boa, especialmente se considerarmos que são ordenhadas 110 vacas por dia.

Resumo de algumas informações obtidas na propriedade dos srs. Clary e Erne Stone.

Área ocupada por vacas em ordenha	Vacas em produção	Produção vaca/dia	Produção Total/dia	Consumo de ração vaca/dia
80 ha	110	10 L	1.110 L	3 kg

Os 152 hectares estão assim distribuídos: 85 ha de capim Guiné; 43 ha de Pânico Green + soja perene Tinaroo; 6 ha Quicuío + trevo branco; 6 ha de Setária Nandi + trevo branco (é uma mistura que está sendo testada e com boas possibilidades de sucesso); e, como pastagem de inverno, apenas 12 de azevém anual. Muitas forrageiras de inverno já foram experimentadas para manter as vacas com o mesmo nível de produção durante o inverno, mas nenhuma delas ofereceu resultado econômico satisfatório aos produtores. Mesmo assim, eles vêm mantendo pequenas áreas com pastagens de inverno para assegurar a saúde dos animais e diminuir o consumo de concentrados. Conforme os produtores afirmaram, a ração é usada para manter os animais com saúde, especialmente os de alta produção e os em fase de parição. Ainda falando sobre o uso de rações, os produtores informaram que quando falta pasto verde, por uma razão ou outra, eles passam a dar mais concentrados para o gado e logo o efeito econômico aparece, isto é, o litro de leite não paga o seu custo.

A ordenha de 110 vacas era a tarefa mais difícil do estabelecimento até que eles decidiram instalar uma nova e moderna sala de ordenha. A automatização do novo equipamento é tal que o único trabalho manual é a desinfecção e colocação dos teteiros nas vacas. A alimentação, a água e a retirada dos teteiros são realizados através de alavancas. A entrada e saída dos animais também é quase automática. Embora tudo esteja sendo mais fácil, os produtores ainda não estão bem convencidos da economicidade do investimento. Para contrabalançar, disseram eles, o novo equipamento trouxe conforto e "aumentou o dia". No estábulo antigo o trabalho de ordenha e limpeza ocupava quatro pessoas durante quatro ho-



Nova sala de ordenha instalada na propriedade de Clary e Erne Stone

ras. Isto significa que os produtores não tinham tempo para cuidar das pastagens e nem mesmo tomar o café da manhã com os filhos. Com o novo equipamento, duas pessoas realizam a ordenha e a limpeza em apenas uma hora. O trabalho ficou tão confortável que os filhos fazem questão de participar. Outra vantagem da nova sala de ordenha foi a canalização das fezes e urina, que possibilitam adubar mais de 8 hectares de pastagens por ano.

Assim como todos os produtores filiados à Co-

operativa de Malanda, eles possuem um tanque de resfriamento com capacidade de 5.000 litros. O leite é coletado pelo caminhão-tanque da cooperativa a cada dois dias.

Este é um exemplo de um produtor que encontrou satisfação e prosperidade na atividade leiteira e cuja tarefa de tirar o leite se tornou um momento de encontro para toda a família.

Renato é agrônomo da Cotrijuí e está há mais de um ano na Austrália, onde está se especializando em forrageiras.

A COTRIJUI dispõe de sua própria Corretora de Seguros prestando serviços aos associados, funcionários e amigos.

Seja você o próximo a usar os seus serviços, pedindo quaisquer informações sobre SEGUROS em geral.

Seguro é com a COTRIEXPORT — mais um elo da união.

COTRIEXPORT
Corretora de Seguros Ltda.

EM IJUI — Rua das Chácaras, 1513 — fone 332-2400 ramal 364.

EM PORTO ALEGRE — Av. Júlio de Castilhos, 342 — 5º andar — Fone 33-5032.

A renovação da Unimed

Foi renovado por um período de seis meses o convênio com a Unimed. Muito se discutiu pelo interior a respeito do assunto, pois não eram todos os agricultores favoráveis à renovação deste convênio de assistência médica e hospitalar. Houve encontros das comissões de Saúde de toda área de atuação da Cotrijuí na região pioneira. Foi numa destas reuniões que se decidiu pela renovação do contrato, pois muitos associados estão em tratamento e desejavam a renovação.

O novo convênio estará vigorando para o período de 1º de julho até 31 de dezembro, oferecendo além da assistência médica e hospitalar ainda um Seguro de Vida e de Acidentes Pessoais.

A Assistência médica e hospitalar compreende: consultas nos próprios consultórios dos médicos; exames de laboratório; exames especializados (eletrocardiogramas, eletroencefalograma, etc) exames de raio X; atendimentos de urgência diretamente nos pronto-socorros; pequenas intervenções cirúrgicas nos consultórios médicos ou ambulatórios hospitalares; hospitalização, em quarto semi-privativo ou privativo, para casos de tratamento clínico, cirurgia e parto; medicamentos hospitalares; outros exames disponíveis na área de ação da Unimed Ijuí.

O seguro de vida cobre o associado titular do plano durante as 24 horas por dia, garantindo as seguintes indenizações: Cr\$ 15 mil no caso de morte natural; Cr\$ 30 mil em morte acidental e Cr\$ 15 mil no

caso de invalidez por acidente.

CUSTO DO PLANO

Associado solteiro Cr\$ 320,00
 Associado com 1 dependente Cr\$ 625,00
 Associado com 2 dependentes Cr\$ 930,00
 Associado com 3 dependentes Cr\$ 1.235,00
 Associado com 4 dependentes Cr\$ 1.540,00
 Cada dependente a mais Cr\$ 305,00

As participações nas consultas são de Cr\$ 50,00 para empregados rurais, Cr\$ 120,00 para pequenos produtores e Cr\$ 230,00 para empregadores rurais (proprietários de mais de 150 hectares).

COMO RENOVAR

Os associados já inscritos deverão providenciar a renovação de suas carteirinhas até o dia 31 de julho. No caso de desistência do plano deverão devolver a "Carteira de Beneficiário" até o dia 30 de junho. Aqueles que não devolverem a Carteira até a data limite terão o custo do plano automaticamente reajustado e debitado em conta-corrente. Quem não entregou produção em 79/80 terá cancelada sua inscrição. Os associados que comercializaram sua produção no ano de 79 na Cooperativa terão facilitado o pagamento do semestre através de débito em conta-corrente. Os demais deverão pagar o semestre à vista. Para qualquer informação a mais basta procurar as unidades da Região Pioneira, inclusive em Ijuí.

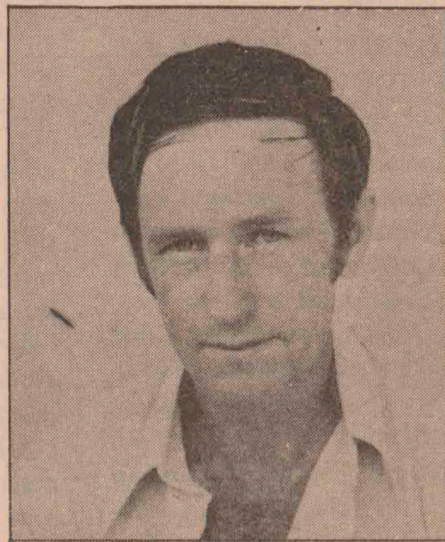
Hospital de Ijuí faz novo convênio

Outra renovação de convênio na área de saúde aconteceu em Ijuí, onde o Hospital de Caridade, que resolvera não atender mais os agricultores pelo Furrural, acabou assinando um novo contrato de assistência médica e hospitalar com o INAMPS (Instituto de Assistência Médica da Previdência Social), a quem está vinculado o Furrural.

Pelo novo convênio os agricultores terão direito a todo tipo de atendimento médico e hospitalar previsto na legislação, o que não ocorreu durante o convênio que o HCl resolveu cancelar. Alegando insuficiência de verbas, eram atendidos apenas os casos de extrema urgência, a critério de dois dos médicos credenciados pelo Furrural.

Na renovação do convênio, o Sindicato de Trabalhadores Rurais, que promovera uma Assembléia de protesto contra o tipo de atendimento recebido, foi eliminado com interveniente. A partir de agora o Sindicato já não fornece as guias de internamento, não identifica os agricultores, e nem calcula qual o percentual de participação nas despesas hospitalares.

Milton Wayhs, diretor do HCl, afirmou em entrevistas aos jornais da cidade, que desta forma estava "eliminado um ponto de atrito" do convênio anterior. É que o Sin-



Karlinski: defendendo os direitos divulgara através de um boletim dirigido aos associados, que sobrou uma verba de mais de Cr\$ 500 mil no ano passado. E comprovava esta informação com um ofício do INAMPS onde constava o valor do subsídio mensal dirigido ao HCl.

"Mesmo sendo retirado da fiscalização direta do convênio, o Sindicato", conta Karlinski, seu presidente, "continuará defendendo os direitos do agricultor a um bom atendimento médico e hospitalar".

A partir deste mês, todas as guias de internamento devem ser procuradas diretamente junto à representação do Furrural em Ijuí, que fica exatamente em frente ao Hospital de Caridade.

A Cotrijuí está juntando a semente do Cooperativismo e as sementes da policultura. Imagine os frutos que isso vai dar.

Chegou o momento de um novo impulso na vida deste País: a união do esforço cooperativista com as garantias da policultura.

Os associados da Cotrijuí estão conscientes da importância dessa ação para a economia do Brasil e para a nossa própria sobrevivência.

A policultura é um caminho onde podem estar muitas das soluções que buscamos para a nossa agricultura.

Vamos todos pensar na aplicação de um programa cuja proposta é diversificar a produção dos alimentos necessários para a mesa brasileira.

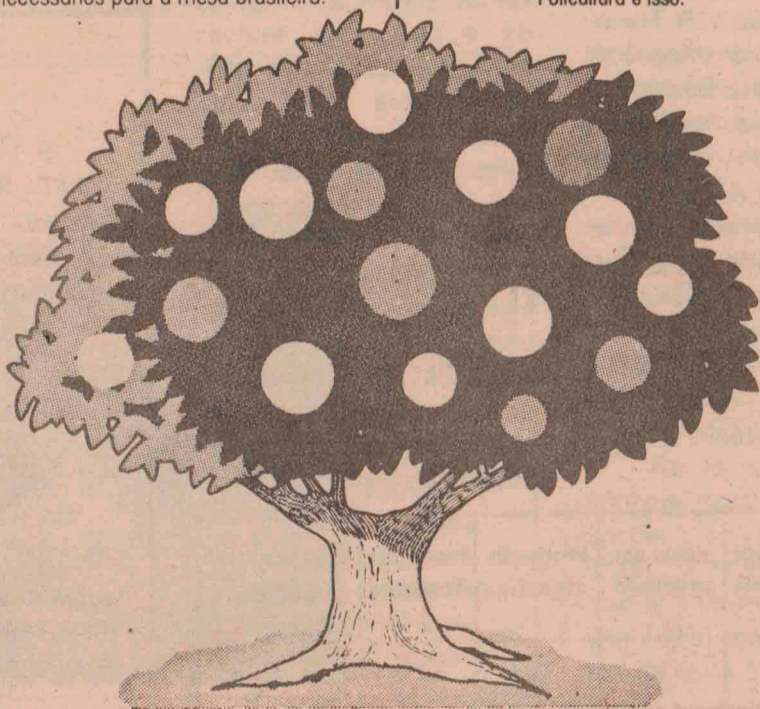
Se as sementes do Cooperativismo já são boas em separado, imagine juntas.

Analise conosco. Plante conosco.



COTRIJUI
A FORÇA DA UNIÃO.

Respeito ao Homem, à Terra e ao Futuro.
Policultura é Isso.



Reformas no Bom Pastor

O Hospital Bom Pastor S/A de Santo Augusto passará por algumas modificações. Será construída mais uma parte nova, enquanto que a parte velha será totalmente remodelada. Com as reformas, o número de leitos, ora em número de 70, passará para 100.

Para as obras de ampliação do hospital, serão utilizados recursos do FAS - Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social -, financiados através da Caixa Econômica Federal. O contrato foi assinado no último dia 11, contando com a presença dos representantes da Caixa Econômica Federal, direção da Cooperativa e administração do Hospital. O valor do financiamento é de 14 milhões 955 mil cruzeiros, e será liberado de acordo com o andamento das obras. O Hospital tem 10 anos para pagar o financiamento, com dois anos de carência.

A lã é de qualidade



O rendimento foi considerado altamente satisfatório na análise feita na Inglaterra

Não faz muito tempo, a Cotrijuí em Dom Pedrito mandou para Wembley, na Inglaterra, umas amostras de lã que foram recebidas na última safra. Junto com as amostras, foi pedido uma análise na Wool Testing Services International Ltda (Incorporating London Textile House Ltda), um laboratório do centro de comercialização de lã, que é encarregado de estabelecer os padrões internacionais para o mercado de fibras naturais.

O resultado da análise, tanto no teste de finura da lã como no aspecto de rendimento, foi considerado altamente satisfatório, consagrando dessa forma, o trabalho que vem sendo desenvolvido na pecuária ovina da região de Dom Pedrito.

Paulo Arinos Pedroso, agrônomo do Departamento Técnica da Unidade de Dom Pedrito, diz que de acordo com o quadro geral dos testes de finura, as lãs Supra estão um pouco acima das finuras estabelecidas nos parâmetros internacionais, "mas isto se deve ao maior rendimento dessas lãs, que são mais facilmente comercializadas do que as outras". O resultado desta análise, portanto, veio dar um maior benefício ao produtor. As lãs Especial, Boa e Corrente, tirando a Cruza-4, estão enquadradas nos padrões internacionais de finura. O

que ocorre com a Cruza-4, é que encontra-se fora dos padrões já que as indústrias trabalham também com as Cruzas 5 e 6.

A lã de borrego cruza quase não existe na região. Ela é toda fina, muito embora existam cruzas Romney e Corriedale, como demonstrou os testes.

As lãs recebidas pela Cotrijuí em Dom Pedrito, conforme explicou Pedroso, estão praticamente isentas de matérias vegetais, demonstrando assim, o cuidado que o produtor vem dedicando ao seu rebanho que conseqüentemente dará um produto de alta qualidade.

A LÃ QUE DOM PEDRITO RECEBEU

A Cotrijuí em Dom Pedrito já recebeu até agora, 1 milhão e 200 quilos de lã. Essas lãs vêm de outros municípios também, como Lavras do Sul, Sant'Ana do Livramento, Rosário do Sul, São Gabriel, Encruzilhada do Sul, Quaraí, Bagé, Herval do Sul e região de Ijuí. Mas o recebimento de lã não terminou e ainda continuam chegando na Cooperativa, lãs de borregão.

As lãs de baixa qualidade, como barriga, pata, manchada, capacho, correntes e boas, num total de 600 toneladas, estão sendo transferidas para o lanifício das Cooperativas de Uruguaiiana.

Homenagem ao Presidente

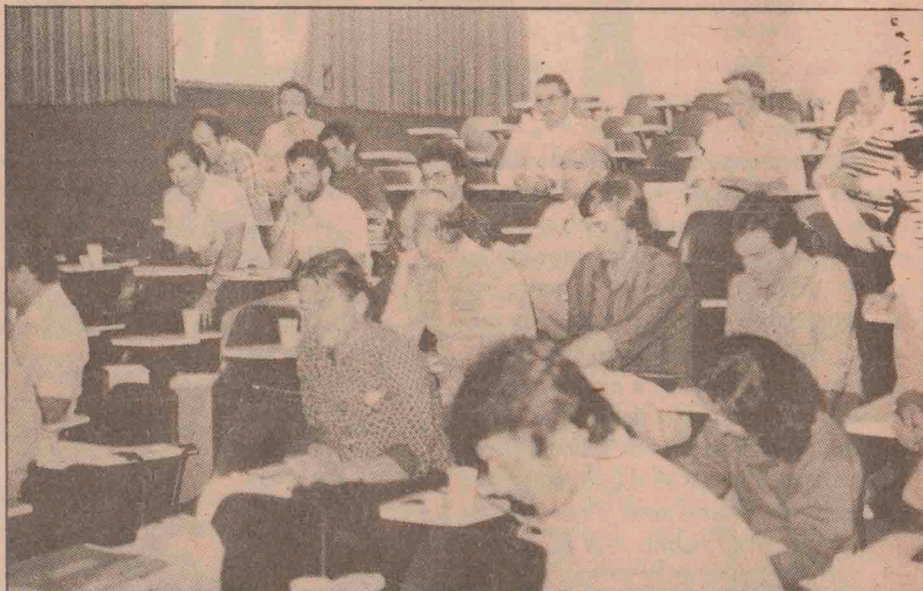
O presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, foi homenageado por seus companheiros do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal pelo recebimento da condecoração da Ordem do Rio Branco, no grau de oficial.

Esta condecoração, recebida pouco mais de um mês antes da homenagem, é concedida pelo Governo Federal às pessoas que se destacaram no cenário nacional por suas ações em favor do desenvolvimento nacional. Juntaram-se à homenagem, que aconteceu dia 27 de maio, na Afucotri de Ijuí, durante um jantar, todos os diretores, eleitos e contratados da

Cotrijuí, diretores da Cotriexport e suas subsidiárias, e ainda assessores e gerentes da Cooperativa.

Diversas pessoas usaram a palavra para destacar a importância desta condecoração. O Presidente, logo após, falou dos ideais cooperativistas, o desenvolvimento da Cotrijuí, a necessidade de união e os benefícios que o cooperativismo pode proporcionar ao homem que trabalha na terra. Ele disse ainda que o título concedido, de Oficial da Ordem do Rio Branco, foi recebido por ele como uma homenagem ao Cooperativismo.

Como será o custeio?



A CFP veio ouvir produtores e técnicos sobre o VBC

O presidente da Comissão de Financiamento da Produção — CFP —, Francisco Vilella, andou com seus assessores pelos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, conversando e ouvindo a opinião de produtores e técnicos sobre o valor de custeio. E por que o Governo está pretendendo fazer uma redução nos custeios?

Das conversas entre os produtores e técnicos pelos quatro Estados, quase nada de concreto ficou decidido, mas o importante é que esta é a primeira vez que um técnico do Governo vem até as bases para ouvir e discutir problemas ligados à agricultura, antes de adotar novas medidas.

Nas suas andanças pelo Rio Grande do Sul, Francisco Vilella esteve reunido com orizicultores em Pelotas e sojicultores, em Ijuí. Na reunião de Ijuí, Vilella discutiu os valores de custeio para a próxima safra de soja. Além de Vilella, estiveram presentes na reunião outros dois técnicos da CFP, representantes da Secretaria da Agricultura, Fecotriço, Emater e as Cooperativas de Ijuí (Cotrijuí), de Cruz Alta (Cotricruz), de Panambi (Cotripal), de Palmeira das Missões (Cotripalma), de Santo Ângelo (Cotrisa) e de Santa Rosa (Cotrirosa).

Na conversa com os técnicos, Vilella afirmou que a sua presença no Estado era para ter um maior conhecimento de todos os problemas ligados à agricultura e trocar idéias sobre valores para o custeio. "Queremos fazer um diálogo aberto. É interesse do Governo ouvir os produtores e ver o que as Cooperativas estão pensando em termos de VBC para a próxima safra de soja".

Os debates giraram em torno de critérios para a fixação de Valor Básico de Custeio da próxima safra, sem se preocupar com valores definitivos. A opinião geral das Cooperativas presentes é de que ainda não seria aconselhável fixar valores tantos meses antes do plantio da safra de soja. As Cooperativas alegaram que não dá para esquecer que, até a época do plantio, os custos da lavoura poderão sofrer alterações. Os critérios discutidos dizem respeito a verbas para aquisição de sementes, de herbicidas (contando inclusive com a aplicação) de fertilizantes, tratamentos culturais (aração, gradagem, plantio, capina e colheita), e transporte, que deverão ser financiados aos produtores de acordo

com a produtividade obtida nas safras anteriores.

FINANCIAMENTO DE 100%

Se na reunião Francisco Vilella deixou bem claro que ninguém receberia financiamento integral na próxima safra ("todos terão que desembolsar um pouco", ele disse) a situação mudou durante os dias que se seguiram a sua visita à Ijuí. O novo crédito, como contara Vilella, teria uma variação em torno de 60 a 90 por cento dos custos totais da lavoura. Só que o ministro Delfim Netto anunciou, dia 9, uma segunda-feira que o financiamento vai mesmo cobrir 100 por cento dos Valores Básicos de Custeio que devem ser fixados nos próximos dias. E isto para todos os produtos. Conforme vinha sendo comentado anteriormente, a soja receberia um financiamento mais baixo do que os demais produtos, já que, segundo o Governo, os produtores teriam obtido um bom resultado com a safra passada.

As cooperativas calculam o VBC

Em estudos realizados pelas cooperativas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás, os Valores Básicos de Custeio das safras de verão deverão sofrer um reajuste médio de 145 por cento em relação aos do ano passado.

O estudo, que foi entregue pela OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras) como sugestão ao Ministério da Agricultura, inclui oito produtos. Os valores foram projetados com base nos rendimentos considerados médios para cada cultura, prevendo os gastos para setembro próximo: para a soja, Cr\$ 15.957,72 por hectare (aumento de 170,5 por cento em relação aos valores fixados para o último plantio); para o feijão, Cr\$ 15.360,24, por hectare (aumento de 122 por cento); para o sorgo, Cr\$ 11.685,89 (mais 176 por cento); para o arroz de sequeiro, Cr\$ 12.956,45 (137,3 por cento); para o arroz irrigado, Cr\$ 28.479,27 (107,6 por cento); para o amendoim, Cr\$ 21.928,77 (130 por cento); para o milho, Cr\$ 16.921,55 (143,8 por cento) e algodão, Cr\$ 34.717,68 (178,68 por cento).

CUIDAR DOS DENTES: A EDUCAÇÃO FAZ O HÁBITO

No trabalho que vem sendo desenvolvido junto aos núcleos femininos pelo Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí, está sendo enfocado assunto educação. O tema é bastante amplo, englobando vários aspectos deste problema. Um deles inclui a área de saúde, com destaque especial à saúde oral, ao cuidado e conservação dos dentes. Pode parecer estranho se falar de saúde da boca como um assunto de educação. Mas não é estranho não. Muitas vezes é por falta de informação e de hábito que as pessoas não têm cuidados com os dentes. E é muito dito pelos dentistas que dentes em bom estado são muito importantes para também se ter um bom estado de saúde geral. É que uma infecção no dente, mesmo que não exista dor, pode ser a responsável por uma outra doença que atinja a pessoa. A pessoa vai no médico, faz uma porção de exames e não se descobre nada. Mais tarde, quando começar a doer o dente ou quando for feita ocasionalmente uma consulta ao dentista, é que se vai descobrir a raiz da doença: aquela infecção que passou despercebida por um bom tempo.

PERGUNTAS

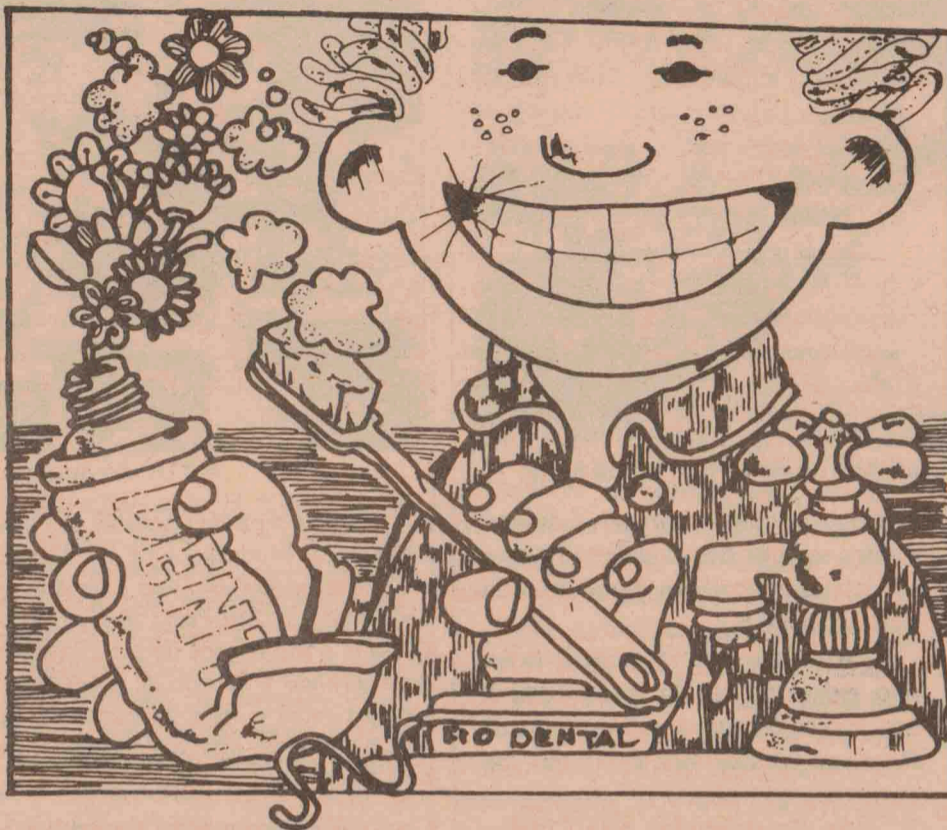
No trabalho que está sendo feito nos núcleos estão surgindo várias perguntas por parte das senhoras e filhas de associados que participam das reuniões, onde além de se discutir assuntos da cooperativa se procura dar uma orientação sobre vários assuntos de interesse das participantes. E um deles tem sido exatamente os cuidados com os dentes. Aqui nós mostramos algumas das perguntas mais frequentes que tem aparecido, dando também as respostas para orientar o pessoal da importância dos cuidados com a higiene bucal.

1 — Por que deve ser feita a limpeza da boca?

Para remover os restos de alimentos que permanecem junto aos dentes e gengivas após as refeições. É que ao se mastigar os alimentos alguns resíduos ficam sobre os dentes, entre um dente e outro e ainda entre os dentes e a gengiva. As bactérias e mais os resíduos vão formar a placa dental, que é um resíduo pegajoso que se fixa no dente e acaba se transformando num ácido que quebra aos poucos o esmalte dos dentes. Dali a pouco começa a se formar um buraco no dente, que é a cárie, onde se depositam as bactérias que continuam a destruição do dente, até acabar com ele. Depois de destruí-lo, elas chegam ao nervo e finalmente à raiz, onde então se forma um abscesso (pus), que não sendo tratado provoca várias doenças. Quando a cárie atinge o nervo é preciso fazer o famoso tratamento de canal.

2 — Qual a melhor forma de limpar os dentes?

O segredo da higiene oral é a boa escovação, o uso do palito ou fio dental. Escovar os dentes, porém, não é apenas chegar na frente do espelho, colocar um monte de pasta de dente em cima da escova e passá-la rapidamente nos dentes. É



preciso que a pessoa se concentre em cada dente que está limpando. Os dentes superiores devem ser escovados por dentro e por fora, com um movimento giratório para baixo, começando junto a gengiva e descendo até o final de todos os dentes. Os dentes inferiores também devem ser escovados por fora e por dentro, com movimento de rotação para cima, indo da gengiva para o dente.

O palito é muito combatido pela maioria dos dentistas, pois ele pode machucar a gengiva. Além disso, o ato de palitar os dentes não é muito elegante. Usado com cuidado o palito pode ser um bom meio de tirar os resíduos mais grosseiros, devendo ser passado apenas onde exista espaço, sem precisar ser forçado.

3 — Quando se deve limpar os dentes?

O ideal é escovar os dentes sempre que for ingerido algum alimento. Quando não for possível (mesmo que a escova e a pasta não ocupem tanto lugar assim, podendo ser carregadas de um lugar para o outro, dentro do bolso mesmo), uma boa escovação deve ser feita no mínimo uma vez por dia, de preferência à noite. Em hipótese alguma se deve ir dormir sem escovar os dentes, pois as bactérias terão assim a noite inteira para "trabalhar" na destruição do dente.

4 — Com que idade é preciso começar a escovar os dentes?

A higiene da boca deve começar antes mesmo de nascer o primeiro dentinho da criança. Ela deve ser feita quando a mãe está dando o banho. Basta pegar um paninho macio e limpar a boca do nenê, onde ficam sempre restos de leite, podendo acontecer a fermentação dos açúcares que são dados nos chazinhos. A escovação mesmo deve iniciar tão logo a criança permita o uso da escova. Nem é preciso usar

pasta dental, pois o ideal é usar a escova seca. Querendo, se põe só um pouquinho para dar um gosto na boca. A criança ao brincar com a escova, vai se acostumando com a escovação, que se tornará um hábito para ela.

5 — Se deve tratar os dentes de leite? Por quê?

Sim. Para evitar problemas de dor; para preservar os dentes permanentes; para acostumar a criança a ir ao dentista; para a boa mastigação dos alimentos; para permitir o perfeito fechamento da boca.

6 — Por que os dentes de algumas crianças ficam com uma cor escura durante a dentição de leite?

É que muitas crianças tomam um grande número de antibióticos, que podem ser os responsáveis por esta coloração escura. Além disso, pode ser que exista um problema de calcificação dos dentes, o que os torna fracos.

7 — A pasta de dente limpa os dentes mesmo?

A pasta de dente em si não faz a limpeza dos dentes, pois ela desliza, juntamente com a escova, sobre o dente, não conseguindo remover os resíduos que ficam nos dentes. A melhor maneira de tirar estes resíduos dos alimentos que ficam grudados nos dentes é a escovação somente com a escova. A pasta de dente, fundamentalmente, serve para dar um hábito agradável na boca.

8 — Qual o tipo de pasta de dente que deve ser usada?

Aquela que não contém abrasivos, ou seja, aqueles grãosinhos que aparecem junto com a pasta. É que os abrasivos vão estragar o esmalte dos dentes, provocando com isto certa sensibilidade.

9 — A escova de cerdas duras é a que limpa melhor?

Não. A escova de fios duros não é especificamente a escova que limpa os dentes e também não é a mais recomendada para usar. Quando se for com-

prar uma escova de dentes, devemos observar se as suas cerdas são macias, têm seus extremos arredondados e do mesmo comprimento, ou seja, têm as cerdas paralelas. Uma escova com estas características não vai provocar lesões na gengiva.

10 — Até que idade deve ser feita a aplicação de fluor?

Dos dois anos de idade até os 12. A recomendação é que se aplique o fluor a cada dois meses. O fluor previne a cárie pois enriquece o esmalte do dente, protegendo-o contra o ataque ácido da cárie.

11 — De quanto em quanto tempo se deve ir ao dentista?

Pelo menos de 6 em 6 meses. Se existirem problemas dentários se deve ir tantas vezes quantas for necessário, a pedido do dentista.

12 — O sangramento da gengiva acontece apenas quando existem problemas de dentes?

Não. Às vezes, mas raramente, existe uma deficiência de vitamina C (que se encontra nas frutas como a laranja, o limão, etc). Geralmente sangramento é provocado por uma gengivite (inflamação da gengiva), que pode ser a consequência da presença de tártaro (o amarelo dos dentes) que fica aderido no dente e vai formando a área da gengiva, provocando assim a dor e o sangramento.

13 — O açúcar provoca a cárie?

O açúcar é o maior inimigo da saúde dos dentes. Enquanto as verduras, os legumes e as frutas fortificam os dentes e até ajudam a limpá-los (principalmente a maçã), as bolachas e doces são os principais responsáveis pela formação de resíduos que vão formar a cárie. Está provado que quanto maior for a ingestão de doces, maior será o número de cáries.

Na opinião de muitos dentistas deveríamos reduzir desde a infância os açúcares. Pergunta-se por que açucarar tudo o que se dá para a criança? O nenê não sabe o que é o açúcar, pois o leite materno não é açucarado e a criança gosta dele assim mesmo. É claro que o açúcar é importante na alimentação, já que ele fornece calorias, mas também é importante saber dosar bem suas quantidades. Inclusive o hábito de colocar açúcar na chupeta da criança, que está justamente iniciando a dentição, é uma atitude condenada pelos dentistas. Segundo eles, não se pode proibir as crianças de comer balas, mas é possível disciplinar este hábito exigindo que escovem os dentes logo em seguida.

As crianças, muitas vezes pela ingestão de doces e balas (até deixando de se alimentar de outras coisas mais importantes) têm dentes cujo esmalte já está praticamente destruído. Por isto é bom evitar que o doce se torne um hábito, pois pode ser muito prejudicial. Um exemplo típico é o chicle, que fica com seu açúcar grudado horas e horas nos dentes. Também os refrigerantes que contêm excesso de açúcar não devem ser bebidos em grandes quantidades. Ainda são bastante prejudiciais aquelas balas "grudentas", muito apreciadas pelas crianças e até mesmo adultos.

HORTA DO MÊS



HORTALIÇAS

As hortaliças de inverno estão se desenvolvendo satisfatoriamente, pois as condições de tempo têm sido ótimas. O que prejudicou um pouco foram as geadas no início do mês que causaram estragos, principalmente nas alfaces. Os prejuízos causados pelas geadas poderiam ter sido evitados, se o produtor tivesse usado esteiras com altura de aproximadamente 50 centímetros do solo. Essas esteiras podem muito bem ser feitas com sacos de adubos, apoiados em taquaras. Esta recomendação é válida para os próximos frios e geadas. É uma solução simples e de baixo custo.

As demais hortaliças como cenoura, beterraba, rabanete, couve, repolho, rúcula, etc. . . podem ainda ser semeadas, pois virão dar colheita nos meses de setembro/outubro, tornando-se indispensável um acompanhamento alimentar.

Para o cultivo dessas hortaliças, recomendamos o uso de matéria orgânica (palha podre, esterco curtido), na base de 3 quilos por um metro quadrado, que auxilia em muito na boa qualidade do produto. É bom lembrar que nas hortas domésticas o adubo químico pode até ser dispensado, obtendo-se assim um produto ótimo para o consumo. Somando-se a isto está o fato de que normalmente as hortaliças dispõem o uso de defensivos, por não serem atacadas por pragas ou doenças que possam prejudicar seriamente a produção.

servado com frequência é o surgimento de pontas secas, que podem ter basicamente 3 causas: a) ataque do fungo "alternaria"; b) deficiência de zinco ou de nitrogênio e c) as plantas esgotaram as reservas do bulbilho (dente) e ainda não estão com suficiente enraizamento.

Para solucionar este problema é recomendável uma adubação de cobertura, misturando-se uréia + borax + sulfato de zinco, cuja a aplicação para o caso dos associados, financiados pelo repasse, já estão com verba prevista. É só fazer a aplicação. Aqueles produtores que não fizeram a sua lavoura pelo repasse, devem procurar o Departamento Técnico, para melhor orientação sobre como deverão agir.

Quando o problema for causado por fungo, no caso do alho, pode ser feito o tratamento que a planta reage satisfatoriamente. A recomendação do produto, igualmente deve ser obtido junto ao Departamento Técnico, porque a recomendação varia em função do tamanho e condição geral da planta.



CEBOLA

A cebola, nesta época já está praticamente toda semeada, apesar de que ainda podem ser feitas semeaduras. Mas de um modo geral, pode-se afirmar que a maioria já está transplantada. O transplante ou a muda de cebola é bastante simples. Recomenda-se que se despoje as folhas e raízes para facilitar a operação, apesar de que o despoje não beneficia a planta em si, mas torna mais fácil e rápido o transplante.

Em algumas lavouras plantadas ou mesmo sementeiras, tem se notado manchas brancas nas folhas. Essas manchas podem ser originárias de: ataques de fungos (alternaria); ataque de uma mosquinha ou então variedade inadequada. Somente no caso da mosquinha, é que se pode auxiliar a planta. Essa mosquinha (trips) pode ser combatida com o uso de inseticida fosforado. Quando o problema for ataque de fungos ou variedade inadequada, economicamente, não há solução viável.



ALHO

As lavouras de alho, em geral, estão boas, apresentando germinação e desenvolvimento satisfatório. O que se tem ob-

Recados

O Departamento Técnico está lembrando aos associados que pretendem plantar aveia destinada à produção de grãos que não há necessidade de pressa para o plantio. Se a aveia não for utilizada para pastagem, o plantio poderá ser realizado durante todo o mês de julho, diminuindo inclusive os riscos de acamamento.

Em consequência da grande procura, por parte dos associados, de sementes de tremoço, e também em função da demora na retirada desta semente, o Departamento Técnico está avisando que não está mais garantindo a entrega dos pedidos efetuados.

Desde o mês de maio, estão à venda na loja da Unidade de Ijuí, produtos da linha Brasilit, tais como telhas e caixas d'água. Se a experiência der certo e houver aceitação, esses produtos também serão postos à venda nas demais Unidades.

Num trabalho conjunto com a Inspeção Veterinária local, a Cotrijuí, Unidade de Ijuí, vai iniciar nos próximos dias uma campanha de vacinação contra a brucelose, atingindo apenas terneiras. A brucelose é uma doença infecciosa, que pode causar abortos e esterilidade no

animal e também pode ser transferida ao homem, através do leite.

Embora a aftosa não tenha atingido os rebanhos da região pioneira a Inspeção Veterinária de Ijuí está iniciando uma intensa campanha de vacinação pelo interior. Todo o produtor deverá colaborar, vacinando seus animais, evitando assim, maiores riscos, já que a doença está alastrada por quase todo o Estado.

A rede de mercados da Cotrijuí, em função da crise de feijão preto (não existe feijão no Estado) está racionando o produto. Cada consumidor poderá levar no máximo 10 quilos de feijão, ao preço de Cr\$ 38,50 o quilo.

A loja da Unidade de Ijuí, está revendendo rodas d'água, moinhos a martelo e tufão forrageiras. As rodas d'água são fornecidas em três tamanhos: 1 metro; 1,20 metros e 1,5 metros. Já os moinhos têm a seguinte produção: moinhos a martelo, modelo Ato com 12 martelos para motor de 2 HP com uma produção de 3 sacos por hora; tipo forrageira tufão 2F com 24 martelos e 10,5 HP, com uma produção de 15 sacos por hora e o tipo forrageira tufão 3F, com 36 martelos e 12,5 HP, e a produção de 18 sacos por hora.

DITHANE M-45



Toda vez que alguém come um pedaço de bolo, uma bolacha, um pão, você também come um pedaço dos lucros. Dos lucros que o trigo lhe dá e só Dithane M-45 e Karathane* são capazes de garantir.

TRIGO	DITHANE M-45	COLHEITA
2 sacos de sementes/ha (+ boas práticas culturais)	3 aplicações de 2,5 kg/ha	22 a 25 sacos

Dithane M-45, o fungicida orgânico de largo espectro, garante que a Ferrugem da Folha, a Ferrugem do Colmo, a Septoriose e a Helmintosporiose não vão invadir sua lavoura de Trigo.

Dithane M-45, o pioneiro dos fungicidas do trigo, prova que nada é mais econômico que a qualidade.

**Karathane LC Fungicida específico para o combate do Oídio.



Fabricante de Dithane, Karathane, Blazer, Stam e Kelthane.

Este nome produz o milagre da multiplicação dos lucros.

A aplicação de defensivos exige técnica e cuidados especiais. Observe as recomendações dos agrônomos e técnicos agrícolas antes de cada aplicação.

POBRES SOLOS

O agricultor está cansado de ouvir falar em erosão, da necessidade de conservar o solo, de produzir sem destruir a terra e outras coisas do mesmo estilo. Ele também já está vendo que as sangas e lajeados próximos à sua propriedade estão desaparecendo, assim como os rios, há alguns anos atrás de águas limpas, estão agora barrentos até mesmo em época de seca. Se repara ainda que as plantas já não têm mais aquele mesmo viço e produção de antigamente.

Pois os técnicos também estão vendo isto e vivem alertando o agricultor sobre o que está acontecendo com o solo de toda região: nosso solo está perdendo suas características físicas, de retenção de água, de porosidade, de níveis de matéria orgânica, etc. Mas os técnicos podem falar disto tendo ainda na mão uma porção de dados que não chegam sempre ao agricultor. Estes dados são resultados de pesquisas que andam sendo feitas há tempos e que mostram números realmente de apavorar.

Pois sabem que num solo de mato, (e era assim em toda região do Planalto há anos atrás) a água penetra 310 milímetros no solo durante o período de uma hora? E que num solo cultivado mecanicamente por 20 anos, neste mesmo período de uma hora, a água penetra apenas 0,6 milímetros terra a dentro? É uma diferença gritante e que demonstra bem claro o porque nossas plantas têm sofrido tanto os períodos de seca.

Pois é, nossos solos estão perdendo sua qualidade. O solo que mais está sofrendo é exatamente o de terra vermelha (chamado pelos técnicos de latossolo), que cobre 80 por cento da área do Rio Grande do Sul. Então, se nada for feito para evitar que as características do solo desapareçam quase completamente, estamos traçando o destino dos nossos solos: o fim deles.

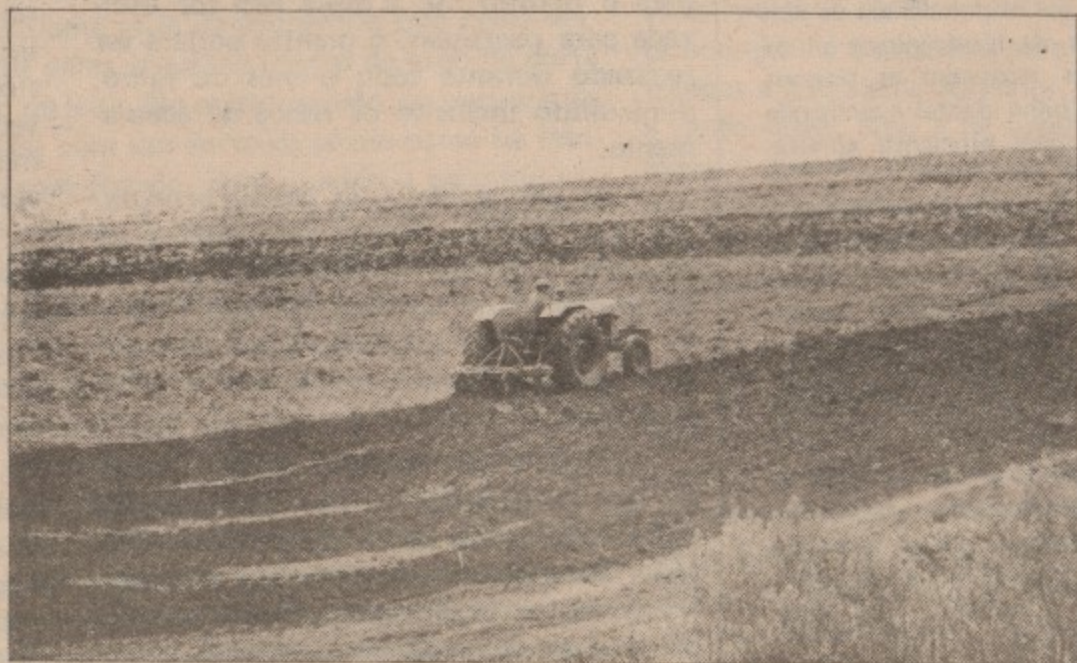
A COMPACTAÇÃO

O Luiz Volney de Mattos Viau, agrônomo da Cotrijuí e responsável pelos trabalhos de experimentos desenvolvidos no CTC (Centro de Treinamento Cotrijuí) conta pra gente dos resultados de uma pesquisa feita por um grupo de técnicos (da Secretaria da Agricultura, das cooperativas, da Embrapa, da Emater, de Faculdades de Agronomia do Rio Grande do Sul). Para iniciar a explicação, ele fala primeiro como é afinal o solo:

— Ele é construído de partículas de argila que são de tamanho minúsculo mesmo. Estas pequeninhas partes estão ligadas umas às outras — agregadas, como se fala — formando aquilo que chamamos estrutura do solo. O que une uma partícula à outra é a matéria orgânica.

A movimentação do solo com implementos agrícolas dentro de um sistema de produção como o nosso, de cultivo continuado, acaba quebrando a estrutura do solo. É que reduzindo os níveis de matéria orgânica, que são os agentes cimentantes das partículas do solo, estas partículas ficam separadas uma das outras e o solo acaba desagregado.

Quando isto acontece ficam diminuídos os espaços porosos (os espaços entre as partículas do solo, por onde en-



Quanto mais o solo é movimentado mais fácil é quebrada sua estrutura

tra o ar) surgindo então uma camada compacta, bem dura, de solo. Esta camada a gente sente na dificuldade de preparar a terra, com os arados fazendo a maior força para romper a dureza da terra. Este solo de terra vermelha geralmente é profundo (cerca de 2 metros) e a camada se localiza numa profundidade que varia dos 15 aos 20 centímetros.

A ÁGUA NÃO PENETRA

O mal que faz esta camada compacta é uma coisa impressionante. O primeiro aspecto negativo é que fica reduzida a capacidade de infiltração da água no solo, aquilo que se falava antes da profundidade que chega a água (se infiltra) no período de uma hora. No lugar da água penetrar na terra, ele tende a escorrer superficialmente no solo, começando a formar sulcos na lavoura, que é o sinal visível de erosão. Com isto, a planta não recebe a água que precisaria para se desenvolver satisfatoriamente.

Esta capacidade de infiltração da água é medida em milímetros por hora. Se na terra de mato a proporção era de 310 milímetros por hora, e na terra cultivada mecanicamente há 20 anos era de 0,6 milímetros, numa terra cultivada à tração animal por sete anos, a infiltração já chega a 31 milímetros por hora, enquanto num local onde apenas se adotou o plantio direto por quatro anos, o resultado chega a 7,5 milímetros por hora.

“Isto mostra”, conta o Volney, “que o cultivo continuado reduz bastante mesmo a capacidade de infiltração de água nos solos”.

A RAIZ TEM QUE FAZER FORÇA

Outra propriedade prejudicada é a resistência à penetração das raízes. Esta resistência é medida em quilos por centímetro quadrado, ou seja, qual a força que precisa fazer a raiz da planta para penetrar no solo. O que os técnicos observaram na pesquisa é que num solo de mato a raiz precisa fazer uma força equivalente a 2 quilos por centímetro quadrado para penetrar no solo. Já num local de solo desagregado este esforço pode ser superior a 12 quilos. Conta o Volney:

— Em algumas observações realizadas em solos do Estado se encontrou uma resistência de até 23 quilos por centímetro quadrado. Numa experiência feita

com soja, tremoço e colza se constatou que quando a resistência é de 12 quilos por centímetro quadrado, o volume do sistema radicular da planta ficou reduzido em cerca de 50 por cento.

Oras, se as raízes desenvolveram apenas a metade do que normalmente poderiam ter alcançado, logicamente também a planta não produziu tudo aquilo que seria capaz de produzir. No momento em que fica reduzido o volume de raízes da planta, também diminui a área onde esta planta pode buscar seus nutrientes. Isto é muito natural, pois quanto menores forem as raízes menos fundo elas chegam para buscar os nutrientes que precisam para desenvolver a planta.

Uma outra observação feita, esta no CTC, foi de que existe uma grande dificuldade para as raízes da soja penetrarem numa profundidade maior do que 13 centímetros. E isto que a raízes da soja têm

condições de alcançar até 20 a 25 centímetros de profundidade.

PERDENDO ADUBO

Outra coisa é que as próprias adubações ficam prejudicadas quando a planta não tem condições de desenvolver as suas raízes. Fala o Volney:

— Hoje as adubações são calculadas para uma área de solo que vai até uma profundidade de 18 a 20 centímetros. Então se a planta atinge com suas raízes só 10 centímetros, por exemplo, ela não está conseguindo absorver todos os nutrientes colocados no solo sob a forma de adubo. Aí então pode ocorrer aquilo que diz muito produtor: a planta que não adubei produziu quase a mesma coisa que a planta adubada. É que não foi aproveitado o adubo pela planta.

Outro efeito desta desagregação e conseqüente compactação, é que fica reduzida a quantidade de ar existente no solo. O solo ideal, como observa o Volney, deveria conter 45 por cento de matérias minerais (fósforo, potássio, alumínio, etc) 25 por cento de ar, 25 por cento de água e 5 por cento de matéria orgânica. Como o ar acaba sendo expulso do solo, a planta — assim como as pessoas — se ressentem muito da falta de oxigênio para crescer. Se as raízes ficam muito tempo sem ar, podem até parar de crescer para sempre:

— As plantas que mais sofrem com a falta de oxigênio no solo são o trigo e a cevada. Muito produtor pode lembrar que depois de um período de chuva o trigo começa a amarelecer, fica raquítico. É que o solo encharcado expulsa o ar. Numa experiência feita com algodão, por exemplo, se constatou que depois de 3 a 5 horas sem ar a raiz da planta morre. E aí se foi a produção.

Tem solução?

Estes problemas todos do solo têm solução? Têm sim. Mas não adianta fazer apenas uma das práticas recomendadas porque isto de pouco adianta. O agricultor deve adotar um conjunto de medidas para tentar recuperar e conservar seu solo.

O primeiro passo é fazer uma subsolagem a no mínimo uns 30 centímetros de profundidade. De nada adianta usar o escarificador numa profundidade menor, pois isto não vai resolver o problema da camada compactada. A dificuldade que se pode enfrentar é a pequena capacidade dos tratores que acabam sem força suficiente para fazer este trabalho. A sugestão, então, é tirar alguns ferros do pé-de-pato. No arado de 5 ferros, normalmente tracionado por um trator de 85 Hp, o melhor é retirar 2 dos ferros e trabalhar só com 3.

A segunda medida a ser adotada é cultivar plantas com um sistema radicular que tenha força para penetrar no solo. Estas plantas podem ser o tremoço, o sintro e a própria colza.

A incorporação dos restos culturais, das palhas, também é muito importante. São estes restos que vão dar origem

à matéria orgânica que vai novamente agregar as partículas do solo.

Uma quarta medida é fazer a rotação de culturas. O plantio de pastagens permanentes, neste caso, tem um papel fundamental na conservação e melhoramento do solo, pois incorporam matéria orgânica no solo.

Outro passo é fazer a adubação verde, (com o tremoço, por exemplo), que vai manter a estabilidade da estrutura do solo.

Por fim, se recomenda ainda tentar reduzir as operações agrícolas. Plantando trigo e soja no sistema tradicional de cultivo, se passa de 15 a 16 vezes com as máquinas no mesmo lugar (na preparação da terra, na aplicação de defensivos, na colheita, etc). A prática recomendada é o plantio direto, que exige no máximo a passagem de oito vezes pela lavoura, reduzindo assim, praticamente pela metade, o número de operações. É claro que o plantio direto tem suas limitações. Uma é usar máquinas especiais ou mesmo adaptar as semeadeiras atualmente em uso. Outra é que não deve ser recomendado em áreas já compactadas.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Allô amiguinhos! Tudo bem? É tão gostoso poder entrar na casa de vocês, todos os meses através do COTRISOL. Espero que vocês gostem tanto quanto eu. Neste mês o COTRISOL trará para todos, um texto e sugestões para as Festas Juninas; jogos para serem jogados dentro de casa nos dias frios e chuvosos e, ainda as preciosas colaborações de ADILSON HINTZ, de Coronel Barros e de Maria B. de Moura de Redentora. Bom Proveito!

Adilson enviou várias adivinhações com as respectivas respostas. Só que nós não vamos colocá-las. Vamos deixar que vocês quebrem a cabeça um pouco. Mandem as respostas para o COTRISOL.

▲-QUAL O SOBRENOME QUE CORTA?

■-DE QUE SE PODE ENCHER UM BARRIL PARA QUE FIQUE MAIS LEVE?

▣-QUAL A NOTA MUSICAL QUE MAIS BRILHA?

♥-O QUE É, QUANTO MAIS SE TIRA, MAIS SE TEM?

★-SE LEVARMOS UM HOMEM MORTO DO BRASIL À EUROPA, O QUE ELE SERÁ?

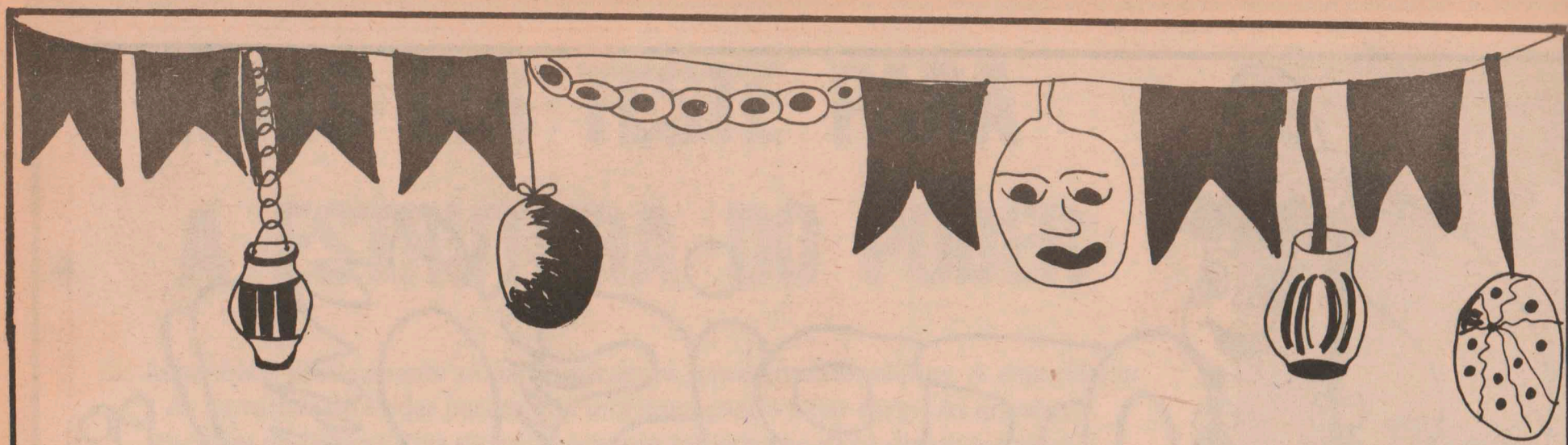
⊕-SE VOCÊ DÁ, FICA COM ELA, SE NÃO DÁ, FICA SEM ELA....

▣-QUAL É A FERRAMENTA DE CARPINTEIRO QUE TEM 7 LETRAS, MAS TIRANDO 4 FICA UMA

OUTRAS PERGUNTAS ENVIADAS POR ADILSON:

1. Abrindo uma porta, quem entra 1º?.....
2. Qual o animal que valeu muito?.....
3. Por que D. Pedro I usava suspensórios verde-amarelos?.....
4. O que é que não fala, mas diz tudo?.....
5. Com que é que se lava um tigre?.....
6. O que brilha mais que uma luz?.....
7. O que é que está sempre no começo do meio?.....
8. Onde a cascavel carrega a casca?.....
9. Qual é a pergunta que nunca se responde "sim"?





FESTAS JUNINAS

(13, 24 e 29)

As festas juninas são expressões vivas e coloridas da tradição festiva — religiosa do nosso povo.

Nas três datas são festejados respectivamente Santo Antônio de Pádua, São João Batista e o Apóstolo São Pedro, que foi o primeiro-Papa da Igreja, recebendo, do próprio Jesus, a missão de apascentar as "ovelhas".

As datas são muito comemoradas em certas regiões com festividades singelas, fogos de artifícios, balões, fogueiras, bailes-caipiras etc. Nos centros urbanos, a civilização vai acabando aos poucos o ardor dessas manifestações e as festas quase se resumem a danças, comidas e prendas. No interior porém, perdura ainda a ingenuidade saborosa dos festejos juninos, em sua expressão folclórica integral.

Santo Antônio foi um grande pregador nascido em Lisboa. São João era primo de Jesus e foi quem o batizou, às margens do Rio Jordão. São Pedro foi o Apóstolo escolhido para substituir Jesus, na chefia da Igreja.

Para o Brasil a devoção foi trazida pelos Portugueses e espalhada com a satisfação de um hábito agradável.

Todo o ciclo das festas juninas, por exemplo, é caracterizado por um conjunto de práticas provenientes do folclore europeu.

A 13 de junho, as festas de Santo Antônio iniciam o ciclo. A de São João é a mais importante: Festa de ruas, de terreiros, e de quintais, coincide com o início do verão do hemisfério norte e do inverno do sul. Toda a Europa conheceu a tradição de acender fogueira e dançar em redor do fogo, para afastar espíritos malignos ao mesmo tempo em que se tira "Sorte" para prever o futuro. Era a época em que se festejava as proximidades das colheitas, tradição trazida, ao Brasil, pelos Portugueses e já desvinculadas de suas origens agrícolas com a urbanização crescente, desaparece pouco a pouco seu caráter folclórico, a não ser em localidades mais distantes dos centros urbanos. Mas ainda pode esta festa tornar-se uma verdadeira manifestação do povo. Para isto é preciso estudar, pesquisar a verdadeira história e sermos autênticos.

Como as festas juninas são sempre recebidas com grande alegria pelas crianças, talvez seja por intermédio delas que se possa fazer algo.

Converse com o seu professor para que ele aproveite em sala de aula, tão rico tema para desenvolver determinados hábitos e atividades como:

- Admiração pelas nossas festas tradicionais;

- Valorização do trabalho do homem do meio rural;

- Respeito pelas pessoas antigas, etc.

Com o auxílio dos mais variados recursos serão abordados os seguintes assuntos:

- A vida dos padroeiros destas festas:

- Santo Antônio — 13 de junho — lendas — sua vida;

- São João — 24 de junho — seu nascimento — batismo de Jesus.

- Lenda da fogueira de São João;

- São Pedro — 29 de junho — sua transformação de pescador em primeiro Papa.

- A igreja e o lar comemorando estes Santos:

- A igreja, através de missas, novenas, procissões;

- O lar, através de festas com fogos, fogueiras, quadrilhas, alimentos típicos.

- A vida do homem do meio rural — vestuário, alimentação, costumes, transportes animais, plantações — comparação da vida na cidade e no interior;

- O inverno — alimentação e vestuário adequados — hábitos de higiene e conservação da saúde; fogo no chão, histórias de antigamente.

Durante esse período, o professor poderá trabalhar em grupos em todas as oportunidades como:

- Ornamentação na sala de aula e do pátio da escola, com bandeirinhas, lanternas, correntes, murais, cartazes . . .

- Alimentos próprios das festas juninas;

- Autênticos trajes caipiras sem remendos, sem chapéu desfiados;

- Plantas e animais do meio rural;

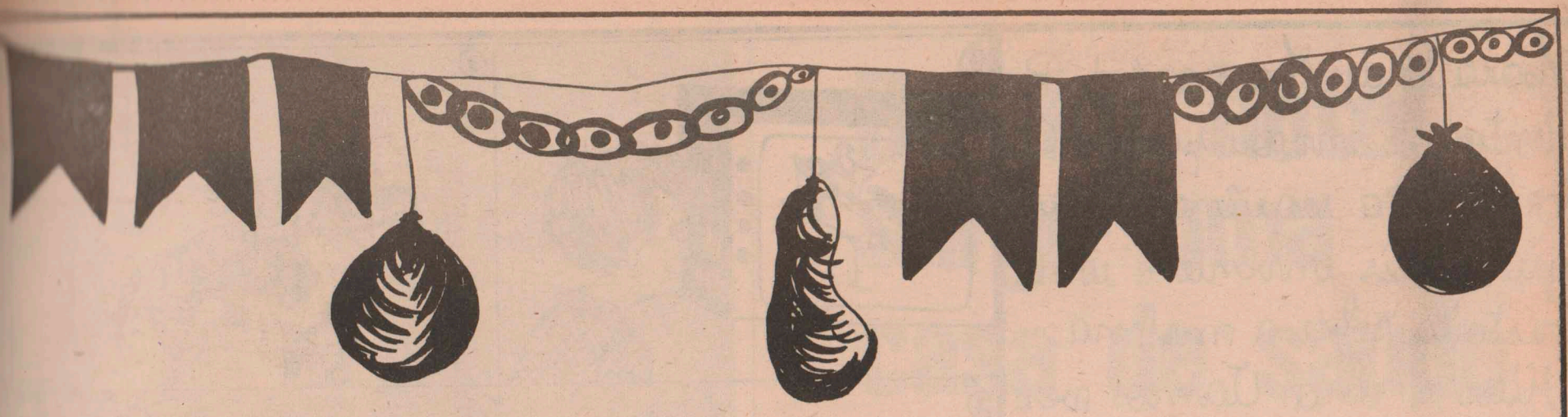
- O que vemos no mês de junho;

- Construção de um arraial;

- Confecção de convites, programas e pequenas prendas para a festa da escola;

- Participação na festa da escola, apresentando números de danças folclóricas, jogos diversos, comidas e bebidas do Brasil.

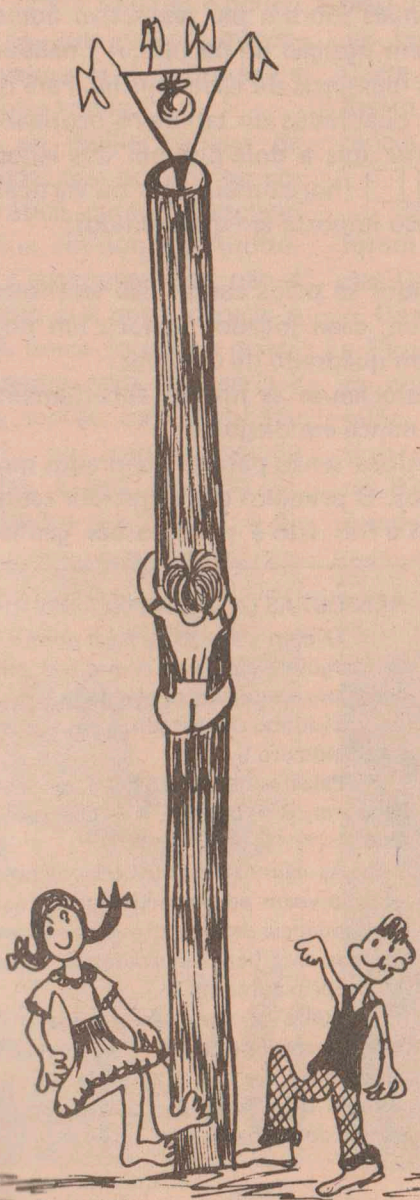




OUTROS EVENTOS

PAU – DE – SEBO – nas festas de comunidade é muito comum aparecer uma das mais populares formas de recreação – o pau-de-sebo.

Bem cedo, no dia da festa, um dos últimos retoques da aprontação é o elevamento do pau-de-sebo. Sua altura varia de cinco metros para cima. E cuidadosamente preparado, tirando todos os nódulos que possam existir, alguns lixam-nos, sendo depois, por último revestido com sebo de boi derretido. No topo, colocam um triângulo de madeira e neste amarram dinheiro, ou outra prenda.



COMIDAS E BEBIDAS

Como acontece em todas as festas, não pode faltar os salgados, doces e guloseimas. Lembremo-nos que a festa junina é folclórica; – não permitamos deturpações. É assim que se perde uma tradição. As comidas devem ser “nossas”. Devemos usar nossos produtos agrícolas como a pipoca, a cangica, a batata-doce, muitas vezes a própria fogueira é utilizada para assá-los.

Citaremos algumas das comidas e bebidas típicas, que sofreram no decorrer dos tempos, grande influência da cozinha africana, trazida para o Brasil, pelos escravos;

– O bolo de São João com o carneirinho no alto;

– Pamonhas, cangicas, bebidas, sequilhos, papos-de-anjo, aipim, melado, rapadura, pé-de-moleque, doce de abóbora, pão-de-ló, roletes de cana, batata assada, e outras típicas da região onde a festa se realiza;

– Caldo de cana – garapa, refrescos de frutas, o mate, quentão, etc.

JOGOS

– Sugestões de jogos valendo prendas, para o dia da festa junina:

Acertar no alvo – cada jogador recebe três bolinhas e, de uma certa distância, procura jogá-la dentro da boca de um grande caipira, desenhado em cartolina.

Catar amendoim – cada criança deve apanhar, com uma colher os amendoins colocados à sua frente, a uma certa distância, e levá-los para seu lugar, junto a linha de partida, uma de cada vez. Vence quem primeiro reunir os cinco grãos.

Corrida de Funis – introduzir numa corda, dois funis, com a parte mais fina voltada para um laço feito no centro. Os jogadores terão que apenas soprando, levar os funis até o laço.

Corrida do Saci – riscar, no chão, duas linhas paralelas e a de chegada. Ao sinal combinado as crianças saem pulando num pé só, em direção à linha de chegada.

Corrida de Sacos – semelhante à corrida de saci, fazendo cada jogador o percurso com o corpo enfiado num saco, bem preso à cintura.

Corrida de três pés – cada jogador amarrará a perna esquerda à direita do parceiro e, assim pularão até a linha de chegada.

Colocar Bigode no Caipira – desenhar o rosto

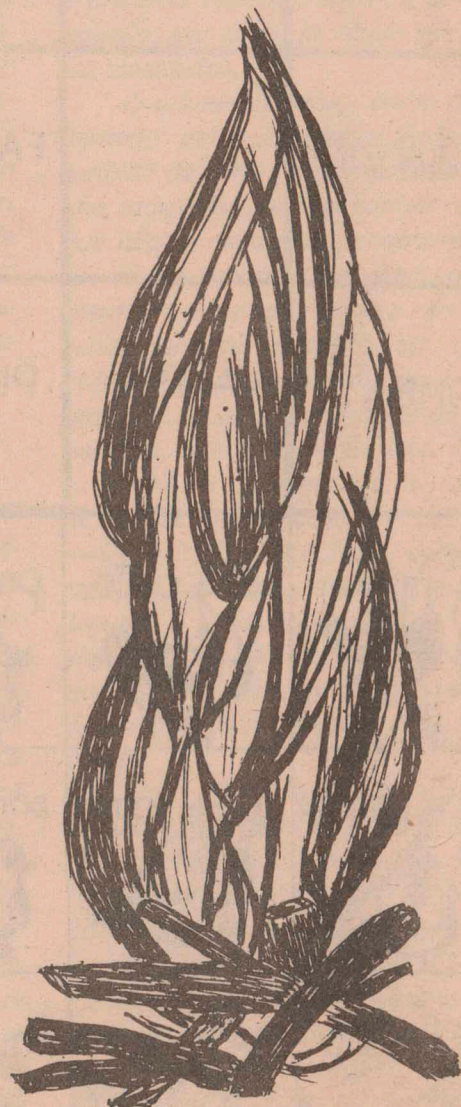
de um caipira. Cada jogador de olhos vendados, tentará colocar um bigode. Vencerá o que mais se aproximar do objetivo.

Ovo na Colher – cada criança corre equilibrando um ovo cozido (tomate ou batata) numa colher.

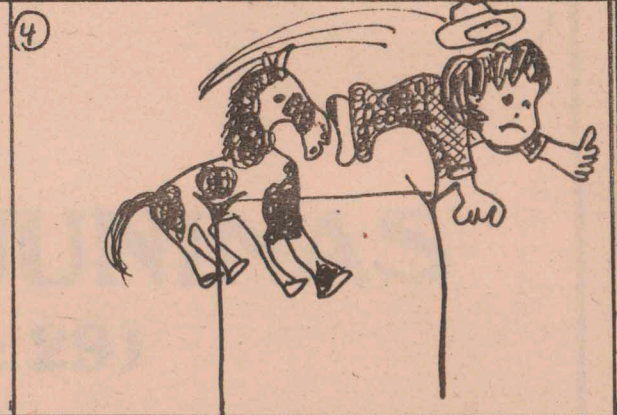
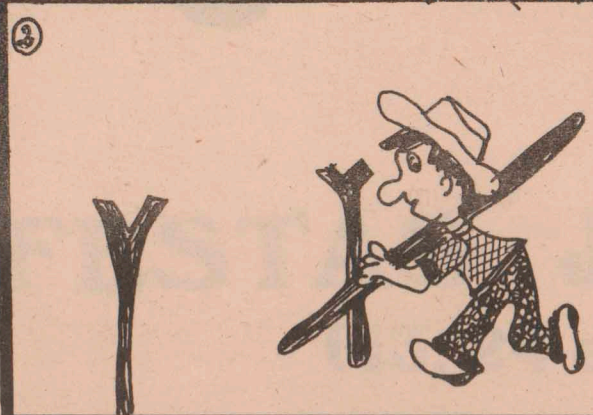
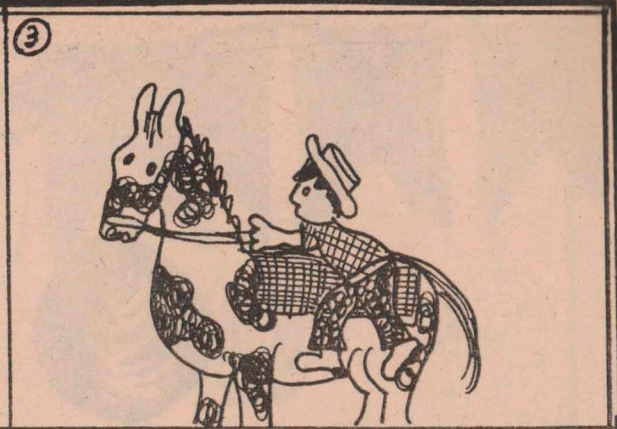
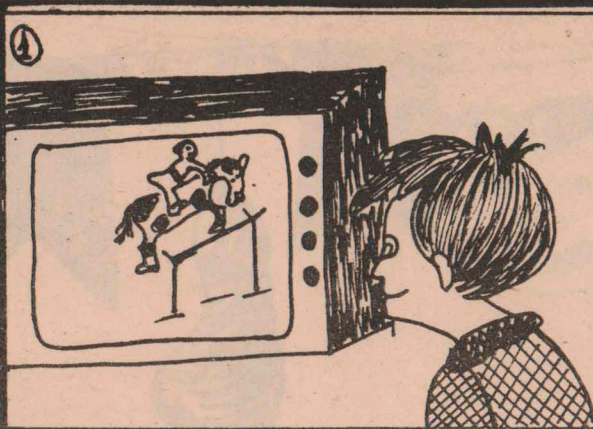
Na sua comunidade ainda acontecem festas juninas?

Como são? Todos participam?

Escreva para o COTRISOL, contando tudo, como aconteceu . . .



Mara B. de Moura é de Redentora e enviou para o COTRISOL esta sequência para que vocês inventem uma história sobre a mesma. Mas a obra. Vamos ver a criatividade funcionando. Mara enviou outra colaboração que sairá no COTRISOL do mês de julho. Aguarde!



	PATO	FAISOA		POMBINHA
POMBO	PERU		GANSO	PERUA
	GALO	PATA	GALINHA	
FAISÃOZINHO		FAISÃO	GANSINHO	PATINHO
POMBA	GANSA	PINTO		PERUZINHO

Penas de todas as cores

COMO MUITOS OUTROS ANIMAIS, AS AVES DOMÉSTICAS GOSTAM DE VIVER EM FAMÍLIA. ENTREM NOS SEUS DOMÍNIOS COM UMA MÃO-CHEIA DE MILHO: ELAS VIRÃO CORRENDO, PEDINDO A SUA PARTE!

Jogo: podem jogar duas ou três pessoas. Recortar na folha destacável abaixo, as 18 (dezoito) marcas. Estas marcas representam os três membros de 6 famílias: A família do Pato, com a Pata e o Patinho; a família Ganso, com a Gansa e o Gansinho, etc. . . Distribuir as marcas: se se joga aos pares três famílias para cada jogador; se forem três a jogar, para cada jogador serão duas famílias. Cada um dispõe depois as suas marcas no tabuleiro, colocando os animais sobre o seu respectivo nome. Assim, estão todos em posição de partida. A finalidade do jogo é agrupar os membros de cada família. Para que isto se consiga, os quadrados do tabuleiro ocupados por eles devem tocar-se dois a dois por um dos lados. Por exemplo: (horizontalmente ou verticalmente), ou (não importa em que sentido).

Atenção: unidos só pelos cantos não vale! sorteada a ordem da partida, cada jogador desloca um dos animais (à escolha) um quadrado de cada vez.

Notas: 1. deslocam-se as marcas verticalmente ou horizontalmente, nunca em diagonal;

2. Não se desloca senão para os quadrados que não estiverem ocupados. O primeiro que conseguir reunir todos os animais três a três, isto é, por famílias, ganha.

pato	pata	patinho	galo	galinha	pinto
pombo	pomba	pombinha	peru	perua	peruzinho
faisão	faisoa	faisãozinho	ganso	gansa	gansinho

RESPOSTAS DO NÚMERO ANTERIOR

O pato sai seco da água porque antes de mergulhar ele passa com o bico em suas penas um óleo das suas glândulas.

Pintinho desastrado: a parte que falta é a de número 6.

Palavras cruzadas: 1 - Papagaio, 2 - Penugem, 3 - Seringe, 4 - Ovíparos, 5 - Asas.

As galinhas e patos criados no quintal, não voam porque engordam demais pela abundância de alimentos que encontram. As suas asas ficam incapazes de sustentar seu próprio corpo no ar.

Todas as aves são papudas? Todas possuem moela e papo? Não. Moela e papo são comuns nas aves granívoras (que se alimentam de grãos). No papo o alimento é amolecido. O papo é uma dilatação do esfago.

Passatempo: 1 - Gaúcho, 2 - chimarrão, 3 - cuia, 4 - bomba, 5 - erva.